

# NOVAS RELIQUIAS

MACHADO DE ASSIS

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

# NOVAS RELIQUIAS

EDITORA GUANABARA  
WAISSMAN, KOOGAN LTDA.  
RUA DOS OURIVES, 95 — RIO

## PREFÁCIO

Em 1906 publicou Machado de Assis as suas *Relíquias de Casa Velha*, a que o carinho de Mario de Alencar deu por companheiras, em 1920, *Outras relíquias*, coleção póstuma, em prosa e verso, de vários escritos do Mestre.

«Na mina do ouro, e na casa do ourives», dizia o clássico de Francisco Manuel de Mello, «até as varreduras são de vinte e quatro quilates». Assim pensando, foi que da opulenta oficina do mágico joalheiro do verso e discreto ourives da prosa, — o immortal autor das *Falenas* e de *Braz Cubas*, — recolhemos algumas aparas, enfeixando neste volume vários dos seus trabalhos, que jaziam esquecidos e dispersos.

São fantasias, artigos de crítica literária e dramática, um punhado de versos ... Em tudo isso, porém, já nos aparece o prosador escrupuloso, o espirito atilado, o poeta amável, e admiramos o aticismo da frase, o sorriso do filósofo, e, sobre tudo, a excelencia do critico, que, entremostrando falhas ou louvando meritos, estuda e analisa livros e autores, sem vitupério azedo nem louvor excessivo, aplaudindo com medida os consagrados, animando paternal os estreantes. Para estes tem até conselhos de irmão mais velho, guiando-os em suas tentativas literárias, ainda incertos e vacilantes.

As poesias, aqui recolhidas, são da primeira fase do poeta; mas, ainda assim, não desmerecem a fama do cantor de *Corina*. Delatam quasi todas o romantismo da epoca, e o proprio byronismo aí tem o seu tributo na ode ao *Cognac*, que faz lembrar ao leitor o *Charuto*, de Alvares de Azevedo.

Enfim, *outras relíquias*, mas relíquias de palácio opulento, que todas têm cada uma o seu valor, a que o tempo imprime, ademais, carinho e veneração.

OS EDITORES

# FANTASIAS

## UM CÃO DE LATA AO RABO

Era uma vez um mestre-escola, residente em Chapéu d'Uvas, que se lembrou de abrir entre os alunos um torneio de composição e de estilo; idéa útil, que não somente afeiçou e desafiou as mais diversas ambições literárias, como produziu páginas de verdadeiro e raro merecimento.

—Meus rapazes, disse ele. Chegou a ocasião de brilhar e mostrar que podem fazer alguma coisa. Abro o concurso, e dou quinze dias aos concurrentes. No fim dos quinze dias, quero ter em minha mão os trabalhos de todos; escolherei um júri para os examinar, comparar e premiar.

—Mas o assunto? perguntaram os rapazes batendo palmas de alegria.

—Podia dar-lhes um assunto histórico; mas seria fácil, e eu quero experimentar a aptidão de cada um. Dou-lhes um assunto simples, aparentemente vulgar, mas profundamente filosófico.

—Diga, diga!

—O assunto é este: — *um cão de lata ao rabo*, Quero vê-los brilhar com opulências de linguagem

e atrevimentos de idéa. Rapazes, á obra! Claro é que cada um pode apreciá-lo conforme o entender. O mestre-escola nomeou um júri, de que eu fiz parte. Sete escritos foram submetidos ao nosso exame. Eram geralmente bons; mas tres, sobretudo, mereceram a palma e encheram de pasmo o júri e o mestre, tais eram — neste o arrojo do pensamento e a novidade do estilo, — naquele a pureza da linguagem e a solenidade academica, — naquele outro a erudição rebuscada e técnica,— tudo novidade, ao menos em Chapéu d'Uvas. Nós os classificámos pela ordem do mérito e do estilo. Assim, temos:

- 1.º Estilo antitético e asmático.
- 2.º Estilo *ab ovo*.
- 3.º Estilo largo e clássico.

Para que o leitor fluminense julgue por si mesmo de tais méritos, vou dar adiante os referidos trabalhos, até agora inéditos, mas já agora sujeitos ao apreço público.

## 1

### ESTILO ANTITÉTICO E ASMÁTICO

O cão atirou-se com ímpeto. Fisicamente, o cão tem pés, quatro; moralmente, tem azas, duas. Pés: ligeireza na linha reta. Azas: ligeireza na linha ascencional. Duas forças, duas funções. Espádua de anjo no dorso de uma locomotiva.

Um menino atara a lata ao rabo do cão. Que é o rabo? Um prolongamento e um deslumbramento. Esse apendice, que é carne, é também um clarão. Di-lo a filosofia? Não; di-lo a etimologia. Rabo, rabino: duas idéas e uma só raiz.

A etimologia é a chave do passado, como a filosofia é a chave do futuro.

O cão ia pela rua fora, a dar com a lata nas pedras. A pedra faiscava, a lata retinia, o cão voava. Ia como o raio, como o vento, como a idéa. Era a revolução, que transtorna, o temporal que derruba, o incendio que devora. O cão devorava. Que devorava o cão? O espaço. O espaço é comida. O céu pôs esse transparente manjar ao alcance dos impetuosos. Quando uns jantam e outros jejuam; quando, em opposição ás toalhas da casa nobre, ha os andrajos da casa pobre; quando em cima as garrafas choram *lacrima-christi*, e em baixo os olhos choram lágrimas de sangue, Deus inventou um banquete para a alma. Chamou lhe espaço. Esse imenso azul, que está entre a creatura e o creador, é o caldeirão dos grandes famintos. Caldeirão azul: antinomia, unidade.

O cão ia. A lata saltava como os guizos do arlequim. De caminho envolveu-se nas pernas de um homem. O homem parou; o cão parou: pararam diante um do outro. Contemplação única! *Homo, canis*. Um parecia dizer: — Liberta-me! O outro parecia dizer: — Afasta-te! Após alguns instantes, recuaram ambos; o quadrúpede deslaçou-se

do bípede. *Canis* levou a sua lata; *homo* levou a sua vergonha. Divisão equitativa. A vergonha é a lata ao rabo do character.

Então, ao longe, muito longe, troou alguma coisa funesta e misteriosa. Era o vento, era o furacão que sacudira as algemas do infinito e rugia como uma imensa pantera. Após o rugido, o movimento, o ímpeto, a vertigem. O furacão vibrou, uivou, grunhiu. O mar calou o seu tumulto, a terra calou a sua orquestra. O furacão vinha retorcendo as árvores, essas torres da natureza, vinha abatendo as torres, essas árvores da arte; e rolava tudo, e aturdia tudo, e ensurdecia tudo. A natureza parecia atonita de si mesma. O condor, que é o colibri dos Andes, tremia de terror, como o colibri, que é o condor das rosas. O furacão igualava o píncaro e a base. Diante dele o máximo e o mínimo eram uma só coisa: nada. Alçou o dedo e apagou o sol. A poeira cercava-o todo; trazia poeira adiante, atrás, á esquerda, á direita; poeira em cima, poeira em baixo. Era o redomoínho, a convulsão, o arrazamento.

O cão, ao sentir o furacão, estacou. O pequeno parecia desafiar o grande. O finito encarava o infinito, não com pasmo, não com medo; — com desdém. Essa espera do cão tinha alguma coisa de sublime. Ha no cão que espera uma expressão se melhante á tranqüilidade do leão ou á fixidez do deserto. Parando o cão, parou a lata. O furacão viu de longe esse inimigo quieto; achou-o sublime



e despresível. Quem era ele para o afrontar? A um quilometro de distancia, o cão investiu para o adversário. Um e outro entraram a devorar o espaço, o tempo, a luz. O cão levava a lata, o furacão trazia a poeira. Entre eles, e era redor deles, a natureza ficara extática, absorta, atonita. Súbito grudaram-se. A poeira redomoinhou, a lata reuniu com o fragor das armas de Aquiles. Cão e furacão envolveram-se um no outro; era a raiva, a ambição, a loucura, o desvario; eram todas as forças, todas as doenças; era o azul, que dizia ao pó: és baixo; era o pó, que dizia ao azul: és orgulhoso. Ouvia-se o rugir, o latir, o retinir; e por cima de tudo isso, uma testemunha impassível, o Destino; e por baixo de tudo isso, uma testemunha visível, o Homem.

As horas voavam como folhas num temporal. O duelo prosseguia sem misericórdia nem interrupção. Tinha a continuidade das grandes cóleras. Tinha a persistencia das pequenas vaidades. Quando o furacão abria as largas azas, o cão arreganhava os dentes agudos. Arma por arma; afronta por afronta; morte por morte. Um dente vale uma aza. A aza buscava o pulmão para sufocá-lo; o dente buscava a aza para destruí-la. Cada uma dessas duas espadas implacáveis trazia a morte na ponta.

De repente, ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo. A poeira subiu, o ar clareou, e o terreno do duelo apareceu aos olhos do ho-

mem estupefacto. O cão devorara o furacão. O pó vencera o azul. O mínimo derrubara o máximo. Na frente do vencedor havia uma aurora; na do vencido negrejava uma sombra. Entre ambos jazia, inútil, uma coisa: a lata.

## II ESTILO «AB

### OVO»

Um cão saiu de lata ao rabo. Vejamos primeiramente o que é o cão, o barbante e a lata; e vejamos si é possível saber a origem do uso de por uma lata ao rabo do cão.

O cão nasceu no sexto dia. Com efeito, achamos no *Genesis*, cap. I, v. 24 e 25, que, tendo creado na véspera os peixes e as aves, Deus creou naquele dia as bestas da terra e os animais do mestiços, entre os quais figura o de que ora trato.

Não se pôde dizer com acerto a data do barbante e da lata. Sobre o primeiro, encontramos no *Exodo*, cap. XXVII, v. 1, estas palavras de Jeová: « Farás dez cortinas de linho retorcido ... »; donde se pôde inferir que já se torcia o linho, e por conseguinte se usava o cordel. Da lata as induções são mais vagas. No mesmo livro do *Éxodo*, cap. XXVII, v. 3, fala o profeta em *caldeiras*; mas logo adiante recomenda que sejam de cobre. O que não é o nosso caso.

Seja como fôr, temos a existência do cão, provada pelo *Genesis*, e a do barbante citada com verossimilhança no *Éxodo*. Não havendo prova cabal da lata, podemos crer, sem absurdo, que existe, visto o uso que dela fazemos.

Agora: — donde vem o uso de atar uma lata ao rabo do cão? Sobre este ponto a história dos povos semíticos é tão obscura como a dos povos arianos. O que se pôde afiançar é que os Hebreus não o tiveram. Quando David (*Reis*, cap. V, v. 16) entrou na cidade a bailar defronte da arca, Micol, a filha de Saul, que o viu, ficou fazendo má idéa dele, por motivo dessa expansão coreográfica. Concluo que era um povo triste. Dos Babilônios supponho a mesma coisa, e a mesma dos Cananeus, dos Jabuseus, dos Amorreus, dos Filisteus, dos Fariseus, dos Heteus e dos Heveus.

Nem admira que esses povos desconhecessem o uso de que se trata. As guerras que traziam não davam lugar á criação do município, que é de data relativamente moderna; e o uso de atar a lata ao cão, ha fundamento para crer que é contemporâneo do município, porquanto nada menos é que a primeira das liberdades municipais.

O município é o verdadeiro alicerce da sociedade, do mesmo modo que a família o é do município. Sobre este ponto estão de acordo os mestres da ciencia. Daí vem que as sociedades remo

tíssimas, si bem tivessem o elemento da família e o uso do cão, não tinham nem podiam ter o de atar a lata ao rabo desse digno companheiro do homem, por isso que lhe faltava o município e as liberdades correlatas.

Na *Iliada* não ha episódio algum que mostre o uso da lata atada ao cão. O mesmo direi dos Vedas, do Popol-Vuh e dos livros de Confúcio. Num hino a Varuna (*Rig-Veda*, cap. I, v. 2), fala-se em um «cordel atado em baixo». Mas não sendo as palavras postas na boca do cão, e sim do homem, é absolutamente impossível ligar esse texto ao uso moderno.

Que os meninos antigos brincavam, e de modo, vário, é ponto incontroverso, em presença dos autores. Varrão, Cícero, Aquiles, Aulo Gélio, Suetônio, Higino, Propércio, Marcial, falam de diferentes objetos com que as crianças se entretinham, ou fossem bonecos, ou espadas de pau, ou bolas, ou análogos artefícios. Nenhum deles, entretanto, diz uma só palavra do cão de lata ao rabo. Será crível que, si tal genero de divertimento houvera entre Romanos e Gregos, nenhum autor nos desse dele alguma notícia, quando o facto de haver Alcibiades cortado a cauda de um cão seu é citado solenemente no livro de Plutarco?

Assim explorada a origem do uso, entrarei no exame do assunto que... (*Não houve tempo para concluir*).

## III ESTILO

## LARGO E CLÁSSICO

Larga messe de louros se oferece ás inteligencias altíloquas, que, no prélio agora encetado, tem de terçar armas, temperadas e finas, ante o ilustre mestre e guia de nossos trabalhos; e porquanto os apoucamentos do meu espírito me não permitem justar com glória, e quiçá me condenam a pronto desbaratamento, contento-me em seguir de longe a trilha dos vencedores, dando-lhes as palmas da admiração.

Manha foi sempre da puerícia atar uma lata ao apêndice posterior do cão: e essa manha, não por certo louvável, é quási certo que a tiveram os párvulos de Atenas, não obstante ser a abelha mestra da antigüidade, cujo mel ainda hoje gosta o paladar dos sabedores.

Tinham alguns infantes, por brinco e gala, atado uma lata a um cão, dando assim folga a aborrecimentos e enfados de suas tarefas escolares. Sentindo a mortificação do barbante, que lhe prendia a lata, e assustado com o soar da lata nos seixos do caminho, o cão ia tão cego e desvairado, que a nenhuma coisa ou pessoa parecia atender.

Movidos da curiosidade, acudiam os vizinhos ás portas de suas vivendas, e, longe de sentirem a compaixão natural do homem quando vê padecer outra criatura, dobravam os agastamentos do cão

com surriadas e vaias. O cão perlustrou as ruas, saiu aos campos, aos andurriais, até entestar com uma montanha, em cujos alcantilados píncaros desmaiava o sol, e ao pé de cuja base um mancebo apascoava o seu gado.

Quiz o Supremo Opífice que este mancebo fosse mais compassivo que os da cidade, e fizesse acabar o suplício do cão. Gentil era ele, de olhos brandos e não somenos em graça aos da mais formosa donzela. Com o cajado ao hombro, e sentado num pedaço de rochedo, manuseava um tomo de Virgílio, seguindo com o pensamento a trilha daquele caudal engenho. Aproximando-se o cão do mancebo, este lhe lançou as mãos e o deteve. O mancebo varreu logo da memória o poeta e o gado, tratou de desvincular a lata do cão e o fez em poucos minutos, com mór destreza e paciencia.

O cão, aliás vultoso, parecia haver desmedrado fortemente, depois que a malícia dos meninos o pusera em tão apertadas andanças. Livre da lata, lambeu as mãos do mancebo, que o tomou para si, dizendo: — De ora avante, me acompanharás ao pasto.

Folgareis certamente com o caso que deixo narrado, embora não possa o apoucado e rude estilo do vosso condiscipulo dar ao quadro os adequados toques. Feracíssimo é o campo para engenhos de mais alto quilate; e, embora abastado de urzes, e porventura coberto de trevas, a imagina

ção dará o fio de Ariádne com que sói vencer os mais complicados labirintos.

Entranhado anelo me enche de antecipado gosto, por ler os produtos de vossas inteligências, que serão em tudo dignos do nosso digno mestre, e que desafiarão a foice na morte colhendo vasta seara de louros imarcecíveis com que engrinaldareis as fronte imortais.

Tais são os tres escritos; dando-os ao prelo, fico tranqüilo com a minha consciencia; revelei tres escritores.

*O Cruzeiro*, Rio, 2 abril, 1878.

## FILOSOFIA DE UM PAR DE BOTAS

Uma destas tardes, como eu acabasse de jantar, e muito, lembrou-me dar um passeio á praia de Santa Luzia, cuja solidão é propícia a todo homem que ama digerir em paz. Ali fui, e com tal fortuna que achei uma pedra lisa para me sentar, e nenhum folego vivo nem morto. — Nem morto, felizmente. Sentei-me, alonguei os olhos, espreguicei a alma, respirei á larga, e disse ao estomago: — Digeres a teu gosto, meu velho companheiro. *Deus nobis há'c otia jecit.*

Digeria o estomago, enquanto o cérebro ia remoendo, tão certo é, que tudo neste mundo se resolve na mastigação. E digerindo, e remoendo, não reparei logo que havia, a poucos passos de mim, um par de coturnos velhos e imprestáveis. Um e outro tinham a sola rota, o tacão comido do longo uso, e tortos, porque é de notar que a generalidade dos homens camba, ou para um ou para outro lado. Um dos coturnos (digamos botas, que não lembra tanto a tragédia), uma das botas tinha um rasgão de calo. Ambas estavam maculadas de



lama velha e seca; tinham o couro ruço, poído, encarquilhado.

Olhando casualmente para as botas, entrei a considerar as vicissitudes humanas, e a conjecturar qual teria sido a vida daquele produto social. Eis sinão quando, ouço um rumor de vozes surdas; em seguida, ouvi sílabas, palavras, frases, períodos; e, não havendo ninguém, imaginei que era eu, que eu era ventríloquo; e já podem vêr si fiquei consternado. Mas não, não era eu; eram as botas, que falavam entre si, suspiravam e riam, mostrando, em vez de dentes, umas pontas de taxas enferrujadas.

Prestei o ouvido; eis o que diziam as botas:

#### BOTA ESQUERDA

Ora, pois, mana, respiremos e filosofemos um pouco.

#### BOTA DIREITA

Um pouco? Todo o resto da nossa vida, que não ha de ser muito grande; mas, enfim, algum descanso nos trouxe a velhice. Que destino! Uma praia! Lembras-te do tempo em que brilhávamos na vidraça da rua do Ouvidor?

#### BOTA ESQUERDA

Si me lembro! Quero até crer que éramos as mais bonitas de todas. Ao menos na elegancia...

#### BOTA DIREITA

Na elegancia, ninguém nos vencía.

BOTA ESQUERDA

Pois olha que havia muitas outras, e presumidas, sem contar aquelas botinas côm de chocolate ... aquele par...

BOTA DIREITA

O dos botões de madre-pérola?

BOTA ESQUERDA

Esse.

BOTA DIREITA

O daquela viuva?

BOTA ESQUERDA

O da viuva.

BOTA DIREITA

Que tempo! Éramos novas, bonitas, asseidadas; de quando em quando, uma passadela de pano de linho, que era uma consolação. No mais, plena ociosidade. Bom tempo, mana, bom tempo! Mas, bem dizem os homens: não ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe.

BOTA ESQUERDA

O certo é que ninguém nos inventou para vivermos novas toda a vida. Mais de uma pessoa ali foi experimentar-nos: éramos calçadas cora cuidado, postas sobre um tapete, até que um dia, o dr. Crispim passou, viu-nos, entrou e calçou-nos. Eu, de raivosa, apertei-lhe um pouco os dois calos...

BOTA ESQUERDA

Sempre te conheci pirracenta.

## BOTA ESQUERDA

Pirracenta, mas infeliz. Apesar do apertão, o dr. Crispim levou-nos.

## BOTA DIREITA

Era bom homem o dr. Crispim; muito nosso amigo. Não dava caminhadas largas, não dansava. Só jogava o voltarete, até tarde, duas e tres horas da madrugada; mas, como o divertimento era parado, não nos incomodava muito. E depois, entrava em casa, na pontinha dos pés, para não acordar a mulher. Lembras-te?

## BOTA ESQUERDA

Ora! por sinal a mulher fingia dormir para não lhe tirar as ilusões. No dia seguinte ele contava que estivera na maçonaria. Santa senhora!

## BOTA DIREITA

Santo casal! Naquela casa fomos sempre felizes, sempre! E a gente que eles freqüentavam? Quando não havia tapetes, havia palhinha; pisava-mos o macio, o limpo, o asseiado. Andávamos de carro! Estivemos ali uns quarenta dias, não?

## BOTA ESQUERDA

Trinta e dois.

## BOTA DIREITA

Só?

## BOTA ESQUERDA

Pois então! Ele gastava mais sapatos do que a Bolívia gasta constituições.

BOTA DIREITA

Deixemo-nos de política.

BOTA ESQUERDA

Apoiado.

BOTA DIREITA (*com força*)

Deixemo-nos de política, já disse!

BOTA ESQUERDA (*sorrindo*)

Mas um pouco de política debaixo da mesa?...  
Nunca te contei... contei, sim... o caso das botinas côr de chocolate ... as da viuva ...

BOTA DIREITA

Da viuva, para quem o dr. Crispim quebrava muito os olhos? Lembra-me que estivemos juntas, num jantar do comendador Plácido. As botinas viram-nos logo, e nós daí a pouco as vimos também, porque a viuva, como tinha o pé pequeno, andava a mostrá-lo a cada passo. Lembra-me tam bem que, á mesa, conversei muito com uma das botinas. O dr. Crispim sentára-se ao pé do comendador e defronte da viuva; então, eu fui direita a uma delas, e falámos, falámos pelas tripas de Judas... A princípio, não; a princípio, ela fez-se de boa; eu toquei-lhe no bico, respondeu-me zangada: «Vá-se, me deixe!» Mas eu insisti, perguntei-lhe por onde tinha andado, disse-lhe que estava ainda muito bonita, muito conservada; ela foi-se amansando, boliu com o bico, depois com o tacão, pisou em mim, eu pisei nela, e não te digo mais...

BOTA ESQUERDA

Pois é justamente o que eu queria contar...

BOTA DIREITA

Também conversaste?

BOTA ESQUERDA

Não; ia conversar com a outra. Escorreguei devagarinho, muito devagarinho, com cautela, por causa da bota do comendador.

BOTA DIREITA

Agora me lembro: pisaste a bota do comendador.

BOTA ESQUERDA

A bota? Pisei o calo. O comendador: Ui! As senhoras: ai! Os homens: Hem? E eu recuei; e o dr. Crispim ficou muito vermelho, muito vermelho ...

BOTA DIREITA

Parece que foi castigo. No dia seguinte o dr. Crispim deu-nos de presente a um procurador de poucas causas.

BOTA ESQUERDA

Não me fales! Isso foi a nossa desgraça! Um procurador! Era o mesmo que dizer: mata-me estas botas; esfrangalha-me estas botas!

BOTA DIREITA

Dizes bem. Que roda viva! Era da Relação para os escrivães, dos escrivães para os juizes, dos juizes para os advogados, dos advogados para as

partes (embora poucas), das partes para a Relação, da Relação para os escrivães ...

BOTA ESQUERDA

*Et cetera.* E as chuvas! e as lamas! Foi o procurador quem primeiro me deu este corte para desabafar um calo. Fiquei aceiada com esta janela á banda.

BOTA DIREITA

Felizmente durou pouco.

BOTA ESQUERDA

Durou pouco; passámos então para o fiel de feitos, que no fim de três semanas nos transferiu ao remendão. O remendão (ah! já não era a rua do Ouvidor!) deu-nos alguns pontos, tapou-nos este buraco, e impingiu-nos ao aprendiz de barbeiro do beco dos Aflitos.

BOTA DIREITA

Com esse havia pouco que fazer de dia, mas de noite...

BOTA ESQUERDA

No curso de dança; lembra-me. O diabo do rapaz valsava como quem se despede da vida. Nem nos comprou para outra coisa, porque para os passeios tinha um par de botas novas, de verniz, e bico fino. Mas para as noites... Nós éramos as botas do curso ...

BOTA DIREITA

Que abismo entre o curso e os tapetes do dr. Crispim!

BOTA ESQUERDA

Coisas!

BOTA DIREITA

Justiça, justiça; o aprendiz não nos escovava; não tínhamos o suplício dá escova. Ao menos, por esse lado a nossa vida era tranqüila.

BOTA ESQUERDA

Relativamente, creio. Agora, que era alegre, não ha dúvida; em todo caso, era muito melhor que a outra que nos esperava.

BOTA DIREITA

Quando fomos parar ás mãos ...

BOTA ESQUERDA

Aos pés.

BOTA DIREITA

Aos pés daquele servente das obras públicas. Dali fomos atiradas á rua, onde nos apanhou um preto padeiro, que nos reduziu enfim a este último estado. Triste! triste!

BOTA ESQUERDA

Tu queixas-te, mana?

BOTA DIREITA

Si te parece!

BOTA ESQUERDA

Não sei; si na verdade é triste acabar assim tão miseravelmente, numa praia, esburacadas e rôtas, sem tacões nem ilusões, — por outro lado, ganhámos a paz, e a experiencia.

BOTA DIREITA

A paz? Aquele mar pôde lamber-nos de um relance.

BOTA ESQUERDA

Trazer-nos-á outra vez á praia. Demais, está longe.

BOTA DIREITA

Que eu, na verdade, quisera descansar agora estes últimos dias; mas descansar sem saudades, sem a lembrança do que foi. Viver tão afagadas, tão admiradas na vidraça do autor dos nossos dias; passar uma vida feliz em casa do nosso primeiro dono, suportável na casa dos outros; e agora...

BOTA ESQUERDA

Agora que?

BOTA DIREITA

A vergonha, mana.

BOTA ESQUERDA

Vergonha, não. Podes crer, que fizemos felizes aqueles a quem calçámos; ao menos, na nossa mocidade. Tu que pensas? Mais de um não olha para suas idéas com a mesma satisfação com que olha para suas botas. Mana, a bota é a metade da circunspecção; em todo o caí o é a base da sociedade civil...

BOTA DIREITA

Que estilo! Bem se vê que nos calçou um advogado.



BOTA ESQUERDA

Não reparaste que, á medida que iam  
envelhecendo, éramos menos cumprimentadas?

BOTA DIREITA

Talvez.

BOTA ESQUERDA

Éramos, e o chapéu não se engana. O chapéu fareja a bota... Ora, pois! Viva a liberdade! viva a paz! viva a velhice! (*A Bota Direita abana tristemente o cano*). Que tens?

BOTA DIREITA

Não posso; por mais que queira, não posso afazer-me a isto. Pensava que sim, mas era ilusão ... Viva a paz e a velhice, concordo; mas ha de ser sem as recordações do passado...

BOTA ESQUERDA

Qual passado? O de ontem ou o de ante  
ontem? O do advogado ou o do servente?

BOTA DIREITA

Qualquer; contanto que nos calçassem. O mais reles pé de homem é sempre um pé de homem.

BOTA ESQUERDA

Deixa-te disso; façamos da nossa velhice uma coisa útil e respeitável.

BOTA DIREITA

Respeitável, um par de botas velhas! Útil, um par de botas velhas! Que utilidade? que respeito?

Não vês que os homens tiraram de nós o que podiam, e quando não valíamos um caracol mandaram deitar-nos á margem? Quem é que nos ha de respeitar? — aqueles mariscos? (*Olhando para mim*) Aquele sujeito que está ali com os olhos assombrados?

BOTA ESQUERDA

*Vanitas! Vanitas!*

BOTA DIREITA

Que dizes tu?

BOTA ESQUERDA

Quero dizer que és vaidosa, apesar de muito acalcanhada, e que devemos dar-nos por felizes com esta aposentadoria, lardeada de algumas recordações.

BOTA DIREITA

Onde estarão a esta hora as botinas da viuva?

BOTA ESQUERDA

Quem sabe lá! Talvez outras botas conversem com outras botinas... Talvez: é a lei do mundo; assim caem os Estados e as instituições. Assim parece a beleza e a mocidade. Tudo botas, mana; tudo botas, com tacões ou sem tacões, novas ou velhas, direitas ou acalcanhadas, lustrosas ou ruças; mas botas, botas, botas!

Neste ponto calaram-se as duas interlocutoras, e eu fiquei a olhar para uma e outra, a esperar

si diziam alguma coisa mais. Nada; estavam pensativas.

Deixei-me ficar assim algum tempo, disposto a lançar mão delas, e a levá-las para casa com o fim de as estudar, interrogar,, e depois escrever uma memória, que remeteria a todas as academias do mundo. Pensava também em as apresentar nos cir cos de cavalinhos, ou ir vende-las a Nova-York. Depois, abri mão de todos esses projetos. Si elas queriam a paz, uma velhice sossegada, por que motivo iria eu arrancá-las a essa justa paga de uma vida cansada e laboriosa? Tinham servido tanto! tinham rolado todos os degraus da escala social; chegavam ao último, — a praia, a triste praia de Santa Luzia... Não, velhas botas! Melhor é que fiquéis aí no derradeiro descanso.

Nisto vi chegar um sujeito maltrapilho; era um mendigo. Pediu-me uma esmola; dei-lhe um níquel.

MENDIGO

Deus lhe pague, meu senhor! (*Vendo as botas*) Um par de botas! Foi um anjo que as pôs aqui...

EU (*ao mendigo*)

Mas, espere ...

MENDIGO

Espere o que? Si lhe digo que estou descalço! (*Pegando nas botas*) Estão bem boas! Cosendo-se isto aqui, com um barbante...

BOTA DIREITA

Que é isto, mana? que é isto? Alguém pega em nós ...  
Sinto-me no ar...

BOTA ESQUERDA

É um mendigo.

BOTA DIREITA

Um mendigo? Que quererá ele?

BOTA ESQUERDA

Calçar-nos.

BOTA DIREITA (*alvorçada*)

Será possível?

BOTA ESQUERDA

Vaidosa!

BOTA DIREITA

Ah! mana! esta é a filosofia verdadeira. — Não ha bota  
velha que não encontre um pé cambaio.

*O Cruzeiro*, Rio. 23 abril, 1878.

# REVISTA DRAMÁTICA

# I

## MÃE

Drama, de José de Alencar,

Escrever crítica e crítica de teatro não é só uma tarefa difícil, é também uma emprêza arriscada.

A razão é simples. No dia em que a pena fiel ao preceito da censura, toca um ponto negro e olvida por momentos a estrofe laudatória, as inimizades levantam-se de envolta com as calúnias.

Então a crítica, aplaudida ontem, é hoje ludibriada, o crítico vendeu-se, ou por outra, não passa de um ignorante a quem por compaixão se deu alguma migalha de aplauso.

Esta perspectiva poderia fazer-me recuar ao tomar a pena do folhetim dramático, si eu não collocasse acima dessas misérias humanas a minha consciencia e o meu dever. Sei que vou entrar em uma tarefa onerosa; sei porque conheço o nosso teatro, porque o tenho estudado materialmente; mas si existe uma recompensa para a verdade, dou-me

por pago das pedras que encontrar em meu caminho.

Protesto desde já uma severa imparcialidade, imparcialidade de que não pretendo afastar-me nem uma vírgula; simples revista sem pretensão a oráculo, como será este folhetim, dar-lhe-ei um ca racter digno das colunas em que o estampo. Nem azorrague, nem luva de pelica; mas a censura razoável, clara e franca, feita na altura da arte e da crítica.

Estes preceitos, que estabeleço como norma do meu proceder, são um resultado das minhas idéas sobre a imprensa; e de ha muito que condeno os ouropéis de letra-redonda, assim como as intrigas mesquinhas, em virtude de que muita gente subscreve juízos menos exatos e menos de acordo com a consciencia própria.

Si faltar a esta condição que me imponho, não será um atentado voluntário contra a verdade, mas um erro de apreciação.

As minhas opiniões sobre o teatro são ecléticas em absoluto. Não subscrevo, em sua totalidade, as máximas da escola realista, nem aceito, em toda a sua plenitude, a escola das abstrações românticas; admito e aplaudo o drama como a fôrma absoluta do teatro, mas nem por isso condeno as cenas admiráveis de Corneille e Racine. Tiro de cada coisa uma parte, e faço o meu ideal de arte, que abraço e que defendo.

Entendo que o belo pôde existir mais relevado em uma fôrma menos imperfeita, mas não é exclusivo de uma só fôrma dramática. Encontro-o no verso valente da tragédia, como na frase ligeira e fácil com que a comédia nos fala ao espírito.

Com estas máximas em mão — entro rio teatro. É este o meu procedimento; no dia em que não puder conservar-me nessa altura, os leitores terão um folhetim de menos, e eu mais um argumento de que — cometer emprêzas destas, não é uma tarefa para quem não tem o espírito de uma tempera superior.

Sirvam estas palavras de programa.

Si se quizesse examinar a nossa existência peio movimento actual do teatro, perderíamos no para leio.

Da influencia da estação, ou causas estranhas, dessas que transformam as situações para dar nova direção ás coisas, o teatro tem caminhado por uma estrada difícil e escabrosa.

Quem escreve estas palavras tem um fundo de convicção, resultado do estudo com que tem acompanhado o movimento do teatro; e tanto mais insuspeito, quanto que é um dos crentes mais sérios e verdadeiros desse grande canal de propaganda.

Firme nos princípios que sempre adotou, o folhetinista que desponta, dá ao mundo, como um colega de além-mar, o espantoso espectáculo de um crítico de teatro que crê no teatro.



E crê: si ha alguma coisa a esperar para a civilização é desses meios que estão no immediato contacto com os grupos populares. Deus me absolva si ha nesta convicção uma utopia de imaginação cálida.

Estudando, pois, o teatro, vejo que a actualidade dramática, não é uma realidade esplendida como a desejava eu, como desejam todos os que sentem em si uma alma e uma convicção.

Já disse, essa morbidez é o resultado de causas estranhas, insuperáveis talvez — que podem aproximar o teatro de uma época mais feliz.

Estamos com dois teatros em activo; uma nova companhia se organiza para abrir em pouco o teatro das Variedades; e essa completará a trindade dramática.

No meio das dificuldades com que caminha o teatro, anuncia-se no Ginásio um novo drama original brasileiro. A repetição dos anúncios, o nome oculto do autor, as revelações dúbias de certos oráculos, que ha por toda a parte, preparam a expectativa pública para a nova produção nacional.

Veio ela, enfim.

Si houve verdade nas conversações de certos círculos e na ansia com que era esperado o novo drama, foi que a peça estava acima do que se esperava.

Com efeito, desde que se levantou o pano o público começou a ver que o espírito dramático, entre nós, podia ser uma verdade. E quando a

frase final caiu esplendida no meio da platéa, ella sentiu que a arte nacional entrou em um período mais avantajado de gosto e de aperfeiçoamento.

Esta peça intitula-se *Mãe*.

Revela-se á primeira vista que o autor do novo drama conhece o caminho mais curto do triumpho; que, dando todo o desenvolvimento á fibra da sensibilidade, praticou as regras e prescrições da arte, sem dispensar as subtilezas de côr local.

A ação é altamente dramática; as cenas succedem-se sem esforço, com a natureza da verdade; os lances são preparados com essa lógica dramática a que não podem atingir as vistas curtas.

Altamente dramática é a ação, disse eu; mas não pára aí; é também altamente simples.

Jorge é um estudante de medicina, que mora em um segundo andar com uma escrava apenas, a quem trata carinhosamente e de quem recebe provas de um affecto inequívoco.

No primeiro andar moram Gomes, empregado público, e sua filha Elisa. A intimidade da casa trouxe a intimidade dos dois vizinhos Jorge e Elisa, cujas almas, ao começar o drama, ligam-se já por um phenomeno de simpatia.

Um dia, a doce paz, que fazia a ventura da quellas quatro existencias, foi toldada por um corvo negro, por um Peixoto, um usurário, que vem ameaçar a probidade de Gomes, com a maquinação

duma trama diabólica e muito comum, infelizmente, na humanidade.

Ameaçado em sua honra, Gomes prepara um suicídio que não realiza; entretanto, envergonhado por pedir dinheiro, porque com dinheiro removia a tempestade iminente, deixa á sua filha o importante papel de salvá-lo e salvar-se.

Elisa, confiada no affecto que a une a Jorge, vai expor-lhe a situação; este comprehende a dificuldade, e, enquanto espera a quantia necessária do dr. Lima. um character nobre da peça, trata de vender, e ao mesmo Peixoto, a mobília da sua casa.

Joana, a escrava, comprehende a situação, e, vendo que o usurário não dava a quantia precisa pela mobília de Jorge, propõe-se a uma hipoteca; Jorge repele ao princípio o desejo de sua escrava, mas a operação tem lugar, mudando unicamente a forma da hipoteca para a de venda, venda nulificada desde que o dinheiro emprestado voltasse a Peixoto.

Volta a manhã serena depois da tempestade procelosa; a probidade e a vida de Gomes estão ? alvas.

Joana, podendo escapar um minuto a seu senhor temporário, vem na manhã seguinte visitar Jorge.

Entretanto, o dr. Lima tem tirado as suas malas da alfandega e traz o dinheiro a Jorge. Tudo vai por conseguinte voltar ao seu estado normal.

Mas Peixoto, não encontrando Joana em casa, vem procurá-la em casa de Jorge, exigindo a escrava que havia comprado na véspera. O dr. Lima não acreditou que se tratasse de Joana, mas Peixoto, forçado a declarar o nome, pronuncia-o. Aqui a peripécia é natural, rápida e bem conduzida; o dr. Lima ouve o nome, dirige-se para a direita por onde acaba de entrar Jorge:

— Desgraçado! vendeste tua mãe!

Eu conheço poucas frases de igual efeito. Sente-se uma contração nervosa ao ouvir aquela revelação inesperada. O lance é calculado com maestria e revela pleno conhecimento da arte no autor.

Ao conhecer sua mãe, Jorge não a repudia; aceita-a em face da sociedade, com esse orgulho sublime que só a natureza estabelece e que faz do sangue um título.

Mas Joana, que forcejava sempre por deixar corrido o véu do nascimento de Jorge, na hora que este sabe, aparece envenenada. A cena é dolorosa e tocante; a despedida para sempre de um filho, no momento em que acaba de conhecer sua mãe, é por si só uma situação tormentosa e dramática.

Não é bem acabado esse tipo de mãe, que sacrifica as carícias, que poderia receber de seu filho, a um escrúpulo de que a sua individualidade o fizesse corar?

Esse drama, essencialmente nosso, podia, si outro fosse o entusiasmo de nossa terra, ter a mesma nomeada que o romance de Harriet Stowe — fundado no mesmo tema da escravidão.

Os tipos acham-se ali bem definidos, e a ligação das frases não póde ser mais completa.

O veneno que Joana bebe, para aperfeiçoar o quadro e completar o seu martírio tocante, é o mesmo que Elisa tomara das mãos de seu pai, e que a escrava encontrou sobre uma mesa em casa de Jorge, para onde a menina o levará.

Ha frases lindas e impregnadas de um sentimento doce e profundo; o diálogo é natural e brilhante, mas desse brilho que não exclue a simplicidade, e que não respira o tormento bombástico.

O autor soube haver-se com a ação, sem entrar em análise. Descoberta a origem de Jorge, a sociedade dá o último arranco em face da natureza, pela boca de Gomes, que tenta recusar sua filha prometida a Jorge.

Repito-o; o drama é de um acabado perfeito, e foi uma agradável surpresa para os descrentes da arte nacional.

Ainda oculto o autor, foi saudado por todos com a sua obra; feliz que é, de não encontrar patos em seu Capitólio.

A sra. Velluti e o sr. Augusto disseram com felicidade os seus papéis; a primeira dando relevo ao papel da escrava com essa intelligencia e sub-

tileza que completam os artistas; o segundo, sustentando a dignidade do dr. Lima na altura em que o colocou o autor.

A sra. Ludovina não discrepou no caracter mlancólico de Elisa; todavia parecia-me que devia ter mais animação nas transições, que é o que define o claro-escuro.

O sr. Heller, pondo em cena o caracter do empregado público, teve momentos felizes, apesar de lhe notar uma gravidade de porte pouco natural, ás vezes.

Ha um meirinho na peça, desempenhado pelo sr. Graça, que, como bom actor comico, agradou e foi aplaudido. O papel é insignificante, mas aqueles que têm visto o distinto artista, adivinham o desenvolvimento que a sua veia cômica lhe podia dar.

Jorge foi desempenhado pelo sr. Paiva que, trazendo o papel á altura do seu talento, fez-nos entrever uma figura singela e sentimental.

O sr. Militão completou o quadro com o papel de Peixoto, onde nos deu um usurário brutal e especulador.

A noite foi de regosijo para aqueles que, amando a civilização pátria, estimam que se faça tão bom uso da língua que herdamos. Oxalá que o exemplo se espalhe.

Na primeira revista tocarei no Teatro São Pedro e no Variedades, si já houver encetado a sua carreira.

Entretanto fecho esta página, e deixo que o leitor, para fugir-ao rigor da estação, vá descansar um pouco, não á sombra das faias, como Títiro, mas entre os nevoeiros de Petrópolis, ou nas montanhas da velha Tijuca.

29 março 1860.

## II

### DALILA. — ESPINHOS E FLORES

Drama de Octávio Feuillet. — Drama de Camilo Castelo-Bráncos.

O maior feito de César não foi vencer Pompeu, mas atravessar o Rubicon.

Nós outros da história moderna, também temos o nosso Rubicon a atravessar; e si um ministro súa sangue e água na discussão da lei do orçamento, o folhetinista também sofre suas torturas com a apresentação de seu primeiro folhetim.

Ninguém calcula as incertezas, as ansias em que luta a alma de um folhetinista novel, depois lançada nesse mar que se chama público, a primeira caravela que a custo construiu no estaleiro das suas opiniões.

É uma crise que dura pouco, mas que produz lutas atrozes. A dúvida desaparece quando o primeiro, o segundo, o terceiro, o décimo amigo vem com a mão aberta e o sorriso leal dizer-lhe uma palavra de animação.

Eu confesso: que estive em uma situação identica a que escrevi acima; por vezes intentei rene-



gar a religião que abracei, e vender a alma ao primeiro demonio que me apparecesse.

Vedou-me a audácia esse passo; e murmurou-me ao ouvido aquellas palavras que atiraram Napoleão ás piramides, e acabou por me dizer: caminha !

Ora, em consciencia, eu devia caminhar; tinha calçado o coturno de crítico dramático, e devia a todo o custo seguir a recta que eu próprio me tinha traçado.

Caminhei, pois, e sem dar parte das torturas da viagem, tomo o braço ao leitor e vou mostrar-lhe os primeiros esforços de uma tentativa louvável.

O teatro das *Varietades* abriu as suas portas com o drama de Octavio Feuillet — *Dalila*.

Octavio Feuillet, á imitação de muitos, escreveu a *Dalila*, como um romance em diálogos. É assim o *Aldo* de George Sand, e as cenas dramáticas de Alfredo de Musset.

Antônio de Serpa leu a concepção do escritor frances, imitou, substituiu e fez um drama.

Evidentemente a obra primitiva merecia o trabalho do literato portuguez; é uma das produções mais lindas da musa moderna.

Obra de imaginação, oscila entre os arabescos da fantasia e os relevos da arte, resultando desse embate uma composição de alto alcance filosófico — o amor lascivo que se opõe ao amor casto e

honesto para sufocar-lhe as aspirações: é a história de todos os dias.

Dalila, a princesa Falconieri, é a mulher de mármore sem a cobiça, e sem o *champagne*. É o ideal da vaidade com todos os seus caprichos, com todas as suas lascivias. Não visa o ouro do opulento, mas arma ás aspirações leais de uma alma cândida e virginal; espera um adolescente á porta da vida para arrebatá-lo a um mundo enervante e sórdido, que é o seu reino.

Corta ao pobre Sansão, que lhe adormece nos braços, as asas da inspiração e do futuro, para atirá-lo inerte e desesperado ás mãos dos filisteus que o esperam na porta.

Ao pé da princesa está a figura de Carnioli.

Carnioli é um tipo especial: é um nobre opulento que se compraz em proteger as vocações, que faz da arte o seu Deus, e dos artistas os seus santos.

Um dia voltava da Turquia, costeando o Adriático; foi ter á Dalmácia, onde passou torturas a ouvir os sons rouquinhos da gusla, ele o mais fervente adorador das óperas de S. Carlos. Era forçoso partir, fugir aquela melodia grotesca.

No caminho esperava-o um artista alvorescente, um pastor de cabras, que já transportava a alma para as cordas de uma rabeça. Educou-o e cooperou para fazê-lo um artista; é a sua obra, a melhor obra; mira-se nela com a vaidade de

um Narciso e com o entusiasmo de uma paternidade feliz.

Carnioli não é nem Augusto nem Luiz XIV; a sua protecção não cai sobre os artistas com o cálculo das conveniências reais, mas ao impulso de um entusiasmo expansivo que é a legitimidade dos seus affectos.

A sua obra é André Roswein — a criança da rabeça; coração virgem e modesto que só vê duas estrelas no futuro: a arte e Amélia Sertorius.

Amélia é uma menina simples e modesta, que uma intimidade de existência une ao esperançoso artista.

Sertorius, o velho e sábio Sertorius, tem ainda o cunho de uma idealidade de que ha mais de um exemplo no drama. Artista tradicional, conserva as formas do passado como uma religião para arte actual, e opõe ás fantasias revolucionárias da este tica moderna as regras puras das escolas clássicas.

— Respeita a escola dos antigos, — diz ele a Roswein.

Com estas cinco figuras é que Octavio Feuillet organizou o seu drama.

Roswein, discípulo favorito de Sertorius, e protegido de Carnioli, vai fazer representar uma ópera.

A ansiedade é comum; cada qual espera com um interesse próprio o resultado da primeira obra dramática do antigo pastor de cabras.

Mas Roswein deve casar-se com Amélia; ama-a e não o saciam as glórias da arte. Ora, é exata-

mente o que não convém a Carnioli. Para o filósofo Carnioli — o casamento do homem é o suicídio do artista, as ocupações domésticas são por demais terrenas para satisfazer as aspirações do genio. André não deve casar-se.

Cumprê opor um baluarte enérgico aos affectos do rapaz. Carnioli comprehende que só uma força de natureza identica pôde arredar daquela cabeça, ainda virgem, a paixão que o arrasta para Amélia: opõe o amor ao amor.

Mas esse amor deve absorver a afeição primitiva de André, tornando impossivel e nula a idéa do casamento. A princesa Falconieri é escolhida.

O amor da princesa devia produzir o desejado effeito: a princesa tem os encantos de uma beleza voluptuosa e a magnificencia de uma vida de fidalga para surpreender o espirito adolescente de André.

Carnioli toma o caminho mais curto; fere a vaidade á princesa: depois um lenço caído com um ramalhete no palco, uma restituição no dia seguinte; uma cena de sedução, um beijo, a obra está completa; Amélia está órfã de seu amor; San-ão está aos pés de Dalila.

O que se segue é atroz; o filtro do amor da princesa foi adormecer a pobre criança que nem pôde ouvir os soluços do seu primeiro amor.

Carnioli arrepende-se do seu plano de ataque ás tendencias matrimoniais de, André — mas era tarde.

A princesa, fatigada do seu amante, quer um outro — e a indiferença começa a acordar o pobre artista apaixonado.

Carnioli volta da Sicília; entre Palermo e Monocale entrou em uma casa de aspecto modesto onde viu um grupo de tres pessoas: Amélia, Sertorius e um médico. O velho tocava para distrair a pobre louca, que só a Alemanha podia curar. Amélia falava, acusava André, e repetia as palavras que ele lhe dissera em outro tempo.

— Durante esse tempo, diz Carnioli a André, que se torce de remorsos, os dedos do velho descansando sobre as cordas, tiravam de quando em quando do instrumento sons... gemidos, que penetravam até o fundo d'alma ...

Ela acordou e disse: Meu pai, tenho dois favores a pedir-lhe... o primeiro é que me dê um ar de riso. — O velho tentou sorrir. Depois, continuou ela, que me toque hoje o cantico do Calvário.

— Não, não, disse o bom velho com dôr pungente, querendo simular uma alegria; no dia do teu casamento.

Ela sorriu e olhou-o fixamente; ele abaixou os olhos sem replicar. Com um gesto doloroso, sacudiu os cabelos brancos sobre a fronte, mais pálida que o mármore e pegou no arco... Ouvei então o famoso cantico do Calvário... o cantico sublime!

Enquanto tocava, grossas lágrimas lhe caíam uma a uma, sobre as mãos tremulas e inspiradas ... Chorava! Chorava o instrumento ...

Choravam as cordas, o arco, a madeira, o cobre ... tudo chorava ...

O médico afastava os olhos... e eu comprimia os soluços!... Só ela não chorava ... porque já não tinha lágrimas! »

A princesa tem partido com outro amante! André quer ainda vê-la, desesperado pela traição, e corre a procurá-la no caminho.

É a estrada que conduz de Nápoles a Gaeta.

Carnioli e Roswein estão ali; o mar está ao fundo. Dentro em pouco passa uma sege.

É Sertorius, que conduz a sua filha morta para a Alemanha. Toma-os por bandidos e vai caminho. Mas André está perto da morte; tem deitado uma golfada de sangue: o amor e a desesperação tinham fatigado aquela organização adolescente.

Expira. E enquanto, pobre artista sem futuro, morre no caminho, a Dalila, que perdera a razão, passa descuidosa em sua gondola acordando os ecos da praia com as canções que lhe inspiram as cadeias de seu novo amante.

O contraste é frisante e a moralidade nasce da situação sem necessidade de comentários. Toda a consideração tiraria um pouco do relevo á idéa que ressalta viva do facto.

A ação, si caminha ás vezes por uma esfera de misticismo, define em geral um facto comum e cruelmente vulgar; é a vida real desenvolvida nas nuvens.

As duas vistas pintadas pelo sr. João Caetano Ribeiro, no 3.º e 4.º quadros, são de um belo efeito, sobretudo a primeira; onde a par dos grupos de árvores, desenhados com habilidade, está o traço firme e preciso das formas architecturais da galeria.

\*

Temos agora um outro drama no teatro *Ginásio*.

*Espinhos e Flores* é uma produção do sr. Camilo Castelo-Branco.

Camilo Castelo-Branco é um escritor portuguez muito conhecido. Possui uma fecundidade e um talento que lhe dão já um lugar distinto na literatura portuguesa.

Tem romances lindíssimos, e conta na sua biblioteca algumas composições dramáticas.

*Espinhos e Flores* é uma composição feliz, onde o autor mais de uma vez nos dá belas amostras do seu estilo vigoroso e abundante.

A ação é simples e velha, tanto no teatro como no romance. Mas as roupas novas que lhe emprestou o poeta, dão-lhe um aspecto fresco e loução.

Pedro de Oliveira volta a Portugal e vai procurar seu tio, um padre chão como a probidade, singelo como a religião de que é sacerdote. Encontra-o e com êle uma irmã.

O drama não teria lugar, si essa irmã, que não é casada, não apresentasse uma filha. Ferido em sua honra Pedro de Oliveira, quer apartar-se da casa em que foi encontrar o erro; mas as lágrimas podem mais que a rigidez romana do irmão ressentido.

A situação é bonita: Pedro toma nos braços a menina e quando Josefina, a culpada, procura-a desvairada, Oliveira responde esta frase simples e tocante:

— Não consentes que beije tua filha, minha irmã?

Si a cólera de Oliveira cede ás lágrimas de Josefina, não cede o desejo legítimo de reparar um erro que lhe afecta a dignidade. Trata-se de dar uma solução á situação excepcional em que um amor culpado colocou Josefina.

É em um banquete, que Oliveira, narrando a história de sua irmã, prepara o seu sedutor Luiz de Ataíde, a reparar o mal feito.

Luiz de Ataíde é um homem aborrecido de si, esgotou todos os prazeres que lhe estavam ao alcance e caiu em um marasmo cruento, em um desfalecimento de espírito que o isola no meio da sociedade. Assim, Oliveira toca-lhe facilmente a corda íntima que uma série de gozos fictícios ador-



meçêra por muito tempo. Aparece o arrependimento; e Ataíde lava com o matrimonio uma culpa do passado.

O padre Oliveira, alma bondosa, ocupa uma parte distinta no drama —e constitue um exemplo tocante de piedade e de perdão.

*Diário do Rio de Janeiro, 13 abril 1860.*

### III

## OS MINEIROS DA DESGRAÇA

Drama de Quintino Bocayuva.

O nome que firma estas linhas assinou algures este período, que então considerava, e continua a considerar uma verdade sem contestação:

«O autor dramático não é ainda, entre nós, um sacerdote, mas um crente do momento, que tirou simplesmente o chapéu ao passar pela porta do templo. Orou e foi caminho».

Si, além do mal enunciado, ha algum demérito nestas palavras, é serem elas a repetição do que por mais de uma vez se tem dito a propósito deste assunto.

Os que assim se pronunciam acrescentam, que á nossa mocidade não faltam, nem talento nem disposição para o teatro. E, dá-se como causa da nossa pobreza, nessa parte das letras, a falta de estímulo e de animação.

Em minha opinião, os que assim se exprimem, não fazem mais do que reproduzir a realidade das coisas.

Não entrarei, por certo, na investigação do facto, nem procurarei demonstrar qual é esse estímulo que põe em desanimo as penas que mais habilitadas estão para o caso.

Uma coisa nos consola da deficiência da nossa literatura dramática, é que, si aí obras que possuímos perdem na importancia numérica, ganham muito no valor literário e moral.

Muito e medíocre não é, nunca foi riqueza. Pouco e bom, raro e superior, não sei que haja outra opulencia melhor, a não ser a que reúne em alto grau as duas condições do número e do merecimento. Mas essa não é própria de uma literatura, que. como a nossa, começa a formar-se.

Si ha, portanto, razão para entristecer na pouca vida do teatro nacional, de outro lado ha motivo de contentamento, quando se vê que os frutos dessa pouca actividade são em grande parte bons e succulentos.

Um deles acaba de ser lançado á ansiedade pública, nessa ceia sublime, em que, como diz um escritor: Shakespeare dá a comer e a beber a sua carne e o seu sangue.

O último drama de Quintino Bocayuva, ao lado do mérito literário, respira uma alta moralidade, duplo ponto de vista, em que deve ser considerado e em que mereceu os sinceros aplausos dos entendidos.

É sempre belo quando uma voz generosa se ergue, em nome da intelligencia e da probidade, para

protestar contra as miséria; sociais, com toda a energia de um caracter e de uma convicção.

E deve-se ter entusiasmo com a manifestação dessas convicções e desses caracteres em um tempo, em que tudo o que é elevado se abate e se desmorona.

O drama, de que se trata, é um desses protestos. *Os mineiros da desgraça*, os que fabricam, á custa das lágrimas e da fome, o castelo da sua própria fortuna, os usurários, enfim, são a disformidade social, que o autor ataca de frente, sem curar de saber até que ponto essas entidades são aceitas pela sociedade.

Aceitas pela sociedade? Parece absurdo. Mas não é; são aceitas, acatadas mesmo; o que o poeta diz no seu drama, é a verdade, a verdade inteira; as comendas que lhes põem ao peito não são resultado de uma fantasia; eles são comendadores, porque neste país maravilhoso, e neste tempo de milagres, remuneram-se todos os vícios, desde que todos os vícios pagam os pergaminhos das graças.

No encalço dessas entidades repulsivas vêm outras, que, atravessando ligeiras o fundo do quadro, mal deixam sinais de si. Mas pertencem ainda ao número das que estão em opposição com a gente séria e honrada.

O autor teve largo campo para exercer a sua censura, e aproveitou-o bem. Retratou o tipo, apresentando duas figuras, — Vidal e Venâncio .Vidal

é o usurario dramático; Venâncio é o usurario comico. Ambos são hediondos; o gesto feroz de um e o riso alvar de outro traduzem a mesma coisa. São o verso e o anverso da medalha; ma; a medalha é a mesma. Eles seriam incompleto, si não fossem hipócritas. Vidal e Venâncio são hipócritas. Vidal finge-se o salvador de uma família para dar pasto á sua sensualidade. Vidal engana ao escolhido de sua futura mulher; ilude-a, a ela própria. Venâncio não é menos fingido que seu sócio. Em mais de uma ocasião dá provas de sa ber em alto grau, a arte exigida para ser de sua profissão.

Com tais predicados, estas duas creaturas acham-se moralmente unidas; o interesse comercial os liga mais, ligando-lhes as firmas. Trabalham de acordo para encher o mealheiro comum; e Deus sabe como se enche o mealheiro da usura O da firma social de Vidal & Venâncio, enche-se pelo empréstimo, pelo penhor e pela moeda falsa.

A figura obrigada dos dramas modernos, conhecida geralmente pelo nome de Desgenais, também entra no Drama. Essa é sempre a parte do autor; é pela boca sentenciosa do moralista que o dramaturgo moderno lança as censuras aos vícios da sociedade.

O Desgenais da peça é rude e grave, franco e digno. Diz aquilo que pensa, porque tem o tacto dos homens com quem lida, e sabe que a dignidade não é o traço distintivo deles.

O moralista é sempre audaz, por isso mesma que representa a minoria da sociedade.

Em minha opinião, o moralista nunca póde deixar de ser uma figura de convenção. Entre nós, pelo menos. É por isso que eu acho que não se deve exigir do autor as razões por que o fez orador ou não, e por que em tal ocasião não foi menos grave, e em tal outra, menos jovial. Ele é sentencioso, é quanto basta; ele censura, ele toca na chaga com a tranqüilidade do médico, com isso nos devemos contentar.

Paulo é o amante enternecido, que, intrigado por Vidal, torna-se, depois de um período de anos, o flagelo vivo do usurário, desagravando a justiça na entrega que faz de um réu.

Paulo é uma alma elevada e um nobre coração. Caixeiro de João Vieira, honrado negociante, estima-o como si pai lhe fora, isto nos dias da ventura como nos dias de infortúnio. E só o deixa no dia em que a intriga de Vidal os separa para sempre.

Elvira, a filha de João Vieira, é uma figura de que o autor pouco tratou, mas que não deixa de contribuir com o seu quinhão de bondade e virtude para o fundo do quadro sobre que ressaltam as duas figuras principais.

O peralvilho idiota e dissipador, o ministro influído pelo deus Empenho, a mulher que se encarrega nos salões de aproximar as almas tristes e desconsoladas, lá verão a sua própria fotografia.

O autor as copia e apresenta sem perturbar a ação do seu drama.

A ação é simples, e caminha facilmente. Tendo conseguido casar com a filha de João Vieira e realizar uma rápida fortuna, Vidal, que não se deteve no caminho das misérias, que sempre levou, vê-se um dia diante de Paulo, a quem mais tarde deverão a moralidade e a justiça o seu desagravo.

Paulo, senhor do segredo da moeda falsa, correspondeu-se com Vidal na Europa, e um dia, havendo em mão tudo quanto é legalmente exigido, apresentou-se em casa de Vidal com os instrumentos da justiça que se apoderam dele.

Maurício, o moralista, ofereceu um asilo á *viuva* do usurário, e tal e o desfecho do drama.

Tenho ouvido duas censuras. Versa uma sobre o desenlace, que se diz precipitado; a outra, é ainda sobre o desenlace, que deixa o nome do filho de Elvira uma nódoa pela prisão de seu pai.

Não deixo de dar razão aos que acham que o autor precipitou o desfecho. O desfecho é tanto mais precipitado quanto que a ação só começa no terceiro acto, e os dois primeiros podem ser considerados o prólogo do drama.

Quanto á segunda censura, hão de me perdoar: não acho uma censura séria. O poeta dramático tem o dever de copiar a parte da sociedade que escolhe, e ao lado dessa pintura pôr os traços com que julga se deve corrigir o original.

O corretivo existe no drama; o autor nada tem que ver com as conseqüências desse corretivo. São eles verossímeis? Dão-se na vida real? Sem dúvida que sim. É quanto basta.

*Os mineiros da desgraça*, literariamente falando, é o que se pode chamar um belo livro: o estilo, fluente e brilhante; o diálogo, fácil e vivo; as cenas, bem dispostas e bem enredadas.

Como alcance moral, é um verdadeiro panfleto, onde muitas das excrecencias sociais podem encontrar uma linha que tratará a seu respeito.

O público, que o aplaudiu, mostrou estar agradado do modo por que se lhe falou.

Tocou-lhe no íntimo porque se lhe falou a verdade, e, como diz o mestre da sátira moderna: *rien n'est beau que te vrai*.

Nutro um ardente desejo: é que o teatro nacional se enriqueça de obras como esta, e que os que sentirem dentro de si a fibra dramática, não a deixem palpar em vão. O teatro é uma força, força como arte, força como moral, não a inutilizem que é inutilizar o futuro.

Á sociedade dramática nacional devemos a exibição desta. Os seus diversos papéis foram desempenhados com mais ou menos relevo.



## IV

### JOÃO CAETANO

Está de luto a cena nacional.

Na idade de cinquenta e seis anos incompletos, depois de uma carreira de mais de trinta, faleceu o primeiro actor brasileiro, João Caetano dos Santos.

A vida de João Caetano era considerada como perdida, desde os primeiros meses da sua enfermidade.

Esperava-se a todo o momento que o espírito, quasi despido do envólucro terreno, fugisse de todo a essas prisões, para remontar á pátria da immortalidade.

Foi o que se verificou na segunda-feira passada.

É inútil indicar o grau da perda que esta morte trouxe ao Brasil. Ninguém que tenha visto o artista pôde alegar ignorancia.

Dotado de talento superior e admiráveis dotes, soube João Caetano, durante a longa carreira que percorreu, conquistar o lugar mais proeminente da cena brasileira, sem conflito de emulação.

Suas criações foram em grande número. No drama e na tragédia não teve nunca quem o igualasse porque havia nele, á falta de preceitos, a intuição que dão os talentos superiores.

Falta de preceitos, disse eu, e nisto uso para com o artista finado de um dos mais imprescriptiveis deveres. Seria fazer acto de deslealdade, nesta hora em que se lhe desvaneceram todas as illusões, ocultar os pontos negros do sol de sua glória. O que se deve fazer, por um sentimento de justiça, é deixar firmado que a arte dramática no Brasil sempre brilhou pela ausência de ensino profissional. Todos os esforços individuais nada puderam plantar que subsistisse. Qualquer que fosse a latitude das suas eminentes faculdades, não era fácil a João Caetano resistir á atmosfera viciada que respira o teatro brasileiro.

Contribuíram no seu tanto para esse deplorável resultado as vitórias prematuras do palco. As platéas soberanas, na distribuição dos sufrágios, não conhecem nem se empenham pela observancia estricta do catecismo da arte.

O artista as comovia e exaltava, e o aplauso fervente, ruidoso, espontaneo acolhia os rasgos de talento confiante de si.

De successo em successo, verde de anos, convencido da própria capacidade, o artista deixou-se levar por essa onda, desassombrado de emulos, embebido no presente e descuidoso do porvir. Tal foi o seu erro ou a sua fatalidade. Estava só na

altura em que Deus o puzera; via correr os seus dias marcados por ovações, e, sem contradita nem competencia, não puderam as suas faculdades adquirir o sumo grau da necessária perfeição.

É justo dizer que muitas vezes os juizes severos tiveram ocasião de reconhecer-lhe certa applicação do espirito ao estudo aprofundado dos caracteres e das paixões. Nessas ocasiões, o artista mostrava que podia tirar de seus próprios esforços alguma coisa daquilo que só o ensino organizado deve garantir.

Desigual embora, ele tinha muitos papéis de vitória certa e legítima, em que a parte culta dos espectadores lhe dava, sem regateio, aplausos espontaneos.

Dessa ordem de creações citarei uma das últimas, o «Augusto» do *Cina*, em que João Caetano, perfeitamente convencido da natureza da personagem que tinha a representar e da importância do poema de Corneille, deu a ambos, no que lhe tocava, o cunho da verdade, e da elevação, sem o qual ficara desrespeitada a obra do divino poeta.

Já rendi a devida homenagem á superioridade do talento que se acaba de perder. Não me cansarei de repeti-lo: mesmo imperfeito, destacava-se ele soberanamente do grupo dos demais talentos. Tinha por si, nas ocasiões supremas, uma inspiração que em vão se procurará nos talentos de ordem inferior.

O nome de João Caetano ficará nos anais do teatro e chegará á memória dos vindouros. Mas é aqui o ponto de maior tristeza. O que é a veneração da posteridade pelos artistas de teatro? As cenas palpitantes, as paixões tumultuadas, as lágrimas espontâneas, os rasgos do gênio, a alma, a vida, o drama, tudo isso acaba com a última noite do actor, com as últimas palmas do público. O que o torna superior acaba nos limites da vida vai á posteridade o nome e o testemunho dos contemporâneos, nada mais.

Sede poeta, escultor, pintor ou músico, ficai certo de que as mesmas sensações, o mesmo entusiasmo que as vossas obras excitarem aos contemporâneos hão de fazer estremecer a posteridade.

O poema, a estátua, a tela, a partitura, levarão aos olhos e ao coração dos vindouros a alma e o gênio de Tasso, Cánova, Rafael ou Mozart. Esta metempsicose perpetua a porção superior do poeta e do artista, e a posteridade em vez de um nome frio e mudo, recebe inteiro o artista e o poeta.

Mas o artista dramático, esse, destinado ás comoções passageiras de uma morte, não tem lauda ou pedra em que fixar a partícula divina que o anima. A sepultura o recebe todo, excepto o nome, isto é, o que ele tem menos de sua alma. Permitam-me uma figura que, por gasta, não perde o cabimento: é este o caso daquela sombria e im-

petuosa corrida de Mazepa atado ao corsel, o homem atado á vida, diferindo a realidade da ficção poética, em acabar o homem com a vida, sem nada mais deixar á memória da humanidade do que um nome e uma legenda.

Roscius e Garrik sabe-se que eram os nomes de dois membros da família a que pertencia João Caetano. Mas o entusiasmo que o povo de Roma e o povo de Londres sentia quando essas duas creaturas inspiradas subiam ao tablado é isso objecto da simples tradição; a fortuna adquirida pelo primeiro á custa de seus talentos, a honra obtida pelo segundo de ir, como Newton, para os jazigos de Westminster, não nos dá o grau de entusiasmo, nem as sensações experimentadas pelos respectivos contemporâneos. É o que dirão os vindouros a respeito de João Caetano, cujos triunfos nós celebramos muitas vezes com a exaltação mais febril.

Falemos agora do homem. Dizem que João Caetano morreu na plena contrição da consciência. Avizinhando-se da morte sentiu que carecia dessa purificação para ir ter com Deus. Estou, dizia ele, estudando um difficil papel, em que não sei si ganharei absolvição ou pateada.

Destinado a mudar de paixões e de caracteres em todos os dias da sua vida, era-lhe de grande consolação achar em si, á beira da sepultura, o sentimento da própria individualidade.

Não lhe foi difícil medir o valor das coisas perecíveis da terra em comparação com as glórias perpétuas da outra vida.

Que lhe restava dos triunfos de uma tão longa carreira? Nem as flores que duraram pouco mais que o estrépito das palmas e dos bravos. Fez-se um grande silêncio em roda de si e ele olhou contrito e esperançoso para a grande estrada que ia percorrer.

A inspiração e a contrição valem na vida de além-túmulo: João Caetano chegou, a esta hora, ao termo da sua apoteose.

Enquanto ele vai e goza do último descanso, cá ficam os outros na labutação, caminhando de tentativa em tentativa, entre ilusões e desilusões, para o mesmo termo comum.

\*  
\*\*

E é pouco depois da morte de João Caetano que aparece, não um talento igual (quando o teremos?), mas uma obra e uma idéa, isto é, uma tentativa de trabalho sério e profícuo.

É deste modo que se escoam *os* dias e se prendem, um ao outro, o élo de ouro e o élo de ferro.

Não se contrariem as disposições naturais da vida, e dê-se a cada coisa o tom que lhe é devido—tristeza para os que são tristes, alegrias para os que folgam.

Anuncia-se para hoje a reabertura do Ateneu Dramático, com uma peça nova, do teatro português e um quadro vivo, *O Dilúvio Universal*.

O nosso público lembra-se do antigo Ateneu e das esperanças que aquela instituição fez conceber a toda a gente. Havia razões para isso, já pela composição do quadro da companhia, já pelo nome da pessoa que dirigia a instituição. Na verdade, quando um homem de letras dirige uma instituição dramática (e nunca deviam ser outros) acumulam-se as probabilidades de uma direção sisuda e proveitosa.

Aquela o foi, e si não acompanhou maior proveito aos esforços, que ela empregou, deve-se isso a causas múltiplas e diversas que não desfiarei por mui sabidas.

Não serviu a lição do passado, e com igual coragem os artistas que compunham o antigo Ateneu, anunciam agora a reabertura do teatro. Liga-se á nova direção o nome do hábil cenógrafo João Caetano Ribeiro.

As generosas tentativas devem sempre achar o apoio de todos: é dever dar-se-lhe, em falta de outra, a sustentação moral do aplauso.

Aplauda-se, portanto, mais esta e consagre-se o facto á espera da realização.

Os nomes dos artistas reunidos na nova organização, uns pelo que provaram, outros pelas esperanças que fazem conceber, têm direito á nossa confiança e á nossa expectativa.

Irei hoje assistir ao espetáculo de abertura, e direi na próxima semana tudo quanto me sugerir o trabalho da nova empresa, com a benevolência que os seus esforços merecem e a severidade indispensável para frutificação de todas as idéas.

Tal é o trabalho dos que amam as artes, trabalho que, a despeito dos desenganos e malogros, deve amparar os artistas, até que a iniciativa oficial venha dar corpo e realidade ao desejo e á esperança de todos, creando um teatro de escola nacional.

No sentido de realizar este pensamento representou já ao governo a direção do Ateneu Dramático. Que resultará desta tentativa? A magnitude da idéa, a necessidade e a oportunidade estão respondendo em favor da arte.

\*

Voltemos bruscamente os olhos para outro assunto.

Recebi de Buenos-Aires uma ode escrita pelo poeta argentino Carlos Quido y Spano sobre a invasão do México. É um ardente protesto de indignação contra o acto de Sua Majestade o imperador dos Franceses, isto é, o recurso da justiça contra a violação do direito em tempos que mais parecem de ferro que de luz.

Revolta-se a alma do homem e a musa do poeta contra a prepotência armada e disfarçada.



Em casos tais não se escolhem expressões nem se dissimulam sentimentos: fala-se franca e rudemente como permitem a dôr e a irritação. Tal é o caracter da poesia de Carlos Ouido.

Nem outro poderia ser o tom de uma poesia, que tratasse de tamanho infortúnio. Como dirigir, em certos casos, o ímpeto e alvoroço? É a comoção do momento que domina tudo, como no cântico dos hebreus, ao escaparem das hostes de Faraó: a um tempo e tumultuariamente celebra Israel o poder do Senhor e a submersão do inimigo.

«Quem de entre os hieróis é semelhante a ti, Senhor?  
«Estendeste a tua mão e o mar os devorou...»

Ah! que não pudesse o poeta repetir as mesmas palavras de Israel! Não se abriu o mar, antes, cúmplice da violação, deu livre caminho ás naus dos invasores. Estas foram levar a uma nação fraca a morte e a desolação. Tinham os soldados da invasão o direito do número e do valor material, isto é, o supremo direito nos conflitos, em que a consciência não toma parte. Entraram, destruíram, violentaram, arrasaram, e Puebla, lá diz o poeta,

*Podrá no ser ciudad, mas será templo.*

Por esses feitos heróicos queima-se incenso nos altares do Deus da justiça, e dizem que se aumentou o sol da glória francesa.

E esta glória é já diversa daquela do tempo de Salustio. Inverteram-se os papéis: é Roma quem combate por salvar-se, e a antiga Gália quem manda ao longe as suas hostes — para dominar.

Oh! tempos...

*Diário do Rio de Janeiro, 1 setembro 1863.*

## VI

### O CASO FERRARI

Lê-se no *Secolo*, de Milão:

Vamos comunicar aos nossos leitores uma importante notícia agora mesmo recebida de Nápoles, graças ao zelo do nosso incansável correspondente.

Ha cerca de três meses, o irmão porteiro de um convento de mendicantes foi despertado alta noite, pelo toque aflitivo da sineta. Não havia que admirar no caso; mais de uma vez os dignos cenobitas têm sido chamados a deshoras, para o fim de prestar os socorros espirituais a moribundos. Ha quem fale contra os frades; é fácil; o que não é fácil é imitar o zelo e a piedade de homens, que se dedicam aos outros homens, sem esperança nem ambição de nenhuma terrestre recompensa.

Vestiu-se o irmão porteiro e correu a ver quem batia. Abriu desacauteladamente a porta, e não teve tempo de falar, porque um vulto de homem, precipitando-se para dentro, caiu ajoelhado aos pés do pio monge. Voltou este do assombro e perguntou:

— Quem és? que me queres?

— Sou um pecador; desejo a paz e o esquecimento, disse o desconhecido.

O irmão porteiro fê-lo subir á sua cela. A luz da lâmpada bateu então, de chapa, no rosto do desconhecido, que já havia sacudido dos ombros a larga capa que o cobria. Era um homem de estatura meã, cheio, olhar sombrio e desvairado.

— Senta-te, irmão, e dize-me quem és e o que queres.

O desconhecido sentou-se numa pobre cadeira, único ornamento da cela, e esteve ainda alguns minutos ofegante, e como sem saber de si. Quando pôde falar fez esta extraordinária revelação:

— Chamo-me Ferrari, empresário de companhias líricas. Nunca o meu nome chegou decerto aos ouvidos de Vossa Paternidade, porque a esta solidão santa e ascética vem morrer o éco das distrações mundanas. De tais distrações vivi eu, e viveria até morrer, si um funesto acontecimento me não viesse sangrar a alma de remorsos...

— Que foi?

— Estando no Rio de janeiro, ha alguns meses, contratei com os habitantes levar-lhes este ano uma companhia lírica, prometendo de minha parte a primasia da exhibição e a excelência do pessoal, e exigindo em troca a prévia assinatura do teatro e a entrada de uns tantos por cento. Não imagina Vossa Paternidade o ardor com que os

habitantes do Rio de Janeiro aceitaram a minha proposta e cumpriram pontualmente as cláusulas que lhes diziam respeito. As assinaturas vieram; a porcentagem foi depositada em um banco, e eu embarquei para a Europa. Logo que aqui cheguei ...

Ferrari não pôde acabar a frase. Grossas lágrimas e fortes soluços lhe embargaram a voz. O monge afagou-o com muita ternura e o infeliz continuou:

— Logo que cheguei, encontrei o diabo. Não falo metaforicamente; encontrei o próprio inimigo do gênero humano, quando eu começava a organizar a companhia, tendo já contratado a Volpini. Perguntou-me ele si queria ganhar, em um instante, glória, riqueza e poder; mais ou menos, a proposta que fizera ao Fausto. Recusei, e recusei obstinadamente; mas o astuto inimigo não se deu por vencido. Como espreitava a minha alma, apimentou mais a tentação, usando o seu pérfido estilo do costume. — Dou o que quizeres; pede tudo; eu te darei tudo. O poder é uma nobre ambição; terás o poder; a riqueza é um benefício legítimo; dar-te-ei cabedais de nababo. Si preferes a glória, terás a glória, seja a de Homero, a de Newton, a de Bonaparte, ou a de Miguel Ângelo. Vê lá: estadista, banqueiro, poeta, artista, sábio ou general; escolhe. A oferta deslumbrou-me; minha alma sentiu a vertigem do mal.

— Que exiges em troca? disse eu, — A tua companhia lírica; eliminarei alguns cantores; copiarei a tua figura; irei a Buenos-Aires.— Mas eu prometi ir primeiro ao Rio de Janeiro... — Por isso mesmo; lograremos o Rio de Janeiro.

Não refleti nas terríveis condições do contrato que me propunha o gênio das trevas, e cedi. Ele tomou a minha fôrma, eliminou alguns cantores e partiu com os outros para Buenos-Aires. Poucas horas depois... Ah!

— Socega; continua.

— Poucas horas depois da partida, reconheci todo o horror da minha situação. Satanaz com prara a minha alma! Aterrado e curtido de remorsos, recusei as ofertas que de toda a parte me chegavam, quasi no mesmo instante: a neta de um rajá da Índia, o ministério bávaro e a coroa de Marrocos. Recusei; fugi de casa. Vaguei dias e dias, sem comer nem beber; três vezes tentei matar-me, atirando-me á cratera do Vesúvio. Enfim, ha uma hora, atravessando a rua Chiaja, ouvi uma voz misteriosa, que me disse: «Retira-te, retira-te!» Compreendi a intimação; corri ofegante a esta casa santa; e de joelhos imploro: Irmão, quero fazer-me frade!

— Que ouço! clamou o irmão porteiro.

— A verdade, retorquiu Ferrari; quero fugir ao mundo; quero purgar a minha fraqueza na solidão de uma cela e nos trabalhos mais árduo

da vida monástica. Abjuro os erros do passado, peço as águas da regeneração.

Imaginem facilmente os nossos leitores a alegria com que o digno monge ouviu estas palavras de Ferrari. Estendeu-lhe os braços; apertou-o ao coração; disse-lhe muitas palavras de brandura e amor. Era já sobre a madrugada; deu a Ferrari a sua pobre cama e velou até o nascer do sol.

Terminadas as matinas, o irmão porteiro referiu o extraordinário caso ao Provincial, que não ficou menos assombrado nem menos jubiloso do que ele. A nova correu todo o convento; foi um alvoroço geral. Ferrari narrou perante a comunidade a história de seus remorsos e o prodígio da sua vocação, e acabou pedindo o hábito.

— Te-lo-ás, disse o Provincial; e com a brevidade que permitem antigos privilégios desta casa. Entretanto, são precisas duas coisas: a primeira que saibas as letras canônicas ...

— Cursei outrora um seminário, acudiu Ferrari.

— Bem; a segunda é que faças penitências como um preparativo á tua completa regeneração.

— Oh! tudo o que fôr necessário!

Assentadas as coisas deste jeito, Ferrari começou uma vida de cruéis mortificações. Cingiu aos ombros um cilício, que lhe sangrava as carnes constantemente. As horas, que não dava ás práticas e orações do ritual ou aos serviços da comunidade, empregava-as em penitências e castigos de toda a espécie. Passava muitas noites, de

bruços, nas pedras do claustro, ora mudo e como defunto, ora a pedir perdão de suas iniquidades. Outras vezes, passeava durante muitas horas, e das celas contíguas ouviam-lhe estas palavras soltas e sem sentido aparente:

— Assinaturas ... comissão ... Castelões ... Vol-pini...

Vinte por cento... *Ohimé!!*

Mais de uma vez foi visto, com os braços erguidos para o lado do ocidente, ficando longo tempo nessa posição, sem discrepar uma linha.

Noutras ocasiões, a penitência consistia em olhar para a ponta do nariz, como os bonzos. Tamanhas e tão continuadas foram as mortificações, que o Provincial, ha cerca de um mês, lhe disse estar cumprida a segunda das condições impostas.

— Para o meu erro, creio, disse o noviço; mas os males que Satanaz ha de semear naquelas terras ...

— Não importa; professarás daqui a uma semana.

Passada uma semana, durante a qual as penitências do noviço foram exemplares, marcou-se o dia da profissão. O nosso correspondente assistiu a essa cerimônia, e escreve-nos dizendo que a fisionomia do novo mendicante é a mais ascética e espiritual que se póde imaginar. A cerimônia foi a um tempo imponente e tocante.

No fim, cingido o hábito, e obtida a vênia do Provincial, frei Ferrari subiu ao púlpito e fez uma breve e eloqüente prática a todos os circunstan-



tes, tomando por tema este versículo de Habacuc, I 15: «Tudo levantou com o anzol e ajuntou na sua rede». O exórdio foi uma obra-prima. Comparou o mundo a um grande lago, cujas águas são turvas e lodosas. As almas são os peixes que as habitam, uns graúdos, outros miúdos, e na maior parte fáceis de pescar. Satanaz é o torvo pescador. Destro no ofício, senta-se ele á margem e lança á água o anzol do pecado, com a isca dos prazeres mundanos. A alma que passa nem sempre tem a força de aceitar a fome temporária para ganhar a saciedade eterna. Não! a alma é gulosa do pecado, como o ouvido é guloso da música. Trinca a isca; o pescador puxa o anzol; o eterno suplício a espera.

Outras vezes, nem é preciso anzol; basta a rede. A humana credulidade torna fácil a pesca. Pelas malhas da rede diabólica penetram todos os peixes, ou sejam tubarões ou sardinhas. Ha casos em que os tubarões entram mais facilmente do que as sardinhas. Então, o pescador arrasta a rede á praia, e com ela o fruto de uma hora de paciência.

«Quando aprendereis, ó homens (clamou o pregador em um raptó de magnífica eloqüência), quando aprendereis a resistir á rede e ao anzol? Quando chegareis a conter a fome, antes do que morder um verme illusório? quando alcançareis nadar nas águas do mundo, sem penetrar as malhas de rede infernal? E que por elas entrem as sar-

dinhas e os camarões, compreende-se; mas a vós falo, ó tubarões, a vós, que sois graúdos e espertos, porque vos deixais cair nas malhas cruentas do pecado? Sábio é o peixe que não desdenha a isca, mas quer primeiro examinar o anzol; sábio é o peixe que não move as barbatanas sem ver si tem diante de si uma rede ou simplesmente a água livre».

Segundo o nosso correspondente, este pálido resumo apenas pôde dar idéa do que foi o soberbo discurso do novo mendicante. A peroração tocou por vezes o sublime; e ainda mais sublime que tudo foi a humildade com que frei Ferrari, começando a ouvir os festivos emboras que lhe mereceu tão magnífica estréa, deitou a fugir e foi encerrar-se na cela, donde só saiu no dia seguinte. Este exemplo de modéstia conquistou de uma vez todos os corações da cidade.

Nápoles não conhece hoje outro assunto de conversa, e, diremos mais, de meditação. Como sempre acontece, a imaginação popular dá maio res proporções á realidade; e, contudo, esta é bastante para encher a todos de assombro. Raras vezes terá sucedido um caso tão cheio de peripécias, tão entremeado de miséria e grandeza. Essa história, que começa numa simples palestra no Rio de Janeiro e acaba com a entrada vertiginosa no convento dos mendicantes; o pacto com Satanaz, o arrependimento, o remorso, a recusa dos cabedais e do poder, ha em tudo isso uma côr shakespeareana, uma feição trágica. Não inspirará este as-

sunto alguma coisa aos nossos poetas dramáticos? Já daqui imaginamos o efeito que ha de tirar disto algum Shakespeare do futuro. Variedade do cenário: Nápoles, Rio de Janeiro, Buenos-Aires; taran-telas e seguidilhas; modinhas e cantochão. Satanaz empresário; um empresário monge; o real e o sobrenatural. Ah! si o divino autor do *Hamlet* pudesse ler um caso assim na crônica da idade média!

Esta notícia não seria completa, si não tocássemos em dois pontos.

O primeiro é a missão que tomou em seus ombros o novo frade de converter todos os empresários de teatro; sejam dramáticos ou líricos, e não só os empresários, sinão também os próprios artistas e maestros. *Insaniam incensium*: esta expressão, de um grande doutor, entrou profundamente na alma do mendicante, que já começa a ver o resultado de seus esforços. Todos os teatros de Nápoles estão fechados; a Volpini retirou-se a uma ermida nos confins da Boêmia; Verdi fez-se escrivão de defuntos.

O segundo ponto é a situação em que vão, achar-se dentro de poucas semanas os habitantes do Rio de Janeiro. Supondo que tem consigo o incansável empresário, que foi o revelador da *Aída'* e do Bolis, tem simplesmente o espírito das trevas, que copiou a figura de Ferrari para melhor colhê-los na sua rede.

Tão grave perigo precisa ser conjurado por todos os modos, e nós já nos havíamos lembrado

de aconselhar várias fórmulas e usos de exorcismo; entre estes, o uso de queimar arruda, que é poderoso contra más tentações.

Entretanto, o nosso correspondente, em carta escrita á última hora, e recebida quando este artigo já estava no fim, refere-nos a entrevista que tivera com o mendicante, a propósito da empresa do diabo.

— Não lhe parece, disse ele, que os habitantes do Rio de Janeiro vão correr grande perigo, si ali penetrar o novo empresário, e que ha da sua parte tal ou qual obrigação de lhes desviar a espada de sobre a cabeça?

— Penso que sim.

— Que remédio lhe parece que ...

— Parece-me que o melhor de todos é a habilidade, a cautela.

— Prendê-lo para averiguações?

— Não.

— Deixá-lo ficar?

— Sim. Deixá-lo acabar de encher a lista das assinaturas...

— Mas não ir ao teatro?

— Ir ao teatro; dar-lhe até enchentes; mostrar que se ignora a simulação; proceder com toda a cautela, até vê-lo sair. Uma vez saído, resta ao povo fluminense o recurso do corvo:

*Jurer, mais uit peut tard, qu'on ne l'y prendra pltis...*

*O Cruzeiro, 21 maio, 1878.*

# CRÍTICA LITERÁRIA

## I

*Compêndio da Gramática Portuguesa*, por Vergueiro e Pertence. — *A memória de Pedro V*, por Castilhos, Antônio e José. — *Memória acerca da 2.<sup>a</sup> égloga de Virgílio*, por Castilho José. — *Mãe*, drama do sr. conselheiro José de Alencar. — Desgosto pela política.

Será alguma vez tarde para falar de uma obra útil? Tenho que não, e si o público é do mesmo parecer, certamente me desculpará, julgando, como eu, que ainda não é tarde para falar do *Compêndio da Gramática Portuguesa* dos srs. Pertence e Vergueiro.

Sou dos menos competentes para avaliar pelo justo e pelo miúdo a importância e superioridade de uma gramática. Esta franqueza não me tolhe de escrever as impressões recebidas por alto, e habilita-me a não dar conta da pobreza e nudez de minha frase.

Sempre achei que uma gramática é uma coisa muito séria. Uma boa gramática é um alto ser-<sup>VI</sup>Ç<sup>o</sup> a uma língua e a um país. Si essa língua é <sup>a</sup> nossa, e o país é este em que vivemos, o ser-

viço cresce ainda e a emprêza torna-se mais difficil. Quando se consegue o resultado alcançado pelos srs. Pertence e Vergueiro tem-se dado material para a estima e a admiração dos concidadãos.

Ha na gramática dos srs. Pertence e Vergueiro aquilo que é necessário ás obras desta natureza, destinadas á estabelecer no espirito do aluno as regras e as bases, sobre as quais se tem de assentar a sua ciência filologica: o método do plano e a limpidez e concisão das definições.

Metódico no plano e claro na definição, não sei que hajam outros requisitos a desejar no autor de uma gramática, a não ser o conhecimento profundo da língua que fala, e esse, pela parte do sr. dr. Pertence, a quem conheço, é dos mais raros e incontestados.

Na análise sintáxica, principalmente, os autores do *Compêndio* trataram com minuciosidade todas as questões, expuseram todas as regras, esclareceram todas as dúvidas, com uma precisão e uma autoridade raras em tais livros.

Julgo que o mérito do *Compêndio* está pedindo a sua adoção immediata nas escolas; vulgariza preceitos de transcendente importância, e que, pelo tom do escrito, acham-se ao alcance das inteligências menos esclarecidas.

\*  
\*\*

Aproveito a ocasião, e tocarei em algumas obras ultimamente publicadas. Cai-me debaixo dos

olhos o *Monumento*, que, á mimória de el-rei D. Pedro V, esgueram os srs. Castilhos, Antônio e José. Abre esta brochura por uma peça poética do sr. Castilho Antônio. Não ha ninguém que não conheça essa composição que excitou pomposos e entusiásticos elogios. Antes de conhecer esses versos ouvi eu que nestes últimos tempos era a melhor composição do autor da *Noite do Castelo*. A leitura da poesia pôs-me em divergência com esta opinião.

Como obra de metrificacão, acredito que ha razão para os que aplaudem com fogo a nova poesia do autor das *Cartas de Eco*, e nem é isso de admirar da parte do poeta. É realmente uni grande artista da palavra, conhecedor profundo da língua que fala e que honra, um edificador que sabe mover os vocábulos e colocá-los e arrendá-los com arte, com o que tem enriquecido a galeria literária da língua portuguesa.

Na poesia de D. Pedro V esse mérito sobressai, e admira-se sinceramente muitas belezas de forma, agregados com arte, bem que por vezes venham marear a obra lugares-comuns desta ordem:

«Cá tudo é fausto e sólido;  
Cada hora é de anos mil;  
De idade a idade, medra-nos  
Sempre mais verde abril».

Não ha na parte da metrificacão muito que dizer, mas falta á poesia do sr. Castilho Antônio



o alento poético, a espontaneidade, a alma, a poesia, enfim. O pensamento em geral é pobre e procurado, e na primeira parte da poesia, a das quadras esdrúxulas, a custo encontramos uma ou outra idéa realmente bela como esta:

«Limpa o suor da púrpura Ao  
fúnebre lençol; Vai receber a  
fêria; Descansa; é posto o  
sol.»

Nem só o pensamento é pobre, como ás vezes pouco admissível, sob o duplo ponto de vista poético e religioso. A descrição do paraíso feita pela alma do príncipe irmão parece mais um capítulo das promessas maométicas do que uma página cristã.

Creio eu que a idéa cristã do paraíso celeste é alguma coisa mais espiritual e mística, do que a que se nos dá nas estrofes a que me refiro. Não supõe por certo um poeta cristão que o Creador de todas as coisas nos acene com *salas de ouro e pórfito, tectos azues, tripúdios entre prados feiticeiros, colinas, e selvas umbríferas*, e outros deleites de significação toda terrena e material.

Si descrevendo os gozos futuros por este modo quis o poeta excitar as imaginações, adquiriu direito somente ás adorações daqueles filhos do Koran a quem o profeta acenou com os mesmos deleites e os mesmos repousos. Em nome da poesia e em nome da religião, o autor de *Ciúmes do*

*Bardo* devia lisonjear menos os instintos e as sensualidades humanas, e pôr no seu verso alguma coisa de mais apuro e de mais elevado.

Ha ainda na primeira parte da poesia certas imagens singulares e de menos apurado gosto poético:

Tal é por exemplo esta:

«Onde, entre as frescas árvores  
Da vida e da ciência, Nos rulha a  
pomba mística Ternuras e  
inocência».

Ou estoutra:

«E foi, entre os heróicos, Teus  
dons fascinadores, Como um  
argênteo lírio Em vasos de  
mil flores».

A segunda parte da poesia é escrita em verso alexandrino.

Aqui a forma cresceu de formosura e de arte, e por ventura o pensamento apareceu menos original.

O verso prestava-se} e o poeta é nele eminente -■ e único. O alexandrino é formosíssimo, mas es cabroso e difícil de tornar-se harmonioso, talvez porque não está geralmente adotado e empregado Pelos poetas da língua portuguesa.

O autor das *Cartas de Eco* vence todas essas dificuldades dando-lhe admirável elasticidade e harmonia.

Esta estrofe merece ser citada, entre outras, como exemplo de poesia:

«Quem, entre tão geral, tão mísera orfandade, Se atreve a mendigar, em nom« da saudade, Um frio monumento, um bronze inerte e vão! Temem deslumbre um pai? Que pedra iguala a história? Um colosso caduco é símbolo da glória? Si a pirâmide assombra, os Faraós quem são?».

Acompanham esta poesia algumas estrofes; umas, a D. Fernando, outras, ao rei actual. As primeiras, duas apenas, estão bem rimadas, mas trazem a mesma indigência de pensamento que fiz notar na primeira parte da poesia a D. Pedro V. As segundas, sobre serem bem metrificadas e harmoniosas respiram alguma poesia, e estão adequadamente escritas para saudarem um reinado.

O que aí vai escrito são rápidas impressões vertidas para o papel, sem ordem, nem pretensão a crítica. Si me estendi na menção daquilo que chamo defeitos da poesia do sr. Castilho Antônio, mestre na literatura portugueza, é porque pôde induzir em erro os que forem buscar lições nas suas obras; é comum aos discípulos tirarem aos mestres o mau de envolta com o bom, como ouro que se extrai de envolta com terra.

A parte do livro que pertence ao sr. Castilho José, é uma biografia do rei falecido. Louvando o ponto de vista patriótico e a firmeza do juízo do biógrafo, quisera eu que, em estilo mais sim-

pies, menos amaneirado, nos fosse contada a vida do rei. Estou certo de que seria mais apreciada. Entretanto deunos o sr. Cartilho José mais uma ocasião de apreciar os conhecimentos profundos da língua que possui.

\*  
\*\*

Outro trabalho do sr. Castilho José é uma *Memória* publicada ha dias, para provar que não havia em Virgílio hábitos pederastas. A *Memória* é escrita com erudição e proficiência; o sr. Castilho José é induzido a negar a crença geral, por ser a 2.<sup>a</sup> égloga do Mantuano uma imitação de Teócrito, por nada ter de pessoal e por parecer uma alegoria, personificando Córidon o gênio da poesia e Alexis a mocidade.

Diante desta questão confesso-me incompetente; todavia ha uma observação ligeira a fazer ao sr. Castilho José. O confronto entre Teócrito e Virgílio não leva a concluir do modo por que o sr. Castilho José conclue. Teócrito trata do amor entre Polifemo e Galatéea, e Virgílio deplora os desdens de Alexis por Córidon. isto parece antes provar que Teócrito estava limpo dos defeitos que a égloga virgiliana acusa.

O trabalho do sr. Castilho José, no ponto de vista moral e de investigação, tem um certo e real valor.

\*

\*\*

Acaba de publicar-se o drama do sr. conselheiro José de Alencar intitulado: *Mãe*, já representado no teatro Ginásio.

Por este meio está facilitada a apreciação, a frio e no gabinete, das incontestáveis belezas dessa composição. O autor das *Azas de um anjo* é um dos que melhor reúnem os requisitos necessários a um autor dramático.

Ponho ponto final a estas ligeiras apreciações, desejando que outras obras vão aparecendo e distraindo a apatia pública.

\*

\*\*

Hoje é necessário que alguma coisa assim satisfaça e entretenha o espírito público, desgostoso e enjoado com as misérias políticas de que nos dão espetáculo os homens que a aura da fortuna, ou o mau gênio das nações, colocou na direção, patente ou clandestina, das coisas do país.

Causa tédio ver como se caluniam os caracteres, como se deturpam as opiniões, como se invertem as idéas, a favor de interesses transitórios e materiais, e da exclusão de toda a opinião que não comunga com a dominante. Para este resultado nem os mais altos escapam, e é tecendo defesas gratuitas ao príncipe que se procura provar a má fé alheia e os próprios fervores.

Nem fazem rir como D. Quixote, porque o namorado de Dulcinéa, investindo para os moinhos de vento, nem armava á recompensa, nem queria medir amores por lançadas. Tinha a boa fé da sua mania, e a sinceridade do seu ridículo. Estes não.

*Diário do Rio de Janeiro, 22 fevereiro, 1862.*

## II

### FLORES E FRUTOS

Poesias por Bruno Seabra, 1862, Garnier, Editor.

Li ha muito tempo um livrinho de versos que tinha por título *Divan*, e que estava assinado por Augusto Soromenho. O título do livro era o mesmo de uma coleção de poesias de um poeta turco, creio eu. Achei-lhe graça, facilidade, e sobretudo novidades tais, que tornavam os versos de Soromenho de uma beleza única no meio de todos os gêneros.

O livro que o sr. Bruno Seabra acaba de publicar sob o título de *Flores e Frutos* veio mostrar-me que o gênero e as qualidades do Soromenho podiam aparecer nestas regiões com a mesma riqueza de graça, facilidade de rima e vir-gindades de idéas. Abrangendo mais espaço do que a brochura do *Divan*, os versos do sr. dr. B. Seabra respondem a diversos ecos do coração ou do espírito do poeta. A esta vantagem do sr. B. Seabra junte-se a de haver no poeta brasileiro

certos toques garrettianos mais pronunciados do que no poeta portuense. Demais, o livrinho de So-romenho era um desenfado; o livro do sr. B. Sea-bra é um ensaio, uma prova mais séria para admissão no lar das musas.

A própria divisão do livro do sr. B. Seabra exprime o maior espaço que a sua inspiração abrange.

A primeira parte intitula-se *Aninhas*; a segunda, *Lucrécias*; a terceira *Dispersas*.

Na primeira estão compreendidas as impressões frescas da mocidade e as comoções ingênuas e cândidas do coração do poeta. A sua musa vaga pela margem dos ribeiros e pelos veigéis onde absorve a santa e vivificante aura do amor.

A ingenuidade dos affectos está traduzida na simplicidade da expressão.

É a poesia louca de que fala um crítico eminente.

Essa, quando verdadeira e simples, é rara e inestimável. Poucos a tem simples e verdadeira; e os que á força de torturarem a imaginação querem alcançar e produzir aquilo que só da espontaneidade do coração e da natureza do poeta pôde nascer, apenas conseguem arrebicar a inspiração sem outro resultado. É o caso do pintor antigo que buscava enriquecer a sua estátua de Venus não podendo imprimir-lhe o cunho da beleza e da graça.

Esta qualidade, quaisquer que sejam as reservas que a crítica possa fazer, é um motivo pelo



qual saúdo com entusiasmo o livro do sr. B. Seabra.

A poesia *Na Aldeia*, a primeira da primeira parte, parece destinada a dar a idéa resumida do sentimento que inspira as *Aninhai*. Veja o leitor esta estrofe:

«Olha! que paz se agasalha  
«Nesta casinha de palha, «A  
sombra deste pomar! «Olha! vê!  
que amenidade! «Abre a flor da  
mocidade «Na soleira deste lar!

E esta outra:

«Que valem vaidosos fastos, «  
Quando os corações vão gastos «De  
afectos, de amor, de fé? «A  
ventura verdadeira «Vive á  
sombra hospitaleira « Da casinha de  
sapé ».

Entremos na segunda parte. Cala-se o coração do poeta. A primeira poesia, *Nós e vós*, recomenda logo ao leitor as demais *Lucrécias*.

*Teresa, Moreninha, A filha do mestre Anselmo, Inês*, são composições de notável merecimento. *Teresa e Moreninha*, principalmente.

Sinto não poder transcrevê-las aqui. O poeta assiste á saída de Teresa e seu noivo da igreja onde se foram casar:

«Olhem como vem pimpona!  
«É uma senhora dona,  
« Reparem como ela vem...»

Depois de notar a mudança que o casamento havia operado na volúvel Teresa diz-lhe o poeta:

Adeus, senhora Teresa! Salve o  
 pobre ria pobreza Que isso não  
 lhe fica bem. Soberba com seu  
 marido, Soberba com seu vestido,  
 Deixe-se de soberbias, Lembre-se  
 daqueles dias Á sombra dos  
 cafezais... Descora ... não tenha  
 medo! Vá tranqüila que o segredo  
 Da minha boca ... jamais ...

Tenho mímica de espaço. Citarei apenas esta primeira estrofe da *Moreninha*, como amostra de graça e facilidade:

— Moreninha, dá-me um beijo?  
 — E o que me dá, meu senhor?  
 — Este cravo ...  
       — Ora, esse cravo! De  
 que me serve uma flor? Ha tantas  
 flores nos campos! Hei de agora,  
 meu senhor, Dar-lhe um beijo por um  
 cravo? É barato; guarde a flor.

As *cinzas de um livro*, com que o poeta pôs fecho ao livro, revela as qualidades de forma de todos os versos, mas não me merece a menção das páginas antecedentes: *Cinzas de um livro* é o contraste de *Aninhas*; *Aninhas* me agradam mais, pelo sentimento que inspiram e pelas impressões que deixam no espírito de quem as lê.

Reservas á parte, as *Flores e Frutos* do sr. B. Seabra revelam um talento que se não deve perder e que o poeta deve ás musas pátrias. Não dá animações quem precisa de animações, com títulos menos legítimos, é verdade; mas tudo quanto um moço pode dar a outro, eu lhe darei, apertando-lhe sincera e cordialmente a mão.

*Diário do Rio de Janeiro, 30 junho 1862.*

### III

## REVELAÇÕES

Poesias de A. E. Zaluar, Garnier, editor, 1863.

Dois motivos me levam a falar do livro do sr. A. E. Zaluar; o primeiro, é o próprio merecimento dele, a confirmação que essas novas páginas trazem ao talento do poeta; o segundo, é ser o autor das *Revelações* um dos que conservam mais viva a fé poética e acreditam realmente na poderosa influência das musas.

Parece, á primeira vista, coisa impossível, um poeta que condene a sua própria missão, não acreditando nos efeitos dela; mas, si se prescrutar cuidadosamente, ver-se-á que este fenômeno é, não só possível, como até não raro.

O tom sinceramente elegíaco da poesia de alguns dos mestres contemporâneos deu em resultado uma longa enfiada desses filhos das musas, aliás talentosos, em cuja lira a desconfiança e o abatimento tomam o lugar da fé e da aspiração,

Longe a idéa de condenar os que, após longa e dolorosa provação, sem negarem a grandeza de

sua missão moral, soluçam por momentos desconsolados e desesperançados. Desses sabe-se que a cada gota de sangue que lhes tinge os lábios corresponde um rompimento de fibras interiores; mas entre esses sofrimentos, muitas vezes não conhecidos de todos, e o continuado *lama sabactani* dos pretendidos infelizes, ha uma distância que a cre-dulidade dos homens não deve preencher.

Não se contesta ás almas poéticas certa sensibilidade fora do comum e mais exposta por isso ao choque das paixões humanas e das contrarie-dades da vida; mas não se estenda essa faculdade até á *sensiblerie*, nem se confunda a dôr espontânea com o sofrimento calculado, A nossa língua tem exatamente dois termos para exprimir e definir essas duas classes de poetas; uns serão a *sensibilidade*, outros a *sasceptibilidade*.

Destes últimos não é o autor das *Revelações*, o que no tempo presente é um verdadeiro mérito e um dos primeiros a serem apontados na conta da análise.

Análise escapa-me aqui, sem indicar de minha parte intuito determinado de- examinar detida e profundamente a obra do sr. Zaluar. Em matéria de crítica o poeta e o leitor têm direito a exigir do escritor mais valiosos documentos que os meus; esta confissão, que eu sempre tenho o cuidado de repetir, deve relevar-me dos erros que cometer e dispensar-me de um longo exame. É como um companheiro da mesma officina que eu leio os

versos do poeta, e indico as minhas impressões. Nada mais.

O primeiro volume com que o sr. Zaluar se estreou na poesia intitulava-se *Dores e Flores*; foi justamente apreciado como um primeiro ensaio; mas desde então a crítica reconheceu no poeta um legítimo talento e o admitiu entre as esperanças que começavam a florir nesse tempo.

As torturas de Bossuet para descrever o sonho da heroína servem-me de aviso nesta conjuntura, mas tire-me uma das mais apropriadas figuras, com que eu poderia definir o resultado mau e o resultado bom dessas esperanças nascentes.

Direi em prosa simples que o autor das *Dores e Flores* foi das esperanças que vingaram, e pode atravessar os anos dando provas do seu talento sempre desenvolvido.

O que é pena (e é essa a principal censura a fazer ás *Revelações*) é que durante o longo período que separa os dois livros o poeta não acompanhasse o desenvolvimento do seu estro com maior cópia de produções, e que no fim de tão longa espera o novo livro não traga com que fartar largamente tantos desejos. Mas, sendo assim, o que resta aos apreciadores do talento do poeta e buscar no insuficiente do livro as sensações a que ele os acostumou.

Para ser franco cumpre declarar que ha reservas a fazer, e tanto mais notáveis, quanto se

destacam sensivelmente no fundo irrepreensível do livro. Mais de uma vez o poeta, porque escrevesse em horas de cansaço ou fastio, sai com a sua musa das regiões etéreas para vir jogar terra á terra com a frieza das palavras; esses abatimentos, que, por um singular acaso, na divisão do livro acham-se exatamente em ordem a indicar as alternativas dos vãos da sua musa, servem, é certo, para pôr mais em relevo as suas belezas incontestáveis e as elevações periódicas do seu estro.

Pondo de parte esses fragmentos menos cuidados, detenho-me no que me parece traduzir o poeta. Aí, reconhecem-se as suas qualidades, sente-se a sua poesia melodiosa, simples, terna; a sua expressão conceituosa e apropriada; a abundância contida do seu estro. Sempre que o poeta dá passagem ás comoções de momento, a sua poesia traz o verdadeiro e primitivo sabor, como na *Casinha de sapê* e outras.

A parte destinada á família e ao lar, que é por onde começa o livro, traz fragmentos de poesia melancólica, mas não dessa melancolia que anula toda a ação do poeta e faz ver na hora presente o começo de continuadas catástrofes. É esse um assunto eterno de poesia; a recordação da vida de criança, na intimidade do lar paterno, onde as mágoas e os dissabores, como os raios, não chegam até as plantas rasteiras, não passando dos carvalhos; essa recordação na vida do homem feito,

é sempre causa a lágrimas involuntárias e silenciosas; as do poeta são assim, e tão medrosas de aparecer, que essa parte do livro é a menos farta.

*Efêmeras* é o título da segunda parte do livro. Aí reuniu o poeta as poesias de assunto diverso, as que traduzem affectos e observações, os episódios íntimos e rápidos da vida.

*Arrufos* é uma das poesias mais notáveis dessa parte; é inspirada visivelmente da musa fácil de Garrett, mas com tal felicidade, que o leitor, lem-brando-se do grande mestre, nem por isso deixa de lhe achar um especial perfume.

Não acompanharei as outras efêmeras de merecimento, como sejam *A Confissão*, *Perdão*, etc. O livro contém mais duas partes; uma, onde se acham algumas boas traduções do autor, e versos que lhe são dedicados por poetas amigos; outra que toma por título *Harpa Brasileira*, onde estão as poesias *A casinha de sapê*, *O ouro*, *o Filho das florestas*, *A flor do mato*, *os Rios*, etc.

Da *Casinha de sapê* já disse que é uma das melhores do livro; acrescentarei que ela basta para indicar a existência do fogo sagrado no espírito do poeta; a melancolia do lugar é traduzida em versos que deslizam suave, espontânea e naturalmente, e a descrição não pôde ser mais verdadeira.



Para apreciação detida do leitor, dou aqui algumas dessas estrofes:

«No cimo de ura morro agreste. Por  
entre uns bosques sombrios, Onde  
conduz uma senda De emaranhados  
desvios, Uma casinha se vê Toda  
feita de sapê!

«Suave estância! Parece, Circundada de  
verdura, Como um templo recatado  
No seio da espessura; Naquelles  
ermos tão sós Não chega do mundo  
a voz!

«Apenas uma torrente, Que brota iá  
dos rochedos, Murmura galgando as  
penhas, Suspira entre os arvoredos!  
Tem ali a natureza A primitiva  
beleza!

«Lá distante ... inda se escuta Ao  
longe o bramir do mar! Ouvem-se  
as vagas frementes Nos alcantis  
rebenter! Aquele eterno lamento Chora  
nas asas do vento!

«Mas na casinha, abrigada Pelos  
ramos das mangueiras, Protegida  
pelas sombras, Dos leques das  
bananeiras, Aquele triste clamor  
É como um gênio de amor!

«Eu e júlia nos perdemos Na senda,  
uma vez, do monte; Ao sol-posto —  
côr de lírio Era a barra do horizonte;  
Toda a terra se cobria D'um véu de  
melancolia!

«O meu braço segurava O seu corpo já  
pendido Ás emoções, ao cansaço,  
Como que desfalecido. Seus olhos  
com que doçura Se banhavam de  
ternura!

«Paramos no toско ang'lo Da  
montanha verdejante. Era  
deserto. Não tinha A ninguém  
por habitante! Só no lar  
abandonadas Algumas pedras  
tisanadas!

*A flor do mato, o Ouro, o Filho das Selvas* são também, como esta, de mérito superior.

No prefácio do livro, o sr. Zaluar dá á poesia *Os Rios* como o élo entre os seus volumes publicados e outro cuja publicação anuncia. Aí pretende ele entrar na contemplação séria da natureza e do infinito. Tendo atingido á completa virilidade do seu talento, o autor das *Revelações* compreende, e compreende bem, que é hora de sair inteiramente do ciclo das impressões indivi-<sup>ais</sup> - Já, como ele mesmo observa, algumas das

poesias deste livro fazem pressentir essa tendência.

Direi que já era tempo, e, sem a menor intenção de fazer um cumprimento ao poeta, acrescento que a poesia ganhará com os seus prometidos tentames.

E si fosse dado a qualquer indicar caminho ás tendências do poeta e modificar-lhe as intenções, eu diria que, não só a essa contemplação do infinito e da natureza, mas também á descoberta e consolação das dores da humanidade devia dirigir-se a sua musa.

Ela tem bastante comoção, nas palavras para consolar as misérias da vida e embalsamar as fe ridas do coração.

Em resumo, o livro do sr. Zalvar é, como disse ao princípio, uma confirmação de que não precisava o seu talento. A poetas como o autor das *Revelações*, não ha mister de *exortações* e conselhos; ele sabe que a condição do talento é traba lhar e utilizar as suas forças. O tempo para os dons do espírito é um meio de desenvolvimento; a inspiração que se aplica, cresce e se fortalece, em vez de diminuir e esgotar-se. As *Revelações* são uma prova disto. É principalmente a respeito da poesia que tem aplicação o dito de Buffon: — *A velhice é um preconceito.*

*Diário do Rio de Janeiro, 30 março 1863.*

## IV

### CRITICA

*A Constituinte perante a história*, pelo sr. Homem de Melo—  
*Sombras e Luz*, do sr. B. Pinheiro.

Encetando hoje estas conversas, não posso dissimular o sentimento de tristeza que me domina.

Olho em torno de mim e não vejo mais na arena aquela plêiade ardente que vinha todas as semanas, ao rés do chão, entrar nas justas literárias. Uns, levou-os a morte, outros prendem-se a cuidados mais sérios, alguns enfim foram-se para as justas políticas, e o folhetim, o garrido, o ameno, o viçoso folhetim perdeu os seus amigos e os seus leitores.

E contudo sempre me pareceu que o folhetim era uma função obrigatória e exclusiva, para a qual nunca devia soar a hora da morte ou a hora da política. Era um erro.

*Tout arrive*, dizia Tayllerand, e foi preciso que eu visse o facto para acreditar que também ao folhetim devia chegar a hora da política e a «ora da morte».

Nos bons tempos do folhetim era digna de ver-se a luta.

O estímulo entrava por muito no trabalho de cada um. do que resultava trabalharem todos com maior proveito e glória. Hoje a melhor vontade ha de nulificar-se no meio do caminho. É uma voz no deserto, sem eco nem competidores.

E é por isso que eu ficarei mui embaraçado si os leitores me perguntarem a que venho, eu, que nem tenho as razões de talento do mais ínfimo de outrora.

Não sei, é a minha resposta; e não creio que melhor se possa dar em grande número de circunstâncias da vida.

Venho talvez para nada.

Sobre a extemporaneidade desta aparição ha ainda a esterilidade dos tempos, do que se poderia tirar uma conclusão: é que si os homens não abandonassem o folhetim, o folhetim seria abandonado pelos acontecimentos.

Para conservar-se a gente segregada da repartição política, diga-me o leitor, onde irá buscar matéria?

Na imaginação, responderá, o que eu acharia bem respondido, si a imaginação fosse nestas coisas matéria-prima, e não um simples condimento especial.

O que é certo é que nas notas que tomei para organizar estas páginas apenas encontro três assuntos. E pelo tom em que elas vão escritos

posso acertadamente dizer que vão *mais cheios de queixas que' de caixas*, como das frotas de assucar da Baía anunciava o padre Antônio Vieira.

Mas é preciso dar de mão ás queixas para tratar das caixas.

Resume-se a minha bagagem da semana em dois livros e uma estréa.

O primeiro dos livros é uma reivindicação histórica escrita pelo sr. Homem de Melo, um dos mais notáveis talentos nacionais, no qual o ver-dor dos anos corre de par com a erudição e a proficiência literária. O título do livro é — *A Cons-twnte perante a história*. Trata o sr. Homem de Melo de provar que o período da Constituinte ainda não foi justamente apreciado pelos contem-râneos.

Um desejo constante de acertar, tanto na ordem das idéas, como na ordem dos factos, eis o que se nota nos escritos do sr. Homem de Melo. É o que eu tive ainda ocasião de notar no pequeno mas excelente artigo que ele publicou na *Biblioteca Brasileira*, a respeito do golpe de Estado de 1832.

O pensamento do sr. Homem de Melo é altamente patriótico. Ele quer liquidar iimparcialmente o passado para tornar mais fácil o inventário das nossas coisas aos historiadores do futuro. É difficil<sup>a</sup> tarefa, nem o sr. Homem de Melo o dissimula: julgar a frio os homens de quem parece ouvir-se ainda os passos no caminho do nosso passado po-

lítico, violentar as nossas afeições, modificar as nossas antipatias, é uma obra de\* consciência e de coragem, digna e honrosa, é certo, mas nem por isso fácil de empreender.

Compenetrado desta verdade, o sr. Homem de Melo procura e consegue evitar o perigo. Para esse resultado, em que toma parte a consciência do escritor, tenho para mim que contribue no seu tanto a índole do homem.

É o sr. Homem de Melo de natural frio e meditativo. Parece que tem medo á precipitação e á involuntariedade, medo que sempre foi uma das primeiras virtudes do historiador.

Para estudiosos tais são necessários os louvores, não somente como prêmio e animação a esses, mas ainda como estímulo a outros. Que o sr. Homem de Melo prossiga nas suas investigações histórico-políticas e que outros o imitem 'em trabalhos tão sérios, é o mais legítimo desejo de quem ama a vitória do pensamento e da verdade. Falei no que o historiador pôde tirar da história; passarei a falar no que a história fornece ao romancista.

«Querem romances? pergunta Quizot. Porque não encaram de perto a história?»

\* \*\*

Eis o que o sr. B. Pinheiro, romancista português, compreendeu desde que entrou no comer-

cio das letras. *Sombras e luz*, romance histórico, que tenho diante dos olhos, é o terceiro livro deste gênero que o sr. B. Pinheiro dá á publicidade. *Arzila* e a *Filha do povo* foram os dois primeiros. Interrogar a vida pública e a vida íntima dos tempos que foram, eis a ocupação predileta e exclusiva do autor.

Ele divide o tempo entre o estudo da história e o estudo dos modelos.

Para descansar da consulta das crônicas vai ler Herculano e Walter Scott, seus autores favoritos; em se fatigando destes volta de novo aos infólios dos velhos tempos.

*Sombras e luz* significam as glórias e os erros do reinado de d. Manuel. Tais são as promessas que o autor nos faz no prefácio, e tal é o pensamento manifesto que domina o livro. É este livro isento de defeitos? Francamente não, e o principal defeito não é decerto o pouco desenvolvimento que o autor deu ás bases indicadas no prefácio.

Declarando que o seu livro é um simples ensaio de romance histórico, como os precedentes, devia contudo o autor ter em vista uma explanação mais cabal do assunto, para o que não lhe faltava nem talento nem elemento de observação.

Disto resulta que os caracteres estão desenhados apressadamente, sem aquela demorada observação que o autor nos revela em muitas páginas. Tendo de ligar a ação imaginada á tela dos acontecimentos, o autor cuidou menos dos sentimentos



morais dos seus personagens, para tratar miuda-mente das situações e dos factos.

Em apoio desta observação citarei a visita que Eulália e Luiz, de volta de Hamburgo, fazem a Duarte Pacheco. É evidente que esta visita tem por único fim apresentar em cena o herói da índia; mas reparou o autor na inverossimilhança desta visita de dois jovens, raptados em criança para terra estrangeira, e voltando ao país natal não havia muitas horas? Eles, que no exílio se ocultavam para falar a língua pátria, e que, pondo o pé em Lisboa, já vinham influenciados por uma simpatia mais terna, podiam acaso sentir aquela admiração e entusiasmo por Duarte Pacheco?

Mas deixemos este pormenor e entremos em uma apreciação mais larga. Á míngua de espaço farei apenas uma observação, mas capital, no meu entender.

Eulália e Luiz, embora filhos de pais diversos, nunca tiveram conhecimento desse facto e antes se acreditavam irmãos. Como irmãos foram educados e por irmãos se tiveram em terra estranha. Que melhores elementos tinha o autor para enobrecer e fazer interessar os seus personagens? A afeição fraternal, aumentada na orfandade da pátria e da família, seria neles um vínculo nobre e apertado, legítimo e natural. Não creio que de outro modo pudessem interessar mais. Nele a protecção, nela o desvelo, em ambos a dedicação mu-

tua, eis aí uma tela, que dava lugar aos quadros mais comoventes e interessantes.

Em vez disso, o autor, apenas voltam os dois irmãos a Portugal, apresenta-os como sentindo um affecto menos desinteressado que o de irmãos. É ao princípio um sintoma, mais tarde é um facto positivo que se manifesta, não já por uma cena de enleio, mas por uma cena de paixão, com todos os pormenores, sem faltar o beijo longo e absorvente.

Ora, quaisquer que sejam as razões que se apresentem em contrário, eu tenho esse amor por incestuoso. Não toma a educação grande parte nestas coisas? A fé em que estavam ambos do vínculo que os unia, não era um impedimento moral, não digo já á manifestação, mas ao nascimento de semelhante amor?

Em duas almas bem formadas, não bastaria isso para repelir tal sentimento?

É verdade que Luiz, desde o princípio, manifesta a desconfiança de que Eulália não é sua-irmã; mas essa desconfiança não resulta de facto algum, é puramente uma desconfiança do coração, na qual sou forçado a ver menos involuntariedade do que parece haver.

Acontece justamente aquilo que eu não quisera ver em uma obra, por muitos títulos recomendável, como as *Sombras e Luz*.

Este amor é a glorificação dos instintos; os sentimentos morais não intervém nele por modo nenhum.

O autor das *Sombras e Luz*, quero acreditá-lo, ha de convir comigo, que esta glorificação dos instintos, a despeito da vitória que lhe dê o favor público, nada tem com a arte elevada e delicada. É inteiramente uma aberração, que, como tal, não merece os cuidados do poeta e as tintas da poesia.

Faço esta observação com plena liberdade, podendo, em compensação, mencionar o muito que ha para louvar nas *Sombras e Luz*. Abundam nesse romance as situações pitorescas, o colorido da descrição; o estilo é correcto, puro e brilhante; o dialogo vivo e natural.

O que sobre tudo recomenda o livro e o autor é a convicção com que este se enuncia, tanto no entusiasmo pelas boas idéas e os grandes factos, como na repulsão dos sucessos odiosos e dos princípios errôneos. É este o meio seguro de interessar o livro e arrastar o leitor.

Falo assim por experiência. Foi-me preciso ler e reler o capítulo X e a nota correspondente, para dar o justo valor á ilusão em que o autor está acerca dessa formação de um tribunal comum a todos os povos e essa universalidade de dedicações á causa da verdade.

Entre os que acreditam isso impossivel e os que, com o sr. B. Pinheiro, estão convencidos da sua praticabilidade, ha um meio termo que é a minha opinião.

Todos devemos crer no progresso e na vitória da justiça; mas o que presenciemos actualmente não alimenta a esperança de ver a sociedade universal depender, como diz o autor, *da vontade de um governo, do governo inglês, por exemplo.*

Esse parlamento comum a todos os povos seria uma simples transformação da instituição diplomática. Haveria as mesmas cabalas, o mesmo sucesso de força numérica, a mesma violência das leis do justo e do honesto. Que o autor manifestasse a esperança de ver o mundo, após o trabalho incessante dos filósofos e dos pensadores, chegar a um estado de poder aproximar-se da realização de um tal sonho, é o que assentaria bem na sua imaginação de poeta; mas daqui até lá quantas gerações não voltarão ao pó, e quantas vezes não ha de a justiça cobrir o rosto de vergonha?

Nesta crítica á convicção íntima do autor é ainda um elogio que lhe faço rendendo preito á sinceridade do entusiasmo de que ele se toma pelas idéas humanitárias e grandiosas.

Em resumo, *Sombras e Luz*, salvo os reparos que ligeiramente fiz, merece a atenção dos escritores; é mais uma prova que o sr. B. Pinheiro nos dá de que toma a peito aperfeiçoar-se no gênero que encetou. Estou certo de que com o ta-lentq e a observação que possui desenvolverá, mais e mais, os já tão desenvolvidos elementos que se encontram nas *Sombras e Luz*.

Resta-me falar da estréa do sr. César de Lacerda, actor português, que estreou no Teatro Lírico, no papel de Carlos do *Cinismo, ceptiãsmo, e crença*. A estréa do artista, o objecto do espectáculo (era uma obra de beneficência), a variedade do programa, o concurso de artistas como Artur Na-poleão e Rafael Croner, sendo que este fazia-se ouvir pela última vez, todos esses motivos deram lugar a uma enchente de espectadores.

Minhas impressões acerca do sr. César de Lacerda foram das melhores.

Dotado de uma agradável presença, sua entrada em cena foi simpaticamente recebida.

Pertence o sr. César de Lacerda a uma boa escola. O gesto natural, sóbrio, elegante, a fisionomia insinuante e móbil; a dicção correcta; a gravidade, a naturalidade, eis o que faz ver no sr. César de Lacerda um minucioso e aproveitado estudo dos princípios e recursos da arte.

Fazia um papel em que uma aptidão inferior teria roçado pela exageração, e soube sem empa Hdecê-lo nem exagerá-lo, dar-lhe esse tom natural e próprio que os sentidos delicados gostam de ver em tais creações.

A maneira distinta com que representou fez dissimular o timbre da sua voz, de algum modo desagradável, cujo efeito as dimensões do teatro de maneira alguma podiam atenuar.

Os aplausos que recebeu no fim da peça, mereceu-os; espero agora o seu aparecimento em um novo papel, para confirmar as impressões anteriores, ou observar o que, por ventura, me sugerir a nova estréa.

Como disse acima, era a noite em que o sr. Rafael Croner se despedia de nós. Tocou umas variações no saxofone; foi como sempre. A platéa deu-lhe nos últimos aplausos os últimos adeuses, como eu lh'os dou nestas últimas linhas, lamentando a ausência de um artista que, por seu talento e proficiência, onde pisa, conquista admiradores.

*Diário do Rio de Janeiro, 24 agosto 1863.*

## V

### CRÍTICA

*Peregrinação pela província de S. Paulo*, por A. E. Za-luar,  
1863, Garnier, Editor.

Não sei que hajam muitas coisas acima do prazer de viajar. Viajar é multiplicar a vida. De país em país, de costumes em costumes, o homem que nasceu com propensão e gosto para isso, renova-se e transforma-se. Mas, fique bem claro; é preciso ter gosto e propensão; é preciso ser poeta; os lorpas também viajam; mas, porque lhes falta o dom natural de apreciar e sentir as coisas, aborrecem-se por vaidade, ou divertem-se por aberração.

Aos que não podem ir ver com os olhos da carne as terras e os costumes alheios, reserva-se um prazer, um tanto ilusório,, mas, ainda assim, suficiente para almas de boa tempera: é a narração dos viajantes poetas. Diante de um livro de viagens, escrito por um poeta, o homem reparte-se; <sup>dej</sup>xa em casa a *outra* de Xavier de Maistre,  
e

vai todo nas asas da imaginação aos lugares per-lustrados pelo escritor.

Estou no caso; e não poucas vezes tenho empreendido excursões dessa natureza. Devo dizer que sou em extremo exigente: não quero perder de vista o viajante de modo tal que o livro me pareça romance; nem tê-lo tão presente que me faça crer que estou lendo uma autobiografia. Quero o viajante em um meio termo, desaparecendo, quando é a vez da natureza, dos costumes; ou dos factos, e aparecendo quando se torna preciso apreciá-los ou explicá-los.

Apesar do título restrito e das desculpas do prefácio, o *Itinerário de Paris a Jerusalém*, é, em algumas páginas, um livro para fazer sentir, e está perfeitamente no caso. Sempre que li a passagem do poeta pelo solo de Esparta, senti com ele a veneração e o respeito diante da última ruína da pátria de Licurgo. Não sei que mola oculta me fazia voltar aos tempos que se foram e me punha diante dos heróis antigos, igual comoção me tomou diante do *tumulus* do cantor de ílion. As coisas e os monumentos são de si veneráveis e poéticos; mas, si uma pena mágica os não retratasse e referisse, é certo que os sentimentos se revelariam tíbios e por metade.

E já que falo do *Itinerário*, deixem-me citar o autor, em apoio do que asseverei acima. Tanto é verdade que o escritor não deve ser açodado em aparecer de contínuo nas suas narrativas, que



o próprio Chateaubriand lá diz no prefácio — que o desculpem de *falar muitas vezes de si, mas é que não intentava dar aquelas páginas á publicidade.*

Estas considerações vêm muito a propósito encabeçando a *Peregrinação pela província de S. Paulo*, do sr. A. E. Zaluar, onde o preceito é, a tempo, respeitado com severidade e infringido com muita freqüência. Todavia, não esqueçam a natureza no livro: não é precisamente um livro de viagem, escrito com a intenção e no ponto de vista das obras desta natureza. É uma coleção de cartas, lavradas á proporção que o poeta, visitava um município; no lugar em que descansava, á noite, anotava as impressões recebidas durante o dia. É propriamente um itinerário, mas um itinerário de poeta, onde o rio, a floresta, a montanha, não passam sem o tributo da poesia e do coração.

Pede a verdade que se diga — que quando o poeta avista a natureza, dá-lhe a saudação devida, mas de cima do seu cavallo; não se apeia para penetrar nela. Vê-se que ele tem pressa de chegar á pousada, e que antes de lá chegar tem uma estrada para examinar, e uma reflexão econômica ou administrativa a fazer.

Esta última observação é toda em louvor da obra do sr. Zaluar. Os que gostam de sentir os influxos da poesia que as florestas de nossa terra oferecem, lá encontram com que satisfazer o espí-

rito; mas, atravessando rapidamente os municípios da província de S. Paulo, o poeta nunca perde de vista o fim e a causa da viagem.

Era então redator do *Paraíba*, e escrevendo em cartas as suas impressões, tinha por fim apontar nas colunas daquela folha, que tão importante era, muitas questões de ordem prática, resolver algumas, suscitar outras, enfim tirar das suas excursões uma base para estudos futuros de incontestável proveito e oportunidade.

Si, por circunstâncias que não vem a pelo esmerilhar, a folha de Petrópolis cessou, e o fim do jornalista viajante ficou malogrado, nem por isso as cartas perderam do que valiam e do que poderiam valer. As questões suscitadas ou estudadas são especiais aos lugares e aos tempos; existem hoje do mesmo modo e com a mesma importância. Nem o autor as restringe; quando as indica, tira os corolários gerais e procura ampliar os seus estudos pela universalidade das aplicações. É, portanto, um livro actual e genérico.

Isto no que respeita ás considerações de ordem prática. No resto, como já disse, ha muito que apreciar. Os desenhos rapidamente lapidados, á proporção que as telas naturais passavam á ilhar-ga do poeta; as lendas poéticas dos lugares intro-duzidas com felicidade no livro; o estudo dos costumes, a história dos edificios, tudo isso se acha travado de modo a estabelecer a diversão para interessar mais o leitor.

Não se perca de vista o título destas linhas: é uma simples notícia bibliográfica. Nem o tempo, nem os meios intellectuais me dão lugar, para coisa melhor. Sou obrigado a terminar, remetendo os leitores para a obra, e afirmando-lhes que não se hão de arrepender. Tenho por inútil unia recomendação mais calorosa. Quando um escritor de talento consegue a justa nomeada do sr. A. E. Zaluar, o próprio nome é a sua recomendação.

O sr. A. E. Zaluar não descansa; é um trabalhador infatigavel. Compreende que o talento obriga e não se esquece nunca de que tem uma missão a desempenhar. Pôde estar certo de que, tarde ou cedo, deste ou daquele modo, terá o proveito das tenacidades conscienciosas.

*Diário do Rio de Janeiro, 16 novembro 1863.*

## VI

### CRÍTICA

*Iracema*, romance de José de Alencar.

A escola poética, chamada escola americana, teve sempre adversários, o que não importa dizer que houvesse controvérsia pública.

A discussão literária no nosso país é uma espécie de *steep-chase*, que se organiza de quando em quando; fora disso a discussão trava-se no gabinete, na rua, e nas salas. Não passa d'aí.

Nem nos parece que se deva chamar escola ao movimento que atraiu as musas nacionais para o tesouro das tradições indígenas. Escola ou não, a verdade é que muita gente viu na poesia americana uma aberração selvagem, uma distração sem graça, nem gravidade. Até certo ponto tinha razão. Muitos poetas, entendendo mal a musa de Gonçalves Dias, e não podendo entrar no fundo do sentimento e das idéas, limitaram-se a tirar os seus elementos poéticos do vocabulário indígena; rima-<sup>ra\*</sup>n as palavras e não passaram adiante; os ad-

versários assustados com a poesia desses tais, confundiram no mesmo desdém os vocábulos e os intérpretes incapazes ...

Erraram de certo; si a história e os costumes indianos inspiraram poetas como José Basilio, Gonçalves Dias e Magalhães, é que se podia tirar dali creações originais, inspirações novas. Que importava a invasão da turbamulta? A poesia deixa de ser a misteriosa linguagem dos espíritos, só porque alguns maus rimadores foram assentar-se ao sopé do Parnaso? O mesmo se dá com a poesia americana. Havia também outro motivo para condená-la; supunham os críticos que a vida indígena seria, de futuro, a tela exclusiva da poesia brasileira, e nisso erravam também, pois não podia entrar na idéa dos creadores obrigar a musa nacional a ir buscar todas as suas inspirações no estudo das crônicas e da língua primitiva. Esse es tudo era um dos modos de exercer a poesia na cional; mas, fora dele, não está aí a própria natureza opulenta, fulgurante, vivaz, atraindo os olhos dos poetas, e produzindo páginas como as de Porto-Alegre e Bernardo Guimarães?

Felizmente, o tempo vai esclarecendo os âni mos; a poesia dos caboclos está completamente no bilitada; os rimadores de palavras, já não podem conseguir o descrédito da idéa, que venceu com o autor do *I-Juca-Pirama* e acaba de vencer com o autor de *Iracema*. É deste livro que vamos falar hoje aos nossos leitores.

As tradições indígenas encerram motivos para epopéas e para églogas; pôde inspirar os seus Homeros e os seus Teócritos. Ha aí lutas gigantescas, audazes capitães, iliadas sepultadas no esquecimento; o amor, a amizade, os costumes domésticos, tendo a simples natureza por teatro, oferecem á musa lírica páginas deliciosas de sentimento e de originalidade. A mesma pena que escreveu *I-Juca-Pirama*, traçou o lindo monólogo de *Marabá*; e o aspecto feroz do indio Kobé e a figura de Lindoia são filhos da mesma cabeça; as duas partes dos *Natchez* resumem do mesmo modo a dupla inspiração da fonte indígena.

O poeta tem muito para escolher nessas ruínas já exploradas, mas não completamente conhecidas. O livro do sr. José de Alencar, que é um poema em prosa, não é destinado a cantar lutas hercúleas, nem cabos de guerra; si ha aí algum episódio, nesse sentido, si alguma vez troa nos vales do Ceará a pocêma da guerra, nem por isso o livro deixa de ser exclusivamente votado á história tocante de uma virgem indiana, dos seus amores, e dos seus infortúnios. Estamos certos de que não falta ao autor da *Iracema* energia e vigor para a pintura dos vultos heróicos e das paixões guerreiras; Irapuan e Poti a esse respeito são irrepreensíveis; o poema de que o autor nos fala deve surgir á luz, e então veremos como a sua musa etnboca a tuba épica; este livro, porém, limita-se

a falar ao sentimento, vê-se que não pretende sair fora do coração.

Estudando profundamente a língua e os costumes dos selvagens, obrigou-se o autor a entrar mais no fundo da poesia americana; entendia ele, e entendia bem, que a poesia americana não estava completamente achada; que era preciso prevenir-se contra um anacronismo moral, que consiste em dar idéas modernas e civilizadas aos filhos incultos da floresta. O intuito era acertado j não conhecemos a língua indígena; não podemos afirmar si o autor pôde realizar as suas promessas, no que respeita á linguagem da sociedade indiana, ás suas idéas, ás suas imagens; mas a verdade é que relemos atentamente o livro do sr. José de Alencar, e o efeito que ele nos causa é exacta-mente o mesmo a que o autor entende que se deve destinar o poeta americano; tudo ali nos parece primitivo: a ingenuidade dos sentimentos, o pitoresco da linguagem, tudo, até a parte narrativa do livro, que nem parece obra de um poeta moderno, mas uma história de bardo indígena, contada aos irmãos, á porta da cabana, aos últimos raios do sol que se entristece. A conclusão a tirar daqui é que o autor se houve nisto com uma ciência e uma consciência, para as quais todos os louvores são poucos.

A fundação do Ceará, os amores de Iracema e Martim, o ódio de duas nações adversárias, eis o assunto do livro. Ha um argumento histórico,.

sacado das crônicas, mas esse é apenas a tela que serve ao poeta; o resto é obra da imaginação. Sem perder de vista os dados colhidos nas velhas crônicas, criou o autor uma ação interessante, episódios originais, e mais que tudo, a figura bela e poética de Iracema. Apesar do valor histórico de alguns personagens, como Martim e Poti (o célebre Camarão da guerra holandesa) a maior soma de interesse encontra-se na deliciosa filha de Araken. A pena do cantor do *Guarani* é feliz nas criações femininas; as mulheres dos seus livros trazem sempre um cunho de originalidade, de delicadeza e de graça, que se nos gravam logo na memória e no coração. Iracema é da mesma família. Em poucas palavras descreve o poeta a beleza física daquela Diana selvagem. Uma frase imaginosa e concisa, a um tempo, exprime tudo. A beleza moral vem depois, com o andar dos sucessos; a filha do Pagé, espécie de vestal indígena, vigia do segredo da Jurema, é um complexo de graças e de paixão, de beleza e de sensibilidade, de casta reserva e de amorosa dedicação. Realça-lhe à beleza nativa a poderosa paixão do amor selvagem, do amor que procede da virgindade da natureza, participa da independência dos bosques, cresce na solidão, alenta-se do ar agreste da montanha.

Casta, reservada na missão sagrada que lhe impõe a religião do seu país, nem por isso Iracema resiste á invasão de um sentimento novo



para ela, e que transforma a vestal em mulher. Não resiste, nem indaga; desde que os olhos de Martim se trocaram com os seus, a moça curvou a cabeça àquela doce escravidão. Si o amante a abandonasse, a selvagem iria morrer de desgosto e de saudade, no fundo do bosque, mas não oporia ao volúvel mancebo nem uma súplica, nem uma ameaça. Pronta a sacrificar-se por ele, não pediria a mínima compensação do sacrificio. Não presente o leitor, através da nossa frase inculca e sem sabor, uma criação profundamente verdadeira? Não se vê na figura de Iracema, uma perfeita combinação do sentimento humano com a educação selvagem ?

Eis o que é Iracema, creatura copiada da natureza, idealizada pela arte, mostrando, através da rusticidade dos costumes, uma alma própria para amar e para sentir.

Iracema é tabajara; entre a sua nação e a nação potiguara ha um ódio de séculos; Martim, aliado dos Potiguaras, andando erradio, entra no seio dos Tabajaras, onde é acolhido com a franqueza própria de uma sociedade primitiva; é estrangeiro, é sagrado; a hospitalidade selvagem e descrita pelo autor com cores simples e vivas. O europeu abriga-se na cabana de Araken, onde a solitudine de Iracema prepara-lhe algumas horas de folgada ventura. O leitor vê despontar o amor de Iracema ao contacto do homem civilizado. Que simplicidade, e que interesse! Martim cede a pouco

e pouco á influência invencível daquela amorosa solicitude. Um dia lembra-lhe a pátria e sente-se tomado de saudade. — «Uma noiva te espera?» pergunta Iracema. O silêncio é a resposta do moço. A virgem não censura, nem supplica; dobra a cabeça sobre a espádua, diz o autor, como a tenra planta da carnaúba, quando a chuva peneira na várzea. Desculpe o autor si desfolhamos por esse modo a sua obra; não escolhemos belezas, onde as belezas sobram; trazemos ao papel estes traços que nos parecem caracterizar a sua heroína, e indicar ao leitor, ainda que remotamente, a beleza da filha de Araken.

Heroína, dissemos, e o é, de certo, naquela divina resignação. Uma noite, no seio da cabana, a virgem de Tupan torna-se esposa de Martim; cena delicadamente escrita, que o leitor adivinha, sem vêr. Desde então Iracema dispôs de si; a sua sorte está ligada á de Martim; o ciúme de Ira-puan e a presença de Poti precipitam tudo; Poti e Martim devem partir para a terra dos Potigua-ras; Iracema os conduz, como uma companheira de viagem. A esposa de Martim abandona tudo, o lar, a família, os irmãos, tudo para ir perecer ou ser feliz com o esposo. Não é o exílio; para ela o exílio seria ficar ausente do esposo no meio dos seus. Todavia, essa resolução suprema custa-lhe sempre, não arrependimento, mas tristeza e vergonha, no dia em que, após uma batalha entre as <sup>du</sup>as nações rivais, Iracema vê o chão coalhado

de sangue dos seus irmãos. Si esse espectáculo não a comovesse, ia-se a simpatia que ela nos inspira; mas o autor teve em conta que era preciso interessá-la, pelo contraste da voz do sangue e da voz do coração.

Daí em diante, a vida de Iracema é uma sucessão de delícias, até que uma circunstância fatal vem pôr termo aos seus jovens anos. A esposa de Martim concebe um filho. Que doce alegria não banha a fronte da jovem mãe! Iracema vai dar conta a Martim daquela boa nova; ha uma cena igual nos *Natchez*, seja-nos lícito compará-la á do poeta brasileiro.

«Quando René, diz o poeta dos *Natchez*, teve certeza de que Celuta trazia um filho no seio, acercou-se dela com santo respeito, e abraçou-a delicadamente para não machucá-la. «Esposa, disse ele, o céu abençoou as tuas entranhas».

A cena é bela, de certo; é Chateaubriand quem fala; mas a cena de Iracema aos nossos olhos é mais feliz. A selvagem cearense aparece aos olhos de Martim, adornada de flores de maniva, trava da mão dele, e diz-lhe:

— «Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ela será mãe de teu filho.

— Filho, dizes tu? exclamou o cristão em júbilo.

Ajoelhou aí, e cingindo-a, com os braços, beijou o ventre fecundo da esposa».

Vê-se a beleza deste movimento, no meio da natureza viva, diante de uma filha da floresta. O autor conhece os segredos de despertar a nossa comoção por estes meios simples, naturais e belos, Que melhor adoração queria a maternidade, feliz, do que aquele beijo casto e eloqüente? Mas tudo passa; Martim sente-se tomado de nostalgia; lembram-lhe os seus e a pátria; a selvagem do Ceará, como a selvagem da Luisiana, começa então a sentir a sua perdida felicidade. Nada mais tocante do que essa longa saudade, chorada no ermo, pela filha de Araken, mãe desgraçada, esposa infeliz, que viu um dia partir o esposo e só chegou a vê-lo de novo, quando a morte já voltava para ela os seus olhos lânguidos e tristes.

Poucos são os personagens que compõem este drama da solidão, mas os sentimentos que os movem, a ação que se desenvolve entre eles, é cheia de vida, de interesse e de verdade. Araken é a solenidade da velhice contrastando com a beleza agreste de Iracema; um patriarca do deserto ensinando aos moços os conselhos da prudência e da sabedoria. Quando Irapuan, ardendo em ciúme pela filha do Pagé, faz romper os seus ódios contra os Potiguaras, cujo aliado era Martim, Araken opõe-lhe a serenidade da palavra, a calma da razão. Irapuan e os episódios da guerra fazem destaque no meio do quadro sentimental que é o fundo do livro; são capítulos traçados com muito

vigor, o que dá novo realce ao robusto talento do poeta.

Irapuan é o ciúme e o valor marcial; Araken a austera sabedoria dos anos; Iracema, o amor. No meio destes caracteres distintos e animados, a amizade é simbolizada em Poti. Entre os indígenas a amizade não era este sentimento, que, á força de civilizar-se, tornou-se raro; nascia da simpatia das almas, avivava-se com o perigo, repousava na abnegação recíproca. Poti e Martim são os dois amigos da lenda, votados á mútua estima e ao mútuo sacrifício.

A aliança política os uniu; o contacto fundiu-lhe as almas; todavia,, a afeição de Poti difere da de Martim; como o estado selvagem do estado civilizado; sem deixarem de ser igualmente amigos, ha em cada um deles, um traço característico que corresponde á origem de ambos; a afeição de Poti tem a expressão ingênua, franca, decidida; Martim não sabe ter aquela simplicidade selvagem.

Martim e Poti sobrevivem á catástrofe de Iracema, depois de enterrá-la ao pé de um coqueiro; o pai desventurado toma o filho órfão de mãe, e arreda-se da praia cearense. Humedecem-se os olhos ante este desenlace triste e doloroso, e fecha-se o livro, dominado ainda por uma profunda impressão.

Contar todos os episódios desta lenda interessante seria tentar um resumo impossível; basta-nos afirmar que os ha,em grande número, traça-

dos por mão hábil, e todos ligados ao assunto principal.

O mesmo diremos de alguns personagens secundários, como Caubi e Andira, um jovem guerreiro, outro guerreiro ancião, modelados pelo mesmo padrão a que devemos Poti e Araken.

O estilo do livro é como a linguagem daqueles povos; imagens e idéas, agrestes e pitorescas, respirando ainda as auras da montanha, cintilam nas cento e cinquenta páginas de *Iracema*. Ha, sem dúvida, superabundância de imagens, e o autor com uma rara consciência literária é o primeiro a reconhecer esse defeito. O autor emendará, sem dúvida a obra, empregando neste ponto uma conveniente sobriedade. O excesso, porém, si pede a revisão da obra, prova em favor da poesia americana, confirmando ao mesmo tempo p talento original e fecundo do autor.

Do valor das imagens e das comparações, só se pôde julgar lendo o livro, e para ele enviamos os leitores estudiosos.

Tal é o livro do sr. José de Alencar, fruto do estudo e da meditação, escrito com sentimento e consciência. Quem o ler uma vez, voltará muitas mais a ele, para ouvir em linguagem animada e sentida, a história melancólica da *virgem dos lábios de mel*.

Ha de viver este livro; tem em si as forças que resistem ao tempo, e dão plena fiança do futuro. É também um modelo para o cultivo da

poesia americana, que, mercê de Deus, ha de avigorar-se com obras de tão superior quilate. Que o autor de *Iracema* não esmoreça, mesmo a despeito da indiferença pública; o seu nome literário escreve-se hoje com letras cintilantes: *Mãe*, *Guarani*, *Diva*, *Lucíola* e tantas outras; o Brasil terá direito de pedir-lhe que *Iracema* não seja o ponto final. Esperam-se dele outros poemas em prosa Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber si é antes uma lenda, si um romance; o futuro chamar-lhe-á obra prima.

23 janeiro 1866.

## VII

### CRÍTICA

*Lira dos Vinte Anos*, poesias de Alvares de Azevedo.

Quando, ha cerca de dois ou três meses, tratámos das *Vozes da America*, do sr. Fagundes Varela, aludimos de passagem ás obras de outro acadêmico, morto aos vinte anos, o sr. Alvares de Azevedo. Então, referindo os efeitos do mal *byrônico* que lavrou durante algum tempo na mocidade brasileira, escrevemos isto: «Um poeta houve que, apesar da sua extrema originalidade, não deixou de receber esta influênciã, a que aludimos; foi Alvares de Azevedo. Nele, porém, havia uma certa razão de consanguineidade com o poeta inglêz e uma ínfima convivência com os poetas do norte da Europa. Era provável que os anos lhe trouxessem uma tal ou qual transformação, de maneira a afirmar-se mais a sua individualidade, e o desenvolver-se o seu robustíssimo talento». A estas palavras acrescentávamos que o autor da *Lira dos Vinte Anos* exercera uma parte



de influência nas imaginações juvenis. Com efeito, si lord Byron não era então desconhecido ás inteligências educadas, si Octaviano e Pinheiro Guimarães já tinham trasladado para o português alguns cantos do autor de *Giaour*, uma grande parte de poetas, ainda nascentes e por nascer, começaram a conhecer o gênio inglês através das fantasias de Alvares de Azevedo, e apresentaram, não sem desgosto para os que apreciam a sinceridade poética, um triste cepticismo de segunda edição. Cremos que este mal já está atenuado, sinão extinto.

Alvares de Azevedo era realmente um grande talento; só lhe faltou o tempo, como disse um dos seus necrólogos. Aquela imaginação vivaz, ambiciosa, inquieta, receberia com o tempo as modificações necessárias; discernindo no seu fundo intellectual aquilo que era próprio de si, e aquilo que era apenas reflexo alheio ou impressão da juventude, Alvares de Azevedo acabaria por afirmar a sua individualidade poética. Era daqueles que o berço vota á immortalidade. Compare-se a idade com que morreu aos trabalhos que deixou, e ver-se-á que seiva poderosa não existia naquela organização rara. Tinha os defeitos, as incertezas, os desvios, próprios de um talento novo, que não podia conter-se, nem buscava definir-se. A isto acrescenta-se que a íntima convivência de alguns grandes poetas da Alemanha e da Inglaterra produziu, como dissemos, uma poderosa impressão na-

quele espírito, aliás tão original. Não tiramos disso nenhuma censura; essa convivência, que não poderia destruir o character da sua individualidade poética, ser-lhe-ia de muito proveito, e não pouco contribuiria para a formação definitiva de um talento tão real.

Cita-se sempre, a propósito do autor da *Lira dos Vinte Anos*, o nome de lord Byron, como para indicar as predileções poéticas de Azevedo. É justo, mas não basta. O poeta fazia uma freqüente leitura de Shakespeare e pode-se afirmar que a cena de Hamleto e Horacio, diante da caveira de Yorick, inspirou-lhe mais de uma página de versos.

Em torno desses dois gênios, Shakespeare e Byron, juntavam-se outras, sem esquecer Musset, com quem Azevedo tinha mais de um ponto de contacto. De cada um desses caíram reflexos e raios nas obras de Azevedo. Os *Boêmios* e *O Poema do Frade*, um fragmento acabado, e um borrão por emendar, explicarão melhor este pensamento.

Mas esta predileção, por mais definida que seja, não traçava para ele um limite literário, o que nos confirma na certeza de que, alguns anos mais, aquela viva imaginação, impressionável a todos os contactos, acabaria por definir-se positivamente.

Nesses arroubos da fantasia, nessas correrias da imaginação, não se revelava somente um verdadeiro talento; sentia-se uma verdadeira sensibili-

dade. A melancolia de Azevedo era sincera. Si exceptuarmos as poesias e os poemas humorísticos, o autor da *Lira dos Vinte Anos* raras vezes escreve uma página que não denuncie a inspiração melancólica uma saudade indefinida, uma vaga aspiração. Os belos versos que deixou impressionam profundamente; *Virgem Morta*, *À minha Mãe*, *Saudades*, são completas neste gênero. Qualquer que fosse a situação daquele espírito, não ha dúvida nenhuma que a expressão desses versos é sincera e real. O pressentimento da morte, que Azevedo exprimiu em uma poesia extremamente popularizada, aparecia de quando em quando em todos os seus cantos, como um eco interior, menos um desejo que uma profecia. Que poesia e que sentimento nessas melancólicas estrofes!

Não é difícil ver que o tom dominante de uma grande parte dos versos ligava-se a circunstâncias de que êle conhecia a vida pelos livros que mais apreciava. Ambicionava uma existência poética, inteiramente conforme á índole dos seus poetas queridos. Este *afã dolorido*, expressão dele, completava-se com esse pressentimento de morte próxima, e enublava-lhe o espírito, para bem da poesia que lhe deve mais de uma elegia comovente.

Como poeta humorístico, Azevedo ocupa um lugar muito distinto. A viveza, a originalidade, o chiste, o *humour* dos versos deste gênero são notáveis. Nos *Boêmios*, si pusermos de parte o assunto e a forma, acha-se em Azevedo um pouco

daquela versificação de Diniz, não na admirável cantata de *Dido* <sup>(1)</sup> mas no gracioso poema do *Hyssope*. Azevedo metrificava ás vezes mal, tem versos incorretos, que havia de emendar sem dúvida, mas em geral tinha um verso cheio de harmonia e naturalidade, muitas vezes numeroso, muitíssimas eloqüente.

Ensaiou-se na prosa, e escreveu muito. Era freqüentemente difuso e confuso; faltava-lhe precisão e concisão. Tinha os defeitos próprios das estréas, mesmo brilhante como eram as dele. Procurava a abundância e caía no excesso. A idéa lutava-lhe com a pena, e a erudição dominava a reflexão. Mas si não era tão prosador como poeta, pode-se afirmar, pelo que deixou ver e entrever, quanto se devia esperar dele, alguns anos mais.

Em tão curta idade, o poeta da *Lira dos Vinte Anos* deixou documentos valiosíssimos de um talento robusto e de uma imaginação vigorosa. Avalie-se por aí o que viria a ser quando tivesse desenvolvido todos os seus recursos. Diz-nos ele que sonhava, para o teatro, uma reunião de Shakespeare, Calderon e Eurípedes, como necessária á reforma do gosto da arte. Um consórcio de elementos diversos, revestindo a própria individualidade, tal era a expressão de seu talento.

*Diário do Rio de Janeiro*, 26 junho 1866.

<sup>(1)</sup> Aqui houve descuido do autor. A cantata de *Dido* e de Garção. — TV, dos Editores.

## VIII

### CASTRO ALVES

*Carta a José de Alencar*

Rio de janeiro, 29 de fevereiro de 1868.

Exmo. Sr. — É boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de V. Ex., com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é uma sagração. A musa do sr. Castro Alves não podia ter mais, feliz introito na vida literária. Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtêm o aplauso de um mestre.

Mas si isto me entusiasma, outra coisa ha que me comove e confunde, é a extrema confiança de que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim. De orgulho, repito, e tão inútil fora dissimular esta impressão, quão arrojado seria ver nas palavras de V. Ex. mais do que uma animação generosa.

A tarefa da crítica precisa destes parabéns; é tão árdua de praticar, já pelos estudos que

exige, já pelas lutas que impõe, que a palavra eloqüente de um chefe é muitas vezes necessária para reavivar as forças exaustas e reerguer o ânimo abatido.

Confesso francamente, que encetando os meus ensaios de crítica, fui movido pela idéa de contribuir com alguma coisa para a reforma do gosto que se ia perdendo, e efectivamente se perde. Meus limitadíssimos esforços não podiam impedir o tremendo desastre. Como impedi-lo, si, por influênciã irresistível, o mal vinha de fora, e se impunha ao espírito literário do país, ainda mal formado e quasi sem condência de si? Era difceiil plantar as leis do gosto, onde se havia estabelecido uma sombra de literatura, sem alento nem ideal, falseada e frívola, mal imitada e mal copiada. Nem os esforços dos que, como V. Ex., sabem exprimir sentimentos e idéas na língua que nos legaram os mestres clássicos, nem esses puderam opor um dique á torrente invasora. Si a sabedoria popular não mente, a universalidade da doença podia dar-nos alguma consolação quando não se antolha remédio ao mal.

Si a magnitude da tarefa era de assombrar espíritos mais robustos, outro risco havia; e a este já não era a intelligência que se expunha, era o character. Compreende V. Ex. que, onde a crítica não é instituição formada e assentada, a análise literária tem de lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais belas

crianças do mundo. Não raro se originam ódios onde era natural travarem-se affectos. Desfiguram-se os intentos da crítica, attribue-se á inveja o que vem da imparcialidade; chama-se antipatia o que é consciência. Fosse esse, porém, o único obstáculo, estou convencido que ele não pesaria no ânimo de quem põe acima do interesse pessoal o interesse perpétuo da sociedade, porque a boa fama das musas o é também.

Cansados de ouvir chamar bela á poesia, os novos atenienses resolveram bani-la da república.

O elemento poético é hoje um tropeço ao successo de uma obra. Aposentaram a imaginação. As musas, que já estavam apeadas dos templos, foram também apeadas dos livros. A poesia dos sentidos veio sentar-se no santuário e assiim generalizou-se uma crise funesta ás letras. Que enorme Alfeu não seria preciso desviar do seu curso para limpar este presepe de Augias?

Eu bem sei que no Brasil, como fora dele, severos espíritos protestam com o trabalho e a lição contra esse estado de coisas; tal é, porém, a feição geral da situação, ao começar a tarde do século. Mas sempre ha de triunfar a vida inteligente. Basta que se trabalhe sem trégua. Pela minha parte, estava e está acima das minhas posses semelhante papel ; contudo, entendia e entendo — adotando a bela definição do poeta que V. Ex. dá em sua carta — que ha para o cidadão da arte e do belo deveres imprescriptiveis ,e que, quando uma

tendência do espírito o impele para certa ordem de actividade, é sua obrigação prestar esse serviço ás letras.

Em todo o caso não tive imitadores. Tive um antecessor ilustre, apto para este árduo mister, erudito e profundo, que teria prosseguido no caminho das suas estréas, si a imaginação possante e vivaz não lhe estivesse exigindo as creações que depois nos deu. Será preciso acrescentar que aludo a V. Ex.?

Escolhendo-me para Virgílio do jovem Dante que nos vem da pátria de Moema, impõe-me um dever, cuja responsabilidade seria grande si a própria carta de V. Ex. não houvesse aberto ao neófito as portas da mais vasta publicidade. A análise pôde agora esmerilhar nos escritos do poeta belezas e descuidos. O principal trabalho está feito.

Procurei o poeta cujo nome havia sido ligado ao meu e com a natural ansiedade que nos produz a notícia de um talento robusto, pedi-lhe que me lesse o seu drama e os seus versos.

Não tive, como V. Ex., a fortuna de os ouvir diante de um magnífico panorama. Não se rasgavam horizontes diante de mim: não tinha os pés nessa formosa Tijuca, que V. Ex. chama um escabêlo entre a nuvem e o pântano. Eu estava no pântano. Em torno de nós agitava-se a vida tumultuosa da cidade. Não era o ruído das paixões nem dos interesses; os interesses e as paixões ti-



nham passado a vara á loucura: estávamos no carnaval.

No meio desse tumulto abrimos um oásis de solidão.

Ouvi o *Gonzaga* e algumas poesias.

V. Ex. já sabe o que é o drama e o que são os versos, já os apreciou consigo, já resumiu a sua opinião. Esta carta, destinada a ser lida pelo público, conterà as impressões que recebi com a leitura dos escritos do poeta.

Não podiam ser melhores as impressões. Achei uma vocação literária, cheia de vida e robustez, deixando antever nas magnificências do presente as promessas do futuro. Achei um poeta original. O mal da nossa poesia contemporânea é ser copista — no dizer, nas idéas e nas imagens. Copiá-las é anular-se. A musa do sr. Castro Alves tem feição própria. Si se adivinha que a sua escola é a de Victor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma índole irmã levou-a a preferir o poeta das *Orientais* ao poeta das *Meditações*. Não lhe aprazem certamente as tintas brancas e desmaiadas da elegia; quer antes as cores vivas e os traços vigorosos da ode.

Como o poeta que tomou por mestre, o sr. Castro Alves canta simultaneamente o que é grande e o que é delicado, mas com igual inspiração e método idêntico; a pompa das figuras, a sonoridade do vocábulo, uma forma esculpida com arte, sentindo-se por baixo desses labores o estro, a

espontaneidade, o ímpeto. Não é raro andarem separadas estas duas qualidades da poesia: a fôrma e o estro. Os verdadeiros poetas são os que as têm ambas. Vê-se que o sr. Castro Alves as possui; veste as suas idéas com roupas finas e trabalhadas. O receio de cair em um defeito, não o levará a cair no defeito contrário? Não me parece que lhe haja acontecido isso; mas indico-lhe o mal, para que fuja dele. É possível que uma segunda leitura dos seus versos me mostrasse alguns sinões fáceis de remediar; confesso que os não percebi no meio de tantas belezas.

O drama, esse li-o atentamente; depois de ouvi-lo, li-o, e reli-o, e não sei bem si era a necessidade de o apreciar, si o encanto da obra, que me demorava os olhos em cada página do volume.

O poeta explica o dramaturgo. Reaparecem no drama as qualidades do verso; as metáforas enchem o período; sente-se de quando em quando o arrojo da ode. Sófocles pede as asas a Píndaro. Parece ao poeta que o tablado é pequeno; rompe o céu de lona e arroja-se ao espaço livre e azul.

Esta exuberância, que V. Ex. com justa razão atribue á idade, concordo que o poeta ha de reprimi-la com os anos. Então conseguirá separar completamente a língua lírica da língua dramática, e do muito que devemos esperar temos prova e fiança no que nos dá hoje.

Estreando no teatro com um assunto histórico, e assunto de uma revolução infeliz, o sr. Castro

Alves consultou a índole do seu gênio poético. Precisava de figuras que o tempo houvesse consagrado; as da Inconfidência tinham além disso a auréola do martírio. Que melhor assunto para excitar a piedade? A tentativa abortada de uma revolução, que tinha por fim consagrar a nossa independência, merece do Brasil de hoje aquela veneração que as raças livres devem aos seus Spártacus. O insucesso fê-los criminosos; a vitória tê-los-ia feito Washingtons. Condenou -os a justiça legal; rehabilita-os a justiça histórica.

Condensar estas idéas em uma obra dramática, transportar para a cena a tragédia política dos Inconfidentes, tal foi o objecto do sr. Castro Alves, s. não se pôde esquecer que, si o intuito era nobre, o cometimento era grave. O talento do poeta superou a dificuldade; com uma sagacidade, que eu admiro em tão verdes anos, tratou a história e a arte por modo que, nem aquela o pôde acusar de infiel, nem esta de copista. Os que, como V. Ex. conhecem esta aliança, hão de avaliar esse primeiro merecimento do drama do sr. Castro Alves.

A escolha de Gonzaga para protagonista foi certamente inspirada ao poeta pela circunstância dos seus legendários amores, de que é história aquela famosa *Marília de Dirceu*. Mas não creio que fosse só essa circunstância. Do processo resulta que o cantor de Marília era tido por chefe da conspiração, em atenção aos seus talentos e letras.

A prudência com que se houve desviou da sua cabeça a pena capital. Tiradentes, esse era o agitador; serviu á conjuração com uma actividade rara; era mais um conspirador do dia que da noite. A justiça o escolheu para a força. Por tudo isso ficou o seu nome ligado ao da tentativa de Minas.

Os amores de Gonzaga traziam naturalmente ao teatro o elemento feminino, e de um lance casavam-se em cena a tradição política e a tradição poética, o coração do homem e a alma do cidadão. A circunstância foi bem aproveitada pelo autor; o protagonista atravessa o drama sem desmentir a sua dupla qualidade de amante e de patriota; casa no mesmo ideal os seus dois sentimentos. Quando Maria lhe propõe a fuga, no terceiro acto, o poeta não hesita em repelir esse recurso, apesar de ser iminente a sua perda. Já então a revolução expira; para as ambições, si ele as houvesse, a esperança era nenhuma; mas ainda era tempo de cumprir o dever. Gonzaga preferiu seguir a lição do velho Horácio corneiliano; entre o coração e o dever a alternativa é dolorosa. Gonzaga satisfaz o dever e consola o coração. Nem a pátria nem a amante podem lançar-lhe nada em rosto.

O sr. Castro Alves houve-se com a mesma arte em relação aos outros conjurados. Para avaliar um drama histórico, não se pôde deixar de recorrer a

história; suprimir esta condição é expor-se a critica a não entender o poeta.

Quem vê o Tiradentes do drama não reconhece logo aquele conjurador impaciente e activo, nobremente estouvado, que tudo arrisca e empreende, que confia mais que todos no successo da causa, e paga enfim as demasias do seu character com a morte na forza e a profanação do cadáver? E Cláudio, o doce poeta, não o vemos todo ali, galhofeiro e generoso, fazendo da conspiração uma festa e da liberdade uma dama, gamenho no perigo, caminhando para a morte com o riso nos lábios, como aqueles emigrados do Terror? Não lhe rola já na cabeça a idéa do suicídio, que praticou mais tarde, quando a espectativa do patíbulo lhe despertou a fibra de Catão, casando-se com a morte, já que se não podia casar com a liberdade? Não é aquele o denunciante Silvério, aquele o Alvarenga, aquele o padre Carlos? Em tudo isso é de louvar a consciência literária do autor. A história nas suas mãos não foi um pretexto; não quiz profanar as figuras do passado, dando-lhes feições caprichosas. Apenas empregou aquella exageração artística, necessária ao teatro, onde os characteres precisam de relevo, onde é mister concentrar em pequeno espaço todos os traços de unia individualidade, todos os characteres essenciaes de uma época ou de' um acontecimento.

Concordo que a ação parece ás vezes desenvolver-se pelo acidente material. Mas esses raríssi-

mos casos são compensados pela influência do princípio contrário em toda a peça.

O vigor dos caracteres pedia o vigor da ação; ela é vigorosa e interessante em todo o livro; patética no último acto. Os derradeiros adeuses de Gonzaga e Maria excitam naturalmente a piedade, e uns belos versos fecham este drama, que pôde conter as incertezas de um talento juvenil, mas que é com certeza uma invejável estréa.

Nesta rápida exposição das minhas impressões, vê V. Ex. que alguma coisa me escapou. Eu não podia, por exemplo, deixar de mencionar aqui a figura do preto Luiz. Em uma conspiração para a liberdade, era justo aventar a idéa da abolição. Luiz representa o elemento escravo. Contudo o sr. Castro Alves não lhe deu exclusivamente a paixão da liberdade. Achou mais dramático pôr naquele coração os desesperos do amor paterno. Quiz tornar mais odiosa a situação do escravo pela luta entre a natureza e o facto social, entre a lei e o coração. Luiz espera da revolução, antes da liberdade, a restituição da filha; é a primeira afirmação da personalidade humana; o cidadão virá depois. Por isso, quando no terceiro acto Luiz encontra a filha já cadáver, e prorrompe em exclamações e soluços, o coração chora com ela, e a memória, si a memória pôde dominar tais comoções, nos traz aos olhos a bela cena do rei Lear, carregando nos braços Cordélia morta. Quem

compara não vê nem o rei nem o escravo: vê o homem.

Cumpre mencionar outras situações igualmente belas. Entra nesse número a cena da prisão dos conjurados no terceiro acto. As cenas entre Maria e o governador também são dignas de menção, posto que prevalece no espírito o reparo a que V. Ex. aludiu na sua carta. O coração exigiria menos valor e astúcia da parte de Maria; mas, não é verdade que o amor vence as repugnâncias para vencer os obstáculos? Em todo o caso uma ligeira sombra não empana o fulgor da figura.

As cenas amorosas são escritas com paixão; as palavras saem naturalmente de uma alma para outra, prorrompem de um para outro coração. E que contraste melancólico não é aquele idílio ás portas do desterro, quando já a justiça está prestes a vir separar os dois amantes!

Dir-se-á que eu só recomendo belezas e não encontro sinões? já apontei os que cuidei ver. Acho mais — duas ou três imagens que me não parecem felizes; e uma ou outra locução susceptível de emenda. Mas que é isto no meio das louçanias da fôrma? Que as demasias do estilo, a exuberância das metáforas, o excesso das figuras devem obter a atenção do autor, é coisa tão segura que eu me limito a mencioná-las; mas como não aceitar agradecido esta prodigalidade de hoje, que pôde ser a sábia economia de amanhã?

Resta-me dizer, que, pintando nos seus personagens a exaltação patriótica, o poeta não foi só fiel á lição do facto, misturou talvez com essa exaltação um pouco do seu próprio sentir. É a homenagem do poeta ao cidadão. Mas, consorciando os sentimentos pessoais aos dos seus personagens, é inútil distinguir o character diverso dos tempos e das situações. Os sucessos que em 1822 nos deram uma pátria e uma dinastia apagaram antipatias históricas que a arte deve reproduzir quando evoca o passado.

Tais foram as impressões que me deixou este drama viril, estudado e meditado, escrito com calor e com alma. A mão é inexperiente, mas a sagacidade do autor supre a inexperiência. Estudou e estuda; é um penhor que nos dá. Quando voltar aos arquivos históricos ou revolver as paixões contemporâneas, estou certo que o fará com a mão na consciência. Está moço; tem um belo futuro diante de si. Venha desde já alistar-se nas fileiras dos que devem trabalhar para restaurar o império das musas.

O fim é nobre, a necessidade é evidente. Mas o successo coroará a obra? É um ponto de interrogação que ha de ter surgido no espirito de V. Ex. Contra estes intuitos, tão santos quanto indispensáveis, eu sei que ha um obstáculo, e V. Ex. o sabe também: é a conspiração da indiferença. Mas a perseverança não pode vencê-la? Devemos esperar que sim.



Quanto a V. Ex., respirando nos degraus da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vai meditando, sem dúvida, em outras obras primas com que nos ha de vir surpreender cá em baixo. Deve fazê-lo sem temor. Contra a conspiração da indiferença, tem V. Ex. um aliado invencível: é a conspiração da posteridade.

*Correio Mercantil*, Rio. 1 março 1868.

## IX

### GARRETT

Quem disse de Garrett que ele só por si valia uma literatura, disse bem e breve o que dele se poderá sempre escrever sem encarecimento nem falha. Também ele o proclamou assim, ainda que mais longamente naquele prefácio das «*Viagens na minha terra*», que é a sua maior apologia.

Não assinou o prefácio; mas ninguém escrevia assim sinão ele, nem ele o fez para se mascarar. Os editores, a quem o autor atribuiu tão belas e justas coisas, si acaso cuidaram haver emparelhado no estilo com o grande escritor, foram os únicos que se iludiram. Não sabemos si hoje lhe perdoaríamos isto. A nós, e á gente da nossa mocidade parecia um direito seu, unicamente seu.

Estávamos perto do óbito do poeta; tínhamos balbuciado as suas páginas, como as de outros que também foram poetas ou prosadores, romancistas ou dramaturgos, oradores ou humoristas, quando ele foi tudo isso a um tempo, deixando um primor em cada gênero. Éramos moços todos. Nenhum havia nascido com o « *Camões* » e a « *Dona Branca* »,

nenhum mais velho que estes, menos ainda algum que datasse daquele dia 4 de fevereiro de 1709, quando a raça portuguesa deu de si o seu maior engenho depois de Camões.

Nem só éramos moços, éramos ainda românticos; cantava em nós a toada de Gonçalves Dias, ouvíamos Alencar domar os mares bravios da sua terra, naquele poema em prosa que nos deixou, e Alvares de Azevedo era o nosso aperitivo de Byron e Shakespeare. De Garrett até as anedotas nos encantavam. Cá chegavam por cima dos mares o éco dos seus tempos verdes e maduros, os amores que trouxera, a amizade que eles e a poesia deram e mantiveram entre o poeta luso e o nosso Itamaracá, o pico dos seus ditos, finalmente as graças teimosas dos seus últimos anos.

Certo é que quando ele nasceu, vinha a caminho o romantismo, com Goethe, com Chateaubriand, com Byron. Mas ele mesmo, que trouxe a planta nova para Portugal, — ou a vacina, como lhe chamou algures, — ainda na Universidade de Coimbra cuidava de tragédias clássicas antes que do «*Frei Luiz de Souza*». Fez muito verso da velha escola, até que de todo sacudiu o manto caduco, evento comemorado assim naqueles versos da «*Dona Branca*»:

«Não rias, bom filósofo Duarte,  
Da minha conversão; sincera é ela; Dei de mão ás ficções  
do paganismo,  
E, cristão vate, cristãos versos faço.»

Não era cedo para fazer versos cristãos.

Chateaubriand, desde o alvor do século, louvava as graças nativas do cristianismo, e descobria, cheio de Rousseau, a candura do homem natural.

Garrett, posto fosse em sua terra o iniciador das novas formas, não foi copista delas, e tudo que lhe saiu das mãos trazia um cunho próprio e puramente nacional. Pelo assunto, pelo tom, pela língua, pelo sentimento era o homem da sua pátria e do seu século. A este encheu durante cerca de quarenta anos. Teve críticas naturalmente, e desafeições, e provavelmente desestimas; não lhe minguaram golpes nem sarcasmos, mas a admiração era maior que eles, e as obras sucediam-se graves ou lindas, e sempre altas, para modelo de outros.

Não cabe aqui, feito ás pressas, o estudo do autor de «*Frei Luiz de Souza*» da «*Adozinda*» e das «*Folhas caídas*», e para só louvar tais obras basta nomeá-las como ás outras suas irmãs. Ninguém as esqueceu, uma vez lidas. Estamos a celebrar o centenário do nascimento do poeta, que pouco mais viveu de meio século, e açodem-nos a mente todas as suas invenções com a forma em que as fez vivedouras. Os versos, desde os que compôs ás divas gregas até aos que fez ás suas devotas católicas, como que ficaram no ar cantando as loas do grande espírito.

Figuras que ele creou rodeam-nos com o gesto peculiar e alma própria, Catarina, Madalena, Maria Paula Vicente, Branca, ao pé de outras másculas

ou esbeltas, cingindo a fronte de Camões, ou de Bernardim Ribeiro, e aquela que aceita um mouro com todos os seus pecados de incréu e de homem, e a mais tocante de todas, a mais trágica, essa que vê tornar da morte suposta e acabada o primeiro marido de sua mãe para separar os seus pais.

Não nos açode igualmente o seu papel político. O que nos lembra dos discursos é o que é só literário, e do ofício de ministro que exerceu recorda-nos que fez alguns trabalhos para crear o teatro nacional, mas valeram menos que «*Um auto de Gil Vicente*». Si negociou algum tratado, como os tratados morrem, continuamos a ler as suas páginas vivas. Foi gosto seu meter-se em política, e mostrar que não valia só por versos.

Tendo combatido pela revolução de 1820, como Chateaubriand, sob as ordens dos príncipes, quis ser como este, e Lamartine, ministro e homem de Estado. Não sei si advertiu que é menos agro retratar os homens que regê-los. Talvez sim; é o que se pode deduzir de mais uma página íntima. Em todo caso, não é o político que ora celebramos, mas o escritor, um dos maiores da língua, um dos primeiros do século, e o que junta em seus livros a alma da nação com a vida da humanidade.

# POESIAS

# I

## COGNAC!...

Vem, meu Cognac, meu licor de amores!..  
É longo o sono teu dentro do frasco;  
Do teu ardor a inspiração brotando,  
O cérebro incendeia!...

Da vida a insipidez gostoso adoças;  
Mais vai um trago do que mil grandezas  
Suave distração, da vida esmalte,  
Quem ha que te não ame?

Tomado com o café em fresca tarde, Derramas  
tanto ardor pelas entranhas,  
Que o já provector renascer-lhe sente  
Da mocidade o fogo!

Cognac! — inspirador de ledos sonhos,  
Excitante licor — de amor ardente!  
Uma tua garrafa e o Dom Quixote,  
Que passatempo amável!

Que poeta que sou com teu auxílio!  
Somente um trago teu me inspira um verso  
O copo cheio o mais sonoro canto;  
Todo o frasco um poema!...

## II

### VAI-TE!

Porque voltaste? Esquecidos  
Meus sonhos e meus amores  
Frios, pálidos morreram  
Em meu peito. Aquelas flores  
Da grinalda da ventura  
Tão de lágrimas regada,  
Nesta fronte apaixonada  
Cingida por tua mão,  
Secaram, mortas estão.

Pobre pálida grinalda!  
Faltou-lhe um orvalho eterno  
De teu belo coração.  
Foi de curta duração  
Teu amor: não compreendeste  
Quanto amor esta alma tinha..  
Vai, leviana andorinha,  
A outro clima, outro céu!



Meu coração? já morreu  
Para ti e teus amores,  
E não pôde amar-te — vai!  
O hino das minhas dores  
Dir-to-á a brisa, á noite,  
Num terno, saudoso — ai!

Vai-te! — e possa a asa do vento  
Que pelas selvas murmura,  
Da grinalda da ventura  
Que em mim outrora cingiste,  
Inda um perfume levar-te,  
Morta assim: como um remorso  
Do teu olvido... eu amar-te?  
Não, não posso: esquece; parte;  
Eu não posso amar-te... vai!

1.º de janeiro 1858.

### III

## A MORTE NO CALVÁRIO

Ao meu amigo o Padre Silveira Sarmento.

*Consumatum est!*

### I

Ei-lo, vai sobre o alto do Calvário  
Morrer piedoso e calmo em uma cruz! Povos!  
naquele fúnebre sudário  
Envolto vai um sol de eterna luz!

Ali toda descança a humanidade;  
É o seu salvador, o seu Moisés!  
Aquele cruz é o sol da liberdade  
Ante o qual são iguais povos e reis!

Povos, olhai! — As fachtas mortuárias  
São-lhe os louros, as palmas e os troféus, Povos,  
olhai! — As púrpuras cesáreas  
Valem acaso em face do Homem-Deus?

Vede! mana-lhe o sangue das feridas  
Como o preço da nossa redenção.  
Ide banhar os braços parricidas  
Nas águas desse fúnebre Jordão!

Ei-lo, vai sobre o alto do Calvário  
Morrer piedoso e calmo em uma cruz!  
Povos! naquele fúnebre sudário  
Envolto vai um sol de eterna luz!

## II

Era o dia tremendo do holocausto ...  
Deviam triunfar os fariseus ...  
A cidade acordou toda no fausto,  
E á face das nações matava um Deus!

Palpitante, em frenético delírio  
A turba lá passou: vai imolar!  
Vai sagrar uma palma de martírio,  
E é a frente do Gólgota o altar!

Em derredor a humanidade atenta  
Aguarda o sacrifício do Homem-Deus!  
Era o íris no meio da tormenta  
O martírio do filho dos Hebreus!

Eis o monte, o altar do sacrifício,  
Onde vai operar-se a redenção.  
Sobe a turba entoando um epinício  
E caminha com ele o novo Adão!

E vai como ia outróra ás sinagogas  
As leis pregar do Sião e do Tabôr!  
É que no seu sudário as alvas togas Vão  
cortar os tribunos do Senhor!

Planta-se a cruz. O Cristo está pendente.  
Cingem-lhe a fronte espinhos bem mortais,  
E cospe-lhe na face a turba ardente,  
E ressoam aplausos triunfais!

Ressoam como em Roma a populaça  
Aplaudindo o esforçado gladiador!  
É que são no delírio a mesma raça,  
A mesma geração tão sem pudor!

Ressoam como um cântico maldito  
Pelas trevas do século a vibrar!  
Mas as douradas leis de um novo rito  
Vão ali no Calvário começar!

Sim, é a hora. A humanidade espera  
Entre as trevas da morte e a eterna luz;  
Não é a redenção uma quimera,  
Ei-Ia simbolizada nessa cruz!

É a hora. Esgotou-se a amarga taça;  
Tudo está consumado; ele morreu.  
E aos cânticos da ardente populaça  
Em luto a natureza se envolveu!

Povos! realizou-se a liberdade,  
E toda consumou-se a redenção! Curvai-vos  
ante o sol da Cristandade  
E as plantas osculai do novo Adão!

Ide, ao som das sagradas melodias,  
Orar junto do Cristo como irmãos,  
Que os espinhos da fronte do Messias  
São as rosas da fronte dos cristãos!

Semana Santa de 1858.

## IV

### REFLEXO

Olha: vem sobre os olhos  
Tua imagem contemplar,  
Como as madonas do céu  
Vão refletir-se no mar  
Pelas noites de verão  
Ao transparente luar!

Olha e crê que a mesma imagem  
Com mais ardente expressão  
Como as madonas no mar  
Pelas noites de verão,  
Vão refletir-se bem fundo,  
Bem fundo — no coração!

## V

### PERDIÇÃO

*Oh! Ia fleur de l'Eden, pourquoi l'as-tu jannée  
Insouciant enfant, belle Eve aux blonds cheveux?*

A. de Musset.

Era uma pobre criança ...  
Pobre criança, si o eras!  
Entre as quinze primaveras  
De sua vida cansada  
Nem uma flor de esperança  
Abria a medo ... Eram rosas  
Que a doida da esperdiçada,  
Tão festivas, tão formosas,

Despencava pelo chão !  
Pobre criança, si o eras!  
Os carinhos mal gozados  
Eram por todos comprados,  
Que os affectos de su'alma  
Havia-os levado á feira,  
Onde vendera sem pena  
Até a ilusão primeira  
Do seu doido coração!

Pouco antes, a candura,  
Co'as brancas asas abertas,  
Em um berço de ventura  
A criança acalentava  
Na santa paz do Senhor!  
Para acordar era cedo,  
E a pobre ainda dormia  
Naquele mudo segredo,  
Que só abre o seio um dia  
Para dar entrada a amor.

Mas, por teu mal, acordaste!  
Junto do berço passou-te  
A festiva melodia  
Da sedução... e acordou-te!  
Colhendo as límpidas asas  
O anjo que te velava,  
Nas mãos trêmulas e frias  
Fechou o rosto... chorava!

Tu, na sede dos amores,  
Colheste todas as flores  
Que nas orlas do caminho  
Foste encontrando ao passar!  
Por elas um só espinho  
Não te feriu ... vais andando,.. Corre,  
criança, até quando  
Fores forçada a parar.



Então, desflorada a alma  
De tanta ilusão; perdida  
Aquela primeira calma  
De teu sono de pureza;  
Esfolhadas uma a uma  
Essas rosas de beleza  
Que se esvaem como escuma,  
Que a vaga cospe na praia  
E que por si se desfaz;  
Então, quando nos teus olhos  
Uma lagrima buscares,  
E secos, secos de febre,  
Uma só não encontrares  
Das que em meio das angústias  
São um consolo e uma paz;

Então, quando frio espectro  
Do abandono e da penúria  
Vier aos teus sofrimentos  
Juntar a última injúria;  
E que não vires ao lado  
Um rosto, um olhar amigo,  
D'aqueles que são agora  
Os desvelados contigo;  
Criança, verás o engano  
E o erro dos sonhos teus,  
E diras então já tarde  
Que por tais gozos não vale  
Deixar os braços de Deus!

## VI

### O SOFÁ

Oh! como é suave os olhos  
Sentir de gozo cerrar,  
Sobre um sofá reclinado  
Lindos sonhos a sonhar,  
Sentindo de uns lábios d'anjo  
Um medroso murmurar!

Um sofá! Mais belo símbolo Da  
preguiça outro não ha... Ai, que  
belas entrevistas  
Não se dão sobre um sofá,  
E que de beijos ardentes  
Muita boca aí não dá!

Um sofá! Estas violetas  
Murchas, secas, como estão, Sobre  
o seu sofá mimoso, Cheirosas,  
vivas então,  
Achei um dia perdidas Perdidas:  
por que razão?

Talvez ardente entrevista  
Toda paixão, toda amor,  
Fizesse ali esquecer-las ...  
Quem não sabe? sem vigor  
Estas flores só recordam  
Um passado encantador!

Um sofá! Ameno sítio  
Para colher um troféu,  
Para cingir duas frentes  
De amor num místico véu,  
E entre beijos vaporosos  
Da terra fazer um céu!

Um sofá! Mais belo símbolo  
Da preguiça outro não ha... Ai, que belas  
entrevistas  
Não se dão sobre um sofá,  
E que de beijos ardentes  
Muita boca aí não dá!

Dezembro, 1857.

## VII

### ALVARES DE AZEVEDO

Ao sr. dr. M. A. d'Almeida.

*Vejo em fúnebre cipreste  
Transformada a ovante palma!  
Porto-alegre.*

Morrer, de vida transbordando ainda,  
Como uma flor que ardente calma abrasal  
Águia sublime das canções eternas:  
Quem no teu vôo espedaçou-te a asa?

Quem nessa fronte que animava o gênio,  
A rosa desfolhou da vida tua?  
Onde o teu vulto gigantesco?  
Apenas Resta uma ossada solitária e nua!

E contudo, essa vida era abundante!  
E as esperanças e ilusões tão belas!  
E no porvir te preparava a pátria  
Da glória as palmas e gentis capelas.

Sim, um sol de fecunda inteligência  
Sobre essa fronte pálida brilhava,  
Que á face deste século de indústria  
Tantos raios ardentes derramava!

E pôde a morte destruir-te a vida!  
E dar á tumba a tua fronte ardente!  
Pobre moço! saudaste a estrela d'alva,  
E o sol não viste a refulgir no Oriente!

Morrer, de vida transbordando ainda,  
Como uma flor que ardente calma abrasa  
Águia sublime das canções eternas:  
Quem no teu vôo espedaçou-te a asa?

Voltaste á terra, só! — Não morrem Byrons:  
Nem finda o homem na friez da campá!  
Homem, tua alma aos pés de Deus fulgura,  
Teu nome, poeta, no porvir se estampa.

Não morreste! estalou a fibra apenas  
Que a alma á vida de ilusões prendia!  
Acordaste de um negro pesadelo,  
E saudaste o sol do eterno dia!

Mas cá fica no altar do pensamento  
Teu nome como um ídolo pomposo,  
Que a fama com o turíbulo dos tempos  
Perfuma de um incenso vaporoso!

E ao ramalhete das brasílias glórias,  
Mais uma flor angélica se enlaça,  
Que a brisa ardente do porvir passando  
Trêmula beija e a murmurar abraça!

Byron da nossa terra, dorme embora  
Envolto no teu fúnebre sudário,  
Murmure embora o vento dos sepulcros  
Junto do teu sombrio santuário.

Resta-te a c'rôa santa de poeta,  
E a mirra ardente da oração saudosa,  
E pelas noites calmas do silêncio  
Os séculos da lua vaporosa!

Ela te chora, e ali com ela a pátria,  
Pobre órfã de teus cânticos divinos,  
E das brisas na voz misteriosa,  
Da saudade e da dôr sagram-te os hinos!

Dorme junto de Chatterton, de Byron,  
Frontes sublimes, p'ra sonhar creadas,  
Almas pmas de amor e sentimento,  
Harpas santas, por anjos afinadas!

Dorme, na tua fria sepultura  
Guarda essa fronte vaporosa, ardente,  
Tu, que apenas saudaste a estrela d'alva  
E o sol não viste a refulgir no Oriente!

## VIII

### MARIA DUPLESSIS

*(A Dama das Camélias)*

(Imitação de Alexandre Dumas Filho!)

Fiz promessa, dizendo-te que um dia  
Eu iria pedir-te o meu perdão;  
Era dever, ir abraçar primeiro  
A minha doce e última afeição.

E quando ia apagar tanta saudade  
Encontrei já fechada a tua porta;  
Soube que uma recente sepultura  
Muda fechava a tua fronte morta.

Soube que após um longo sofrimento  
Agravara-se a tua enfermidade;  
Viva esperança que eu nutria ainda  
Despedaçou — cruel fatalidade!

Vi, apertado de fatais lembranças,  
A escada que eu subia tão contente;  
E as paredes, herdeiras do passado,  
Que vêm falar dos mortos ao vivente.

Subi, e abri com lágrimas a porta,  
Que ambos abrimos a chorar um dia;  
E evoquei o fantasma da ventura  
Que outrora um céu de rosa nos abria.

Sentei-me á mesa onde contigo outrora  
Em noites belas de verão — ceitava.  
Desses amores plácidos e amenos  
Tudo ao meu triste coração falava.

Fui ao teu camarim e vi-o ainda  
Brilhar com o esplendor das mesmas cores;  
E pousei meu olhar nas porcelanas  
Onde morriam inda algumas flores.

Vi aberto o piano onde tocavas;  
Tua morte o deixou mudo e vasio,  
Como deixa o arbusto sem folhagem  
Passando o vale — vaporoso estio!

Tornei a ver o teu sombrio quarto  
Onde estava a saudade de outros dias...  
Um raio iluminava o leito á sombra  
Onde, rosa de amor, já não dormias.

As cortinas abri — que te guardavam  
Da luz mortiça da manhã, querida,  
Para que um raio depuzesse um toque  
De prazer — nessa frente adormecida.



Era ali que, depois da meia-noite,  
Tanto amor nós sonhávamos outrora;  
E onde até o raiar da madrugada  
Ouvíamos bater — hora por hora!

Então olhavas tu a chama activa  
Correr ali no lar, como a serpente;  
É que o sono fugia de teus olhos  
Onde já te queimava a febre ardente.

Lembras-te agora, nesse mundo novo,  
Dos gozos desta vida em que passaste?  
Ouves passar no túmulo em que dormes  
A turba dos festins que acompanhaste?

A insônia, como um verme em flor que murcha  
De contínuo essas faces desbotava;  
E pronta para amores e banquetes  
Conviva e cortezã te preparava!

Hoje, Maria, entre virentes flores  
Dormes, — em doce e plácido abandono.  
A tua alma acordou mais bela e pura  
E Deus pagou-te o retardado sono!

Pobre mulher! em tua última hora  
Só um homem tiveste á cabeceira;  
E apenas dois amigos dos de outrora  
Foram levar-te á cama derradeira!

## IX

### Á MORTE DE LUDOVINA MOUTINHO

A bondade choremos inocente,  
Cortada em flor, que pela mão da morte,  
Nos foi arrebatada d'entre a gente.

(Camões, *Eleg.* XX).

Si, como outrora, nas florestas virgens,  
Nos fosse dado — o esquite que te encerra  
Erguer a um galho de árvore frondosa,  
Certo, não tinhas um melhor jazigo  
Do que ali, ao ar livre, entre os perfumes  
Da florente estação, imagem viva  
De teus cortados dias, e mais perto  
Do clarão das estrelas.

Sobre teus pobres e adorados restos,  
Piedosa, a noite, ali, derramaria  
De, seus negros cabelos puro orvalho;  
Á borda de teu último jazigo  
Os alados cantores da floresta

Iriam sempre modular seus cantos;  
Nem letra, nem lavor de emblema humano,  
Relembraria a mocidade morta;  
Bastava só que ao coração materno,  
Ao do esposo, ao dos teus, ao dos amigos,  
Um aperto, uma dôr, um pranto oculto,  
Dissesse: — Dorme aqui, perto dos anjos,  
A cinza de quem foi gentil transunto  
De virtudes e graças.

Mal havia transposto da existência  
Os dourados umbrais; a vida agora  
Sorria-lhe toucada dessas flores  
Que o amor, que o talento e a mocidade  
Á uma repartiam.

Tudo lhe era presságio alegre e doce;  
Uma nuvem sequer não sombreava,  
Em sua frente, o iris da esperança;  
Era enfim entre os seus a cópia viva  
Dessa ventura que os mortais almejam,  
E que raro a fortuna, avessa ao homem,  
Deixa gozar na terra.

Filha d'arte, uma parte de seus sonhos  
Nessa segunda mãe depositava;  
A sua estrela começava apenas  
A subir no horizonte, e a luz celeste  
Da santa inspiração dos escolhidos  
Já rutilava sobre a frente dela.

Oh! sem dúvida o gênio do teatro  
A bafejara no seu berço, e um dia,  
Pela mão do futuro coroadado,  
O seu busto gentil avultaria

Entre os filhos da glória.

Mas eis que o anjo pálido da morte  
A pressentiu feliz, e bela, e pura,  
E, abandonando a região do olvido,  
Desceu á terra, e sob a asa negra  
A fronte lhe escondeu; o frágil corpo  
Não pôde resistir; a noite eterna

Veio fechar-lhe olhos

Enquanto a alma abrindo

As asas rutilantes pelo espaço,  
Foi engolfar-se em luz, perpetuamente,  
No seio do infinito;

Tal a assustada pomba, que na árvore  
O ninho fabricou, si a mão do homem  
Ou a impulsão do vento, um dia abate  
O recatado asilo, abrindo o vôo,

Deixa os inúteis restos

E, atravessando airosa os leves ares,  
Vai buscar noutra parte outra guarida.

Hoje, do que era inda lembrança resta,  
E que lembrança!

Os olhos fatigados

Parecem ver passar a sombra dela;

O atento ouvido inda lhe escuta os passos;

E as teclas do piano, em que seus dedos  
Tanta harmonia despertavam antes,  
Como que soltam essas doces notas  
Que outrora ao seu contacto respondiam...  
Ah! pezava-lhe este ar da terra impura, Faltava-lhe  
esse alento de outra esfera,  
Onde, noiva dos anjos, a esperavam  
As palmas da virtude.

Mas, quando assim a flor da mocidade  
Toda se esfolha sobre o chão da morte,  
Senhor, em que firmar a segurança,  
Das venturas da terra? Tudo morre;  
Á sentença fatal nada se esquivava,  
O que é fruto e o que é flor. O homem cego  
Cuida haver levantado em chão de bronze  
Um edifício resistente aos tempos,  
Mas lá vem dia, em que, a um leve sopro,  
O castelo se abate,  
Onde, doce ilusão, fechado havias  
Tudo o que de melhor a alma do homem  
Encerra de esperanças.

Dorme, dorme tranqüila  
Em teu último asilo; e si eu não pude  
Ir espargir também algumas flores  
Sobre a lágea da tua sepultura;  
Si não pude, — eu que ha pouco te saudava  
Em teu erguer, estrela! — os tristes olhos  
Banhar nos melancólicos fulgores,

Na triste luz do teu recente ocaso,  
Deixo-te ao menos nestes pobres versos  
Um penhor de saudade; e lá na esfera,  
Aonde aprouve ao Senhor chamar-te cedo  
Possas tu ler nas pálidas estrofes  
A tristeza do amigo.

*Diário do Rio de Janeiro, 17 de junho de 1861.*

## X

### CORAÇÃO PERDIDO

Buscas de balde o meigo passarinho  
que te fugiu.

Como quer que isso foi, o  
coitadinho

no brando ninho  
já não dormiu.

O coitado abafava na gaiola,  
faltava-lhe o ar;  
como foge um menino de uma  
escola

o mariola  
deitou-se a andar.

Demais, o pobrezito nem sustento  
podia ter;  
nesse triste e cruel recolhimento  
o simples vento  
não é viver.

Não te arrepeles. Dá de mão ao pranto;

isso que tem?

Eu sei que ele fazia o teu encanto;  
mas chorar tanto  
não te convém.

Nem vás agora armar ao bandoleiro  
um alçapão;  
passarinho que, sendo prisioneiro,  
fugiu matreiro,  
não volta, não!

1862



## XI

### AS ONDINAS

(Noturno de H. Heine)

Beijam as ondas a deserta praia;  
Cai do luar a luz serena e pura;  
Cavaleiro na areia reclinado  
Sonha em horas de amor e de ventura.

As ondinas, em nívea gaze envoltas,  
Deixam do vasto mar o seio enorme,  
Tímidas vão, acercam-se do moço,  
Olham-se e entre si murmuram: «Dorme!»

Uma — mulher enfim — curiosa palpa  
Do seu penacho a pluma flutuante,  
Outra procura decifrar o mote  
Que traz escrito o escudo rutiante.

Esta, risonha, olhos de vivo fogo,  
Tira-lhe a espada límpida e lustrosa,  
E apoiando-se nela — a contemplá-la  
Perde-se toda em êxtase — amorosa.

Fita-lhe aquela namorados olhos.

E após girar-lhe em torno embriagada,  
Diz: «Que formoso estás, ó flor da guerra,  
Quanto te eu dera por te ser amada!»

Uma, tomando a mão ao cavaleiro,  
Um beijo imprime-lhe; — outra, duvidosa,  
Audaz, por fim, a boca adormecida  
Casa em um beijo á boca desejosa.

Faz-se de sonso o jovem; caladinho  
Finge do sono o plácido desmaio,  
E deixa-se beijar pelas ondinas  
Da branca lua ao doce e brando raio.

## XII

### ANTES DA MISSA

Conversa de duas damas

*(D. Loura entra com um livro de missa na mão  
Beatriz vem recebê-la).*

D. BEATRIZ

Ora esta! Pois tu, que és a mãe da preguiça, Já tão cedo na rua! Onde vais?

D. LAURA

Vou á missa;

A das onze, na Cruz. Pouco passa das dez; Subi para puxar-te as orelhas. Tu és A maior caloteira...

D. BEATRIZ

Espera; não acabes,  
O teu baile, não é? Que queres tu? Bem sabes  
Que o senhor meu marido, em teimando, acabou.  
«Leva o vestido azul»—«Não levo»—«Has de ir»—  
«Não Vou, não vou; e a teimar deste modo, perdemos  
Duas horas. Chorei! Que eu, em certos extremos,  
Fico que não sei mais o que fazer de mim.

Chorei de raiva. A's dez, veio o tio Delfim;  
Prégou-nos um sermão dos tais que ele costuma,  
Ralhou muito, falou, falou, falou... Em suma,  
(Terás tido também essas coisas por lá)  
O arrufo terminou entre o biscoito e o chá.

D. LAURA

Mas a culpa foi tua.

D. BEATRIZ

Essa agora!

D. LAURA

O vestido

Azul... E' o azul-claro? aquele guarnecido  
De franjas largas?

D. BEATRIZ

Esse.

D. LAURA

Acho um vestido bom.

D. BEATRIZ

Bom! Parece-te então que era muito do tom Ir com  
ele, num mês, a dois bailes?

D. LAURA

Lá isso

É verdade.

D. BEATRIZ

Levei-o ao baile do Chamisso.

D. LAURA

Tens razão; na verdade, um vestido não é  
Uma opa, uma farda, um carro, uma libre.

D. BEATRIZ

Que dúvida!

D. LAURA

Perdeste uma festa excelente.

D. BEATEIZ

Já me disseram isso.

D. LAUKA

Havia muita gente,

Muita moça bonita e muita animação.

D. BEATRIZ

Que pena! Anda sentar-te um bocadinho.

D. LAURA

Não;

Vou á missa.

D. BEATRIZ

Inda é cedo; anda contar-me a festa.

Para mim, que não fui, cabe-me ao menos esta

Consolação.

D. LAURA (*indo sentar-se*)

Meu Deus! faz calor !

D. BEATRIZ

Dá cá

O livro.

D. LAURA

Para que? Ponho-o aqui no sofá. D.

BEATRIZ

Deixa ver. Tão bonito! e tão mimoso! Gósto  
De um livro assim; o teu é muito lindo; aposto  
Que custou alguns cem ..

D. LAURA

Foi comprado em Paris;  
Cincoenta francos.

D. BEATRIZ

Sim? Barato. E's mais feliz.  
Do que eu. Mandeí vir um, ha tempos, de Bruxelas;  
Custou caro, e trazia as folhas amarelas,  
Umas letras sem graça, e uma tinta sem côr.

D. LAURA

Ah! mas eu tenho ainda o meu fornecedor.  
Ele é que me arranjou este chapéu. Sapatos,  
Não me lembra de os ter tão bons e tão baratos»  
E o vestido do baile? Um lindo gorgorão  
Gris-flerle; era o melhor que lá estava.

D. BEATRIZ

Acabou tarde?

Então,

D. LAURA

Sim; á uma, foi a ceia;  
E a dansa terminou depois de três e meia,  
Uma festa de truz. O Chico Valadão,  
Já se sabe, foi quem regeu o cotilhão.

D. BEATRIZ

Apesar da Carmela?

D. LAURA

Apesar da Carmela.

D. BEATRIZ

Esteve lá?

D. LAURA

Esteve e digo. era a mais bela  
Das solteiras. Vestir, não se soube vestir;

Tinha o corpinho curto, e mal feito, a sair Pelo  
pescoço fora.

D. BEATRIZ

A Clara foi ?

D. LAURA

Que Clara?

D. BEATRIZ

Vasconcelos.

D. LAURA

Não foi; a casa é muito cara.

E a despesa é enorme. Em compensação, foi  
A sobrinha, a Oarcez; essa (Deus me perdoe!)  
Levava no pescoço umas pedras taludas,  
Uns brilhantes..,

D. BEATRIZ

Que tais?

D. LAURA

Oh! falsos como Judas!

Também, pelo que ganha o marido, não ha  
Que admirar. Lá esteve a Gertrudinhas Sá;  
Essa não era assim; tinha jóias de preço.  
Ninguém foi com melhor e mais rico adereço.  
Compra sempre fiado. Oh! aquela é a flor  
Das viúvas.

D. BEATRIZ

Ouvi dizer que ha um

doutor...

D. LAURA

Que doutor?

D. BEATRIZ

Um dr. Sp.ares que suspira,  
Ou suspirou por ela.

D. LAÛRA

Ora esse é um gira

Que pretende casar com quanta moça vê.

A Gertrudes! Aquela é fina como quê.

Não diz que sim, nem não; e o pobre do Soares,

Todo cheio de si, creio que bebe os ares

Por ela... Mas ha outro.

D. BEATRIZ

Outro ?

D. LAÛRA

Isto fica aqui;

Ha coisas que eu só digo e só confio a ti.

Não me quero meter em negócios estranhos.

Dizem que ha um rapaz, que quando esteve a banhos

No Flamengo, ha um mês, ou dois meses, ou três,

Não sei bem; um rapaz... Ora, o Jucá Valdez!

D. BEATRIZ O

Valdez!

D. LAÛRA

Junto dela, ás vezes, conversava

A respeito do mar que ali se espreguiçava,

E não sei si também a respeito do sol;

Não foi preciso mais; entrou logo no rol

Dos fiéis e ganhou (dizem), em poucos dias,

O primeiro lugar.

D. BEATRIZ

E casam-se?

D. LAÛRA

A Farias

Diz que sim; diz até que eles se casarão

Na véspera de Santo Antônio ou São João.



D. BEATRIZ

A Farias foi lá á tua casa ?

D. LAURA

Foi;  
Valsou como um pião, e comeu como um boi.

D. BEATRIZ

Come muito então?

D. LAURA

Muito, enormemente; come  
Que, só vê-la comer, tira aos outros a fome.  
Sentou-se ao pé de mim. Olha, imagina tu  
Que varreu, num minuto, um prato de peru,  
Quatro croquettes, dois pastéis de ostras, fiambre;  
O cônsul espanhol dizia: «Ah Dios, que hambre!»  
Mal me pude conter. A Carmozina Vaz.  
Que a detesta, contou o dito a um rapaz.  
Imagina si foi repetido; imagina!

D. BEATRIZ

Não aprovo o que fez a outra.

D. LAURA

A Carmozina?

D. BEATRIZ

A Carmozina. Foi leviana; andou mal,  
Lá porque ela não come ou só come o ideal...

D. LAURA

O ideal são talvez os olhos do Antonico?

D. BEATRIZ

Má lingua!

D. LAURA (*erguendo-se*)

Adeus!

D. BEATRIZ

Já vais?

D. LAURA

Vou já.

D. BEATRIZ

Fica!

D. LAURA

Não fico

Nem um minuto mais. São dez e meia.

D. BEATRIZ

Vens

Almoçar ?

D. LAURA

Almocei.

D. BEATRIZ

Vira-te um pouco; tens  
Um vestido chibante!

D. LAURA

Assim, assim.

Lá ia Deixando o livro. Adeus! Agora até um dia.  
Até logo; valeu ? Vai lá hoje; has de achar  
Alguma gente. Vai o Mateus Aguiar.  
Sabes que perdeu tudo? O pelintra do sogro  
Meteu-o no negócio e pespegou-lhe um logro.

D. BEATRIZ

Perdeu tudo ?

D. LAURA

Não tudo; ha umas casas, seis,  
Que ele pôs, por cautela, a coberto das leis.

D. BEATRIZ

Em nome da mulher, naturalmente?

D. LAURA

Boas!

Em nome de um compadre; e inda ha certas pessoas  
Que dizem, mas não sei, que esse logro fatal  
Foi tramado entre o sogro e o genro; é natural.  
Além do mais, o genro é de matar com tédio.

D. BEATRIZ

Não devias abrir-lhe a porta.

D. LAURA

Que remédio!

Eu gosto da mulher; não tem mau coração;  
Um pouco tola... Enfim, é nossa obrigação  
Aturarmo-nos uns aos outros.

D. BEATRIZ

O Mesquita

Brigou com a mulher?

D. LAURA

Dizem que se desquita.

D. BEATRIZ

Sim?

D. LAURA

Parece que sim.

D. BEATRIZ

Por que razão?

D. LAURA (*vendo o  
relógio*)

Jesus!

Um quarto para as onze! Adeus! Vou para a Cruz.

*(Vai a sair e pára)*

Cuido que ela queria ir á Europa; ele disse

Que antes de um ano mais, ou dois, era tolice.

Teimaram, e parece (ouviu-o o Nicolau)

Que o Mesquita passou da lingrua para o pau,

E lhe fez um discurso hiperbólico e cheio De imagens.

A verdade é que ela tem no seio

Um sinal roxo; enfim vão desquitar-se.

D. BEATRIZ

Vão

Desquitar-se!

D. LAURA

Parece até que a petição

Foi levada a juizo. Ha de ser despachada

Amanhã; disse-o hoje a Luizinha Almada,

Que eu por mim nada sei. Ah! feliz, tu, feliz,

Como os anjos do céu! tu sim, minha Beatriz!

Brigas por um vestido azul; mas chega o urso

De teu tio, desfaz o mal com um discurso,

E restauras o amor com dois goles de chá!

D. BEATRIZ *(rindo)*

Tu nem isso!

D. LAURA

Eu cá sei.

D. BEATRIZ

Teu marido?

D. LAURA

Não ha

Melhor na terra; mas ...

D. BEATRIZ

Mas ? . . .

D. LAÛRA

Os nossos maridos

São, em geral, não sei ... Uns tais aborrecidos!  
O teu, que tal ?

D. BEATRIZ

É bom.

D. LAURA

Ama-te?

D. BEATRIZ

Ama-me.

D. LAÛRA

Tem

Carinhos por ti?

D. BEATRIZ

De certo.

D. LAÛRA

O meu também

Acarinha-me; é terno; inda estamos na lua  
De mel. O teu costuma andar tarde na rua?

Não.

D. BEATRIZ

D. LAURA

Não costuma ir ao teatro?

D. BEATRIZ

Não vai.

D. LAURA

Não sai para ir jogar o volatrete?

D. BEATRIZ

Sai

Raras vezes.

D. LAURA

Tal qual o meu. Felizes ambas!  
 Duas cordas que vão unidas ás caçambas.  
 Pois olha, eu suspeitava, eu tremia de crer  
 Que houvesse entre vocês qualquer coisa... Ha de haver  
 Lá um arrufo, um dito, alguma coisa e... Nada ? Nada mais?  
 E' assim que a vida de casada  
 Bem se pode dizer que é a vida do céu.  
 Olha, arranja-me aqui as fitas do chapéu.  
 Então? espero-te hoje? Está dito?

D. BEATRIZ

Está dito.

D. LAURA

De caminho verás um vestido bonito:  
 Veio-me de Paris; chegou pelo Poitou.  
 Vai cedo. Pôde ser que haja música. Tu  
 Has de cantar comigo, ouviste?

D. BEATRIZ

Ouvi.

D. LAURA

Vai cedo.

Tenho medo que vá a Claudina Azevedo,  
 E terei de aturar-lhe os mil achaques seus.  
 Quasi onze, Beatriz! Vou ver a Deus. Adeus!

# ÍNDICE

	Pag.
Prefácio .....	5
FANTASIAS:	
Um cão de lata ao rabo .....	9
Filosofia de ura par de botas .....	21
REVISTA DRAMÁTICA:	
I— <i>Mãe</i> , de José de Alencar .....	37
II — <i>Dalila</i> , de Octavio Feuillet. — <i>Espinhos e Flores</i> , de Camilo Castelo-Branco ....	47
III— <i>Os Mineiros da Desgraça</i> , de Quintino Bocayuva .....	57
IV — João Caetano .....	65
V—O caso Ferrari .....	75
CRÍTICA LITERÁRIA:	
I— <i>Compêndio da gramática portuguesa.</i> — <i>A memória de Pedro V.</i> — 2. <sup>a</sup> <i>Egloga de Virgílio.</i> — <i>Mãe</i> , drama de José de Alencar .....	87
II — <i>Flores e frutos</i> , de Bruno Seabra .....	97
III — <i>Revelações</i> , de A. E. Zaluar .....	103
IV— <i>A Constituinte perante a história</i> , de Ho mem de Melo.— <i>Sombras e luz</i> , de B. Pinheiro .....	111
V— <i>Peregrinação pela província de S. Paulo</i> , de A. E. Zaluar .....	123
IV — <i>Iracema</i> , de José de Alencar .....	129
VII — <i>Lira dos Vinte anos</i> , de Alvares de Azevedo .....	141
VIII — <i>Castro Alves</i> .....	147
IX — <i>Garrett</i> .....	161

POESIAS:

	Pag.
I — Cognac.....	167
II —Vai-te! .....	169
III — A morte no Calvário .....	171
IV — Reflexo .....	175
V — Perdição .....	177
VI — O sofá.....	181
VII — Alvares de Azevedo.....	183
VIII — Maria Duplessis .....	187
IX — Á morte de Ludovina Moutinho .....	191
X — Coração perdido .....	197
XI — As Ondinas .....	199
XII — Antes da missa .....	201